

- Novela de ERICO CRAMER -

422 CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quadregésimo primeiro capítulo desta novela, deixamos Reginaldo e Márcia, no quarto desta, de manhã cedo, quando o velho mordomo fôra levar-lhe o café. E a conversa entre âles foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME

REGINALDO - Quer servir o café, ou prefere você mesma servir?

MÁRCIA - Não, Reginaldo, obrigada. Eu prefiro esperar que esfrie um pouco. Pela fumaça que faz, deve estar muito quente.

REGINALDO - Ah está. Está tudo bem quentinho. Sabe que eu tenho uma novidade muito grande para você, hoje?

MÁRCIA - O que é? O jornal diz qualquer coisa sobre Fernando?

REGINALDO - Não. O jornal não diz, mas a novidade que eu tenho para você é a respeito dele.

MÁRCIA - A Doquinha esteve aí? Trouxe algum recado?

REGINALDO - Não. A Doquinha não esteve nem trouxe recado algum, mas eu vou dizer a você que, ha pouco, falei com o próprio Fernando.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SURPRESA

MÁRCIA - O que foi que você disse, Reginaldo? Eu acho que não ouvi direito. Você disse que falou com o próprio Fernando?! Mas onde? Fale logo. Diga de uma vez, Reginaldo. Eu disse a você que falei hoje, ha pouco, com o próprio Fernando e que você também poderá falar, se quiser.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE ADMIRACÃO.

MÁRCIA - (AGITADA) Mas como? Onde? Que aconteceu? Você está me deixando nervosa, Reginaldo. Diga logo tudo, vamos.

REGINALDO - Tome o seu café, levante-se, arrume-se bem bonita que eu vou levá-la ao encontro de Fernando.

MÁRCIA - Mas onde éle está? Quero saber.

REGINALDO - Aqui mesmo. Escondido de todos, no quartinho dos apetrechos do jardim.

08.11.  
2011

MÁRCIA - Mas então leve esta bandeija de volta que eu vou me preparar em cinco minutos, para ir ao encontro dele.

REGINALDO - Tome uma golinhas só de café.

MÁRCIA - Nada. Não quero nada. A única coisa que quero é ver Fernando e falar-lhe o quanto antes. Alcance-me aquele pegnoir, por favor, Reginaldo.

REGINALDO - Sim senhora. (PAUSA) Está. Vou levar a bandeija de volta...

MÁRCIA - Não, não não, espere. Eu vou me vestindo ali atrás daquele biombo e você vai me contando como tudo aconteceu.

REGINALDO - Quem poderá melhor contar tudo a você é o seu novo apaixonado. O Beto. Afinal, segundo me consta, tudo foi trabalho dele.

MÁRCIA - Ele tinha me prometido libertar Fernando, mas havia me prevenido que levaria algum tempo porque a missão não era nada fácil e precisava ser muito bem estudada.

REGINALDO - É, de fato não deve ter sido nada fácil, mas a verdade é que ele conseguiu. Que exigiu ele em retribuição?

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

REGINALDO - (DEPOIS DE PAUSA) Você não vai me dizer que ele fez isto apenas para lhe ser agradável e sem exigir nada em troca?

MÁRCIA - Bem, ele... ele me fez prometer que seria sua amiga de hoje em diante.

REGINALDO - Amiga? Não sei, não. Beto não é homem para se satisfazer com a amizade de ninguém. Em todo o caso espero que você não se tenha comprometido com ele.

MÁRCIA - (DESPISTANDO) Não, não, Reginaldo, não. Pode ficar tranquilo.

REGINALDO - Não vou ficar tranquilo em quanto não souber tudo direitinho.

MÁRCIA - Já está sabendo. Foi exatamente isto que eu lhe disse. Mas conte-me, agora, como foi que Fernando apareceu aí?

REGINALDO - Beto havia prevenido Nadinho pelo telefone, ontem à noite. Nadinho foi obrigado a me revelar o segredo porque precisava-se arrumar uma cama, embora fosse apenas para o dia de hoje e uma parte da noite. Você compreende que ele não poderá ficar escondido aqui por muitos motivos.

MÁRCIA - Claro. Especialmente por papai.

REGINALDO - Acho que especialmente por Nadinho. Já pensou se a polícia ~~estivesse~~ chegasse a descobri-lo aqui, o que poderia acontecer ao seu irmão?

MÁRCIA - Nem é bom falar, Reginaldo.

REGINALDO - Bem, eu vou levar a bandeija do café de volta e depois vou ao quartinho do jardim anunciar a sua visita para dentro de poucos momentos. Ele deve estar tanto ou mais aflito que você.

MÁRCIA - Diga-lhe que irei em seguida.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

C/REGRA - Tres batidas DISCRETAS EM PORTA DE MADEIRA, RUIDO DE CORRER TRINCO, PORTA RANGE AO ABRIR.

FERNANDO - Ué, você Nadinho? Pensei que estava no bom do sono.

NADINHO - Não consegui dormir, fiquei cansado da cama e me levantei, O Reginaldo pediu pra avisá a você que já contou pra Márcia que você está aqui e que não demora ela vem. Está se arrumando.

FERNANDO - Que bom, eu tenho tanta coisa pra falar com ela, tanta! Mas o principal de tudo é dar-lhe uma explicação do que aconteceu, pra que ela não fique fazendo mau juízo de mim.

NADINHO - Ela não faz mau juízo de você. Ela sabe que aconteceu alguma coisa que impediu de que as coisas corresse como estavam pra vistas.

FERNANDO - Mas independente disto, eu tenho muitas outras coisas a dizer-lhe. Você não sabe quanto tempo vou permanecer aqui?

NADINHO - Penso que só o dia de hoje. O Beto ia providenciar passagem pra hoje de noite, não sei para onde.

FERNANDO - Si eu ao menos soubesse para onde me mandam...

NADINHO - Eles não dizem coisa na hora. Você sabe como é que a turma trabalha.

FERNANDO - Se me largam num ônibus, assim, sem mais nem menos, eu não vou muito longe e sou recapturado.

NADINHO - Não, mas eles vão tomá providências. Disto você não precisa tê receio.

- FERNANDO - Não sei não. É preciso que você não esqueça que eu e Beto somos rivais e que êle nunca soube fazer sinão jogo sujo.
- NADINHO - Bem... não será demais que você esteja prevenido e se cuide o mais que puder.
- FERNANDO - O jardineiro sabe que eu estou aqui?
- NADINHO - Por que?
- FERNANDO - Porque hoje, muito cedo, andou tentando abrir a porta. Depois, viu que não conseguia e foi embora. Eu fiquei preocupado.
- NADINHO - É que nós nos esquecemos de avisá-lo, mas agora já está tudo ôquêi. Reginaldo dispensou o trabalho dele hoje e amanhã. O velhote saiu feliz da vida. Dois dias de descanso sem esperar.
- FERNANDO - Márcia está demorando. Será que aconteceu alguma coisa e ela não pode vir?
- NADINHO - Que aconteceu, nada. Ela está se fazendo bonita. É isto o que está acontecendo. Mulher você já sabe como é: sem namorado ela já leva um ano pra se aprontá, com namorado leva dez. Bom, eu vô andá; você quê alguma coisa?
- FERNANDO - Nada, não, obrigado. Tem tudo aí, cigarros, biscoitos, frutas, rádio, aparelho de barba... acho que não faltou nada. Quem cuidou do meu alojamento cuidou com carinho.
- NADINHO - Foi o Reginaldo. Bem, lá vem a Márcia. Eu vou cá fora pra deixá vocês em liberdade. Qualquer coisa, já sabe: prende o assobio. Tchau.
- FERNANDO - Tchau, Nadinho, obrigado.
- C/REGRA - TRINCO DE PORTA QUE NEM CORRE. PORTA QUE ABRE RANGENDO.
- NADINHO - (2º PLANO) Que é que tá esperando, Márcia? Entra. Ele tá te esperando.
- C/REGRA - PAUSA. RANGER DE PORTA FECHANDO. RUIDO DE TRINCO FECHANDO
- FERNANDO - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Entre. Está com medo?
- MÁRCIA - Não. É a emoção... que me tolhe a voz... e os movimentos...
- FERNANDO - (PAUSA) Querida, eu que... que desejei tanto êste momento... eu que... que tinha tanto o que lhe dizer... agora... diante de você... sinto-me como um colegial nervoso... diante da banca de exame...

MÁRCIA - Não precisa dizer nada. Abrace-me forte.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO DE MÚSICA ROMÂNTICA, PRÓPRIA PARA IDILIO

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA) Assim. E agora... beije-me. (BEIJO) Outra vez.  
(PAUSA BEIJO) Querido!...

FERNANDO - Meu amor!... Este momento de felicidade compensa-me de todos os sofrimentos que esta infeliz aventura me fez experimentar.

MÁRCIA - Eu também estou feliz, Fernando. Muito feliz! E ainda que este instante nunca mais se repita em minha vida... esta lembrança me permitirá dizer, na minha velhice: um dia eu fui feliz.

FERNANDO - Por que não há de se repetir, Márcia? Eu hei de poder voltar um dia e se isto, por desgraça, não acontecer, você poderá ir so meu encontro onde eu estiver. Ou você não se animará?

MÁRCIA - (UM TANTO ABSORTA, PENSANDO NO SEU COMPROMISSO COM BETO) Sim... sim... naturalmente que vou me animar; por que não?

FERNANDO - Eu escreverei a você, de onde estiver e você irá encontrar-me, seja onde for. Promete?

MÁRCIA - Sim, sim... eu... eu vou, sim... eu vou encontrá-lo, seja onde for. Eu vou...

FERNANDO - Você não me parece muito convieta do que está dizendo, Márcia. Por que? O que se passa com você? Diga.

M-ARCIA - Não, não... eu estou, sim... eu... eu estou... Creio que o que você está extranhando em mim é a emoção que me dominou, só isso.

~~MÁRCIA~~ FERNANDO - Márcia, vamos sentar. Temos tanto que dizer um ao outro... Não posso oferecer cadeira, porque não existe aqui. Sente ~~sentar~~ na cama mesmo. Naturalmente que não vai ficar tão bem como numa poltrona, mas...

MÁRCIA - (CORTANDO) Estando ao seu lado, Fernando eu estou muito bem e estou feliz.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Dormiu, hein seu Beto? E roncou que parecia panela de pressão. Sabe que hora é?

BETO - Ia mesmo te perguntá. x

DOQUINHA - Quagi sete hora da noute. Hora de janta, bem digê.

BETO - Puxa, vida! E eu tenho tanto que fazê. Tenho que vê uma passage pra aquele cara, pra exportá êle duma veiz, tenho que prepará o passaporte dele - Bom, o passaporte é só tirá o retrato dele de padre e colá - mas tenho que arrumá a peruca e as barba e a leg nora, a esta hora, é capaz de já tá co o instituto fechado. (TOM) Doquinha, prepara um troço aí ligeiro pra eu comê e vai na Bomba de gasolina telefoná pra Leonora, diz que ela espere no Instituto que eu preciso dela ainda hoje.

DOQUINHA - Esse hora ela num tá mais lá. O mió de tudo é o sinhô cumê e depois i na casa dela que aí é certo do sinhô incontrá ela.

BETO - É, então faz um grude qualquer aí pra mim que eu como e vou. Tem carne aí, não tem?

DOQUINHA - Um pedaço só. Dá pra fazê um carreteiro ou dois bife. Mas o que é que o sinhô perfere?

BETO - Um carreteiro mesmo.

DOQUINHA - Como é? Tá se alebrando do pedádo que eu lhe fiz?

BETO - Que pedido?

DOQUINHA - Tá vendo, ó. Nem tá se alebrando. Eu quero que o sinhô tire o meu nêgo das grade que nem tirô o seu Fernando. Já ãhe pídi hoje de minhã e o sinhô me prometeu, tá? Agora vê se vai saí fora da xirings e dizê que não prometeu, como é o teu jeito.

BETO - Eu me lembro de tu tê me pedido, mas não me lembro de tê te prometido.

DOQUINHA - Ah, não se alebra, é? Pois fica sabendo que prometeu e se não compri, vai tê.

BETO - (ZANGADO) Vai tê o que? O que que vai tê? Aqui só quem ameaça sou eu, tá entendendo. Eu quero sabê o que é que vai tê.

DOQUINHA - Vai tê que nós vamo brigá. Cortemo relação. Num fimo mais contigo nem óio pra tua cara.

BETO - E eu vou ficá muito triste por causa disto. Vai, anda, Prepara duma vez o meu jantar que eu já te disse que vou ter que sair em seguida.

DOQUINHA - Já vô. Mas procura te alebrá do que se pídi. Tô te avisando.

BETO - Vou tê que dá um gelto nessa negra. Não gosto que ninguém me ameace. Ninguém.

OPERADOR - GORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Você sabe que eu fiquei tão impressionada do barulho que ouvi esta noite no jardim que, de manhã, desci e fui olhar se não havia marcas de pisadas.

HERMES - E encontrou?

EUGÊNIA - Encontrei. No canteiro de miosótis, aquele que está no caminho da garage, havia marcas de pés inzeirinhos na terra fôfa.

HERMES - Mas você disse que ouvia nitidamente passos no pedregulho e, realmente, na terra fôfa você não poderia ouvir nada, lá de cima.

EUGÊNIA - Com certeza, depois que fizemos luz e abrimos a janela, eles trataram de andar pela terra do canteiro, para que não se ouvisse seus passos. De qualquer forma, o que eu quizes constatar e constatei, é que não tinha sido apenas uma impressão de minha parte.

HERMES - E você perguntou se alguém teria saído de casa durante a noite?

EUGÊNIA - Por que? Quem você acha que seria capaz de sair escondido?

HERMES - Nadinho está prêso em casa, sob palavra, é moço, acostumado a uma vida de completa liberdade, poderia, muito bem, sair para uns "bordejós" como êle costumava dizer naquela sua linguagem abominável que tanto mal estar me causava.

EUGÊNIA - Nadinho não sei. Não lhe perguntei nada, mas casualmente ouvi quando êle disse a Reginaldo que passara longa parte de noite acordado com uma insônia tremenda. As meninas também queixaram-se de insônia e estiveram grande parte da noite a conversar, as duas, sem poder dormir. Sendo assim, a única pessoa de quem se poderia suspeitar seria de Reginaldo.

HERMES - E que iria fazer o pobre velhote, de madrugada, na rua? Este mesmo é que eu não acredito que tivesse saído.

EUGÊNIA - Então está mesmo confirmado que andou gente no jardim esta noite. Seria bom que você avisasse à polícia para que eles mandassem novamente guardas para vigiar à noite como estavam fazendo

e suspenderam.

HERMES - Você tem razão. Acho que vou telefonar agora mesmo para o delegado e contar o que se passou.

REGINALDO - (AFASTADO) Dá licença, doutor Hermes?

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO APROXIMANDO-SE.

REGINALDO - O cafésinho.

HERMES - Ótimo. Você até parece que adivinhou. Eu ia me levantar para telefonar ao delegado e ia lhe pedir um cafésinho.

C/REGRA - RUIDO DE CHICARA DE CAFÉSINHO, MEKIER ASSUGAR, ETC.

REGINALDO - Desculpe, mas... o senhor ia telefonar ao delegado por que?

HERMES - Por causa de um barulho que Eugênia ouviu esta noite no jardim.

EUGÊNIA - Andou gente no jardim e eu achei melhor que se avisasse a polícia para que mandassem outra vez um guarda para ficar aí de plantão a noite toda.

OPERADOR - ACORDE DE SUETO.

REGINALDO - Um guarda? De plantão a noite toda? Não vejo necessidade. Não houve, sequer, a tentativa de forçarem uma porta, nada...

HERMES - É, mas em todo caso Eugênia verificou que havia marcas de pés no canteiro de miosótis e mais vale prevenir do que remediar. Vou telefonar, sim.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

FERNANDO - Conversamos tanto... falamos tanto... dissemos tantas coisas um ao outro e afinal eu ainda não expliquei a você porque meu plano falhou e eu fui preso como participante do assalto.

MÁRCIA - Si é para me contar, estou pronta a ouvir; para justificar-se, não, porque eu nunca acreditel que você tivesse agido de má fé conosco. E se tivesse acreditado, não estaria aqui agora com você.

FERNANDO - Obrigado pela confiança. É altamente confortadora para mim. Mas deixe-me contar-lha. As últimas determinações de um plano de organização só nos eram reveladas momentos antes de darmos início ao nosso trabalho. Antecipadamente ninguém sabia bem o que iria fazer.

MÁRCIA - Eu sei. Nadinho já nos tinha explicado esse detalhe.

FERNANDO- Eu mandei um aviso à polícia para que puzesse dois guardas do lado de fora da porta do gabinete da presidência e aprisionasse um homem que sairia com a cabeça enrolada em gazes, portando uma pasta e não se preocupasse com o outro que fingiria estar protegendo a sua retirada, porque esse outro seria o autor da denúncia e não faria nada aos policiais. Acontece que esse aviso foi levado por Doquinha a um amigo meu, num posto de gasolina perto de onde nós estávamos e só chegou às mãos dele depois do fato consumado. O resultado foi o que você viu.

MÁRCIA - E esse bilhete, estará, ainda, com o seu amigo?

FERNANDO- Por que?

MÁRCIA - Seria uma prova importantíssima para inocentá-lo. Principalmente se estivesse datado.

FERNANDO - Não me lembro e quanto a estar ou não com o meu amigo já pouco me adianta porque não poderei mais voltar a falar com ele.

MÁRCIA - Mas eu poderei fazer isto para você e acredite que vou fazer.

FERNANDO - É melhor que você não se envolva.

MÁRCIA - E por que não? Para salvá-lo farei até ao fim do mundo, se for preciso.

FERNANDO- Peça à Doquinha que ela localizará o meu amigo para você.

MÁRCIA - Bem, agora vou ficar um pouco lá por casa e à tardinha voltarei para estarmos juntos novamente.

FERNANDO - Eu ficarei à sua espera, querida. Não demore muito.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Você fez mal, Reginaldo. Você não devia ter deixado o velho avisar a polícia. Vai complicar tudo, agora. Você já pensou como é que o Fernando vai sair durante a noite?

REGINALDO - Já pensei tudo, não se preocupe. Na hora do Fernando sair eu vou chamar o guarda para tomar café. Ele entra eu embro pra servir e nesse meio tempo Fernando escapa.

NADINHO - Mas vamos dizer que o guarda não queira café? Como é que nós vamos fazer?

*[Handwritten scribbles and illegible text at the bottom of the page]*

REGINALDO - Quem é que vai recusar um bom café quente numa noite fria, Nadinho? Esteja tranquilo que isto não vai acontecer, si Deus quizer. E agora é bom que você providencie para avisar seu amigo Beto pra ele saber que o jardim vai ficar guardado outra vez, a partir desta noite.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Mais uma vez estou eu envolvida com vocês, sem querer.

BETO - Sem querer?

HELOISA - Claro que sem querer. Nadinho, como você sabe, não pode sair da casa até nova deliberação da polícia. Reginaldo tem que atender o serviço da casa, também não pode se afastar.

BETO - E Márcia? Por que não veio ela no seu lugar?

HELOISA - Márcia está doente. Coitada está numa depressão que mal se mantém nas pernas. Que podia fazer eu, sinão aceitar a missão e vir avisá-lo?

BETO - Bem, o que nos resta fazer, agora, é arriscar. Você leva este pacote pra Fernando que é a roupa de padre que ele vai botar pra fugir. Uma peruca e umas barbas. Esta máquina você também vai levá pra tirá o retrato dele depois de disfarçado. Bate o retrato e não mexe mais na máquina. Quando ele fugir que não se esqueça dela porque aqui dentro vai ficá o retrato dele, já revelado, pra botá no passaporte.

HELOISA - Ah então esta máquina é daquelas que tira o retrato e revela?

BETO - Isto. Mas não mexe em coisa mais nenhuma. Bota ele defronte a uma lâmpada acêsa, bate a fotografia e deixa ficá. O resto eu faço na hora.

HELOISA - Pra onde é que ele vai que precisa passaporte?

BETO - De saída pra Uruguai, mas não vai ficá lá. Isso vai se decidido depois.

HELOISA - (IRÔNICA) O Chefe é quem decide?

BETO - Não. O Chefe não tá nessa. Deve tá louco pra encontrá o Fernando e fazê o serviço nele. Inda tem mais essa. Eu é que tô tirando do ele nas costas.

HELOISA - Do que o amor é capaz, hein?

BETO - É verdade. Eu que combatia o amor, que não acreditava nele, que achava que a mulher tinha sido feita apenas pra se possuir da pelo homem, havia de vi encontrá, aqui na cidade, uma cajapira do interior que me virou de avesso.

HELOISA - E quando eu dizia a você que me perdi por amor você fazia troça; lembra-se?

BETO - Claro. Pois si eu não acreditava no amor, podia creditá em você? Tinha que achá bestera.

HELOISA - A gente pode se desiludir de um amor, mas nunca duvidar do amor. Ele é a força maior. E tanto isto é verdade que todas as faltas cometidas em seu nome encontrem, do juiz mais austero, uma palavra de desculpa.

BETO - Nunca imaginei que um homem de coração endurecido, como eu, pudesse, um dia, se transformar diante do amor. Eu que não ouvia nada, sinão a minha ambição e o meu ódio, eu que matava friamente a qualquer indivíduo que se atravessasse no meu caminho, ou que tivesse a ousadia de combater as minhas ideias bárbaras, de repente, por um rosto bonito e uma voz toda feita de ternura e meiguice, sou atirado ao chão e reduzido, por ela, a um tapete onde, a seu mandado, qualquer um pode esfregar os pés. É, Heloisa, hoje eu acredito que o amor possa salvar alguém.

HELOISA - Mas convem não esquecer que também por amor a gente pode se perder, irremediavelmente!

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o quadragésimo segundo capítulo da novela de Erico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO" que a Rádio Gaúcha apresenta para os seus ouvintes de segundas a sextas feiras neste mesmo horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes artistas: (LÊ A RELAÇÃO) Ouça, amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta emocionante novela. Boa noite.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- Novela de ERICO CRAMER -

43º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURE

LOCUTOR - Ao terminar o 42º Capítulo desta novela, deixamos Heloisa e Beto, num lugar qualquer não identificado, e ainda a moça fôra a pedido do irmão levar-lhe um aviso, falando sobre os perigos e os milagres do amor. E a conversa entre eles foi interrompida, mais ou menos, nesta altura:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXE E SOME.

HELOISA - A gente pode se desiludir de um amor, mas nunca duvidar do amor. Ele é a força maior. E tanto isto é verdade, que todas as faltas cometidas em seu nome, encontram, do juiz mais austero, uma palavra de desculpa.

BETO - Nunca imaginei que um homem de coração endurecido, como eu, pudesse, um dia, se transformar diante do amor. Eu que não ouvis nada, sinão a minha ambição e o meu ódio, eu que matava friamente a qualquer indivíduo que se atravessasse no meu caminho, ou que tivesse a ousadia de combater as minhas ideias bárbaras, de repente, por um rosto bonito e uma voz toda feita de ternura e meiguice, sou atirado ao chão e reduzido, por ela, a um tapete onde, a seu mandado, qualquer um pode esfregar os pés. (PAUSA E TOM) É, Heloisa, hoje eu acredito que o amor possa salvar alguém.

HELOISA - Mas convem não esquecer que também por amor a gente pode se perder irremediavelmente. Responda a uma coisa que eu vou lhe perguntar: você sabe que Márcia não o ama; não sabe?

BETO - Sei. Sei, mas tenho esperanças de conquistá-la com a minha dedicação. Eu quero e hei de provar a ela que hoje sou um homem completamente diferente daquele que ela conheceu.

HELOISA - Mas se com tudo isto você não conseguir conquistá-la, será capaz de ter a suprema elevação de abdicar e deixar que ela siga em paz o seu caminho? Não creio que você possa chegar a tanto.

08.11.  
2011

BETO - Porque você não me conhece bem.

HELOISA - Ao contrário. Porque o cãheço de mais, Beto. Já sofri na própria carne as suas maldades e muitas noites passei-as inteiramente em claro, assustada com as suas ameaças. Não pelo que eu pudesse sofrer, mas pelo que os meus sofreriam, se viessem a saber de toda a verdade a meu respeito. Lembra-se de quando me disse que conseguira gravar toda uma palestra minha com aquele rapaz casado com quem eu me encontrava naquele apartamento no centro?

BETO - Sei.

HELOISA - Ali você quase me matou de desespero. Estive a ponto de cometer uma loucura. Saí de casa para interrogar o zelador do prédio, mas depois refleti que seria uma confissão minha para um estranho e voltei. Dias depois você me denunciava a papai que, felizmente, preferiu acreditar em mim. Ali eu vi que você não tinha gravação alguma porque, sinão, era a ocasião de apresentá-la para comprovar a sua denúncia. Mas até que isto acontecesse, o que a sua ameaça me torturou, eu não saberei dizer precisamente.

BETO - Para você ver como o amor me transformou, eu hoje não faria uma maldade dessas a você.

HELOISA - Bem, o que eu desejo é que essa transformação permaneça em você, mesmo que as coisas não corram na medida dos seus desejos ancelos. Tenho muito medo que uma revolta possa fazer voltar tudo à estaca zero. E agora eu vou.

BETO - Não esqueça as recomendações sobre o retrato do padre Fernando. Bata a chapa e deixe ficar. Não mexa mais. Quando a máquina voltar para mim, em dois minutos estará o retrato pronto. Será só colar neste passaporte que vai ficar comigo por enquanto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

NADINHO - Estou louco pra vê o teu retrato vestido de padre com essa peruca e aquela barbicha.

FERNANDO - O dia que eu não precisar mais do passaporte eu lhe mando de presente ~~o~~ aí você satisfaz a sua curiosidade.

NADINHO - Falei com o Beto agora, pelo telefone. Ele mandou dizê que você tem que estar ali na esquina às quatro da manhã que ele passa de automóvel, apanha você e leva pra rodoviária.

FERNANDO - Reginaldo se encarrega do guarda e Márcia vem me dar o sinal de saída e se despedir de mim.

NADINHO - Exato. A minha despedida é agora. Eu não vou voltar aqui. Como papai daqui a pouco já estará em casa, eu e Heloísa estamos encarregados de distraí-lo para facilitar as coisas. Este envelope - é para você.

FERNANDO - Que é isto?

NADINHO - Dinheiro. Você vai precisar de dinheiro onde quer que fique. Esses dólares poderão garantir a sua subsistência por cinco ou seis meses, até que você encontre meios de trabalhar.

FERNANDO - E este dinheiro? É da organização?

NADINHO - Não, Fernando. Este dinheiro é meu, a título de empréstimo. O dia que você puder você me paga.

FERNANDO - E a organização? Não vai me dar uma recomendação para alguém no lugar para onde me mandar?

NADINHO - Não sei. Por isso mesmo quero que você leve esses dólares. Eles garantirão você por algum tempo. Ah, é verdade. Você vai levar uma maleta com os seus papéis verdadeiros e uma roupa completa. Depois de chegar ao Uruguay, dentro do confessionário de uma igreja qualquer, você troca as vestes de padre pelas suas e deixa lá o que não lhe servir mais. Então felicidades e qualquer coisa já sabe... eu tô aqui.

FERNANDO - Obrigado, Nadinho. Quero que você saiba que tem em mim um amigo. Não porque amo sua irmã e deseje me casar com ela, mas porque sempre tive por você uma grande simpatia e um pesar muito grande de vê-lo, tão jovem e desprotegido, servindo de instrumento à maldade de tantos. Espero que no nosso próximo encontro, ambos possamos estar em situação bem melhor.

NADINHO - Deus te ouça Fernando. A gente já tá em tempo de vávê em paz.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

HERMES - Eu hoje tinha necessidade de fazer um serãozinho no Banco, pelo menos até à meia noite.

NADINHO - Tá louco, velho? Não vai fazê serão nenhum. Não deixa, mãe. É um perigo danado. O velho parece que não aprende.

EUGÊNIA - Nadinho tem razão, Hermes. Você parece que não aprende. Faz pouco mais de um mês que voltou ao serviço e já começa a querer fazer serão? É muito arriscado.

HERMES - Mas arriscado por que, se eu me sinto perfeitamente bem de saúde agora?

EUGÊNIA - Sente-se bem porque nós temos obrigado você a seguir as instruções do médico, mas garanto que se começar a abusar e a trabalhar além do que deve, em pouco tempo poderá ter uma recaída. E as recaídas você sabe, são sempre mais graves.

NADINHO - É, velho, desiste. Não tem nada de serão com uma noite fria como esta. Fica em casa, bota o teu pijama, os teus chinelos de lã, o teu chambre e vamos batê um papo longo. Eu tenho muito que conversar contigo, velho.

HERMES - Você tem que conversar comigo, Nadinho? Que milagre! Que serão que você quer de mim?

NADINHO - Pedir-lhe uns conselhos sobre o meu futuro, velho. Pode ser?

HERMES - Eu quase que nem acredito no que estou ouvindo. Você prestou atenção, Eugênia?

EUGÊNIA - Prestei, sim. Ele quer conselhos de você. Que tem isso demais? Não é a coisa mais natural do mundo um filho pedir conselhos ao pai?

HERMES - Deveria ser, mas aqui em casa nunca foi. Pelo contrário, nossos filhos nunca quiseram um conselho nosso, você sabe bem.

NADINHO - Bom, isso já passou. A gente não queria. Mas a gente andou tropeçando, andou batendo com a cabeça na parede, agora a gente tá cansado de levá tombo então pede uma mãozinha.

HERMES - Muito bem. Você nem sabe como eu fico contente de lhe ouvir falar deste modo. Agora, pelo menos, de uma coisa você pode estar certo: vai tropeçar muito menos e bater menos com a cabeça.

NADINHO - É isso que eu quero. Quero tomá um rumo na vida, velho. Tô cansado dessa vida besta que tenho levado.

HERMES - Sabe qual seria o primeiro conselho que eu lhe daria?

NADINHO - Diga.

HERMES - Aproveite esse tempo que você não pode sair e arranje um profeg sor de inglês. Estude bastante, firme-se bem e depois eu lhe darei uma bolsa na Europa, no paiz que você preferir.

NADINHO - É mesmo, velho? Tu me dá?

HERMES - Alguma vez prometi alguma coisa a você que não cumprisse?

NADINHO - Tá bom, eu vô segui o teu conselho. Amanhã, mãe, tu vai no Cul- tural inglês arranjé um professor particular pra vi aqui todos os dias me dá aula, tá?

EUGENIA - Todos os dias, meu filho? Você não avha muito?

NADINHO - Muito nada. Quanto mais depressa eu aprendê, mais depressa eu vô. Tenho que aproveitá o embalo meu e do velho.

EUGENIA - Você não acha muito, Hermes, lições todos os dias?

HERMES - Si é êle que quer, eu vou repetir o que êle acabou de dizer: vamos aproveitar o embalo.

EUGENIA - Está bem, então amanhã eu vou procurar uma professora para você.

NADINHO - Eu disse professor. Vem mulher aí, pode dá confusão.

EUGENIA - Professora vai ser muito mais fácil. Especialmente para aulas diárias, você vai ver.

NADINHO - Bom, se não tivé outro jeito pode vi mulher mesmo. E agora, mãe, vai buscá as cartas e vamo fazê um joguinho aqui, nós os três.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

C/REGRA - TRÊS BATIDAS DISCRETAS EM PORTA DE MADEIRA. RUIDO DE BARRERAS ABERTAS. FUKAR TRINCO E ABIRIR PORTA RANGENDO.

HELOISA - (MEIA VOZ) Boa noite Fernando.

FERNANDO - Ah é você? Entra.

HELOISA - Pensou que fôsse a Nárcia? Ela virá daqui a um pouco mais.

C/REGRA - FECHAR PORTA RANGENDO. CORRER TRINCO FECHANDO.

HELOISA - Está terminando de preparar um farnel para você levar na viagem.

FERNANDO - Eu preferia que ela estivesse aqui ao meu lado.

MUSICA DE FONDO

HELOISA - Mas ela achou você muito magro e pensa que se não se alimentar bem na viagem, ficará pior ainda.

FERNANDO - O que é que ela está fazendo?

HELOISA - Sanduiches, pestaisinhos, bolinhos de peixe, bolinhos de batata com guisado, sei lá... um menú completo.

FERNANDO - E será que vai demorar muito ainda? Eu queria conversar mais um pouco com ela. Dissemos muita coisa um ao outro, mas ficou, ainda, muita coisa por dizer.

HELOISA - Eu imagino. Também ao tempo em que me encontrava semanalmente com o homem que amava, sempre, ao nos despedirmos, verificava que tinha deixado de dizer-lhe uma série de coisas. Mas ela vem, daqui a pouco mais e vocês têm o resto da noite para conversar. Você jantou bem?

FERNANDO - Ótamente. Muito melhor do que almocei. E olhe que almocei bem. Cheguei a pedir um digestivo ao Reginaldo, com medo que a quantidade pudesse me fazer mal.

HELOISA - A comida lá devia ser infame, não?

FERNANDO - Bem... para ser justo acho que não mereciam que ela fosse melhor. Com exceção minha e de mais dois ou três que estariam presos injustamente, os outros deveriam comer fogo para pagar os seus crimes. Você não imagina como eu fiquei horrorizado da aquela gente. De uma maldade e uma insensibilidade tremendas. Foi uma experiência que não deixou de me servir; você sabe?

HELOISA - Acredito. A gente precisa conhecer as coisas bem de perto para poder julgá-las com acerto. Bem, Fernando, eu vim só para lhe dar um adeus e devo voltar lá para dentro, antes que mãe e papai dêem falta de mim. O meu desejo é de que você consiga chegar ao seu destino são e salvo e lá, onde vai viver, seja muito feliz e encontre a paz que tão justamente deseja. A paz que você poderia ter e que lhe foi roubada por falsos idealistas.

FERNANDO - Obrigado, Heloisa. Eu também desejo que você solucione todos os seus problemas favoravelmente e que, para isto, Deus lhe aponha o caminho certo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE TOCANDO DEZES HORAS

BETO - Doquinha, acorda. Vai me fazê um café que eu tenho que sai pra um serviço aí e tô com fome. Doquinha, anda. Levanta, vai.

DOQUINHA - Pera aí. Já vai. Que coisa, tombem! A gente tá no bô do sono e tem que se alivantá pra fazê café. Será que nem um miserave café vanceis sabe fazê, gente?

BETO - Fazê eu sei, mas se eu tenho quem faça por que eu hei de fazê!

DOQUINHA - Ah é?! Fazê tu sabe, é? E nesse caso precisava tirá a gente das comodidade, só de priguica, é?

BETO - Bom, tu ganha pra trabalhá, não é pra ficá na moleza. Havia de tê muita graça que eu fôsse fazê o café pra tomá e tu ficasse aí no bem bom. Já chega que eu tenho que sai pra trabalhá e a noite não tá mole.

DOQUINHA - Adonde que tu vai, inda que mar prigunte? Posso sabê?

BETO - Já te disse que vou trabalhá e chega; não chega? Tu tem que pegá esse costume de querê sabê demais, Doquinha. Olha que de repente tu te estrepas. E por falá em querê sabê, se aparecê aí algum companheiro procurando por mim - como às vezes acontece - tu não me viste, eu não estive aqui, tu não sabes pra onde eu fui nem coisa nenhuma, entendido?

DOQUINHA - Credo! Até parece que eu sô dirotante no assúnti. E num é sempre assim que eu faço, por acaso? Tô cansada deles vim aí priguntá pelo sinhô e eu sabê adonde que o sinhô tá e dizê pra êles que num sei.

BETO - Pois é, pois é exatamente isto que eu vou querê que tu faça ainda hoje.

DOQUINHA - O sinhô quê que eu lhe digue mais uma cousa, seu Beto? Só capais intê de lhe dizê adonde que o sinhô vai. Priguntei só pra priguntá.

BETO - Pois então esquece e vai fazê o café que eu te pedi que daqui a pouco eu já tenho que me mandá.

DOQUINHA - Eu vou fazê, mas ante eu quero alembrá uma cousa pro sinhô que o sinhô me prometeu.

BETO - Já sei o que é. Não precisa nem falá. Eu já te disse que deixe passá uns tempo, depois a gente conversa.

DOQUINHA - Mas não pode passá munto tempo que o pobre do meu nego tá lá difinhando que faiz dó.

BETO - Que difinhando que nada! Um negro forte daqueles! Aquele aguenta dois anos de ~~uns~~ trato e sai com a mesma cara// que entrou.

DOQUINHA - Ah seu Beto!... Que marvadeza dizê uma coisa dessa! Doi âno de prisão pro coitadinho, nem sei. Quando percurasse memo êle, não ingistia.

BETO - Bom, deixa de conversa que o tempo está passando e eu quero tomá o meu café antes de sai. Anda logo, vai.

DOQUINHA - Já vô, já vô... já tô indo... num precisa empurrá que eu já tô indo.

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA SE AFASTANDO E DESCIENDO ESCADA LOGO A SAGUIR.

BETO - Si eu não te empurro tu fica papiando e não faz o que tem que fazê.

DOQUINHA - (SE AFASTANDO) O sinhô tá se queixando de farto, que eu nunca deixei de fazê as coisa que o sinhô me mandô.

BETO - Bem, deixa eu botá êsses óculos escuros e enfiá êste gôrrô que me esconde toda a cabeleira que já não fica tão fácil de alguem me reconhecê.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Deê uma fugida rápida até aqui, para me despedir de você.

FERNANDO - E o guarda?

REGINALDO - Foi lá pro lado do portão da frente, agora. Por isso que eu aproveitei.

FERNANDO - Sabe que êle andou aqui pertinho? Eu até apaguei a luz, com medo que êle batesse.

REGINALDO - Fez bem. Êle pensa que o jardineiro está dormindo aqui, mas vendo luz poderia bater e vendo você a gente não sabe o que é que êle poderia imaginar.

MÁRCIA - Papai já foi dormir ou ainda está jogando com Nadinho?

REGINALDO - Ainda. Mas ha pouço fui servir um cafésinho para ôles e fiz um

sinal ao Nadinho para que terminasse o jogo. Ele compreendeu. Acredito que agora não demoram mais.

MÁRCIA - Isto está me deixando muito aflita. Tenho medo que possa complicar a saída de Fernando.

REGINALDO - Qual o que. Até virá beneficiar, porque ele deve estar cansado, vai cair na cama e adeus tia Chica. Bem, seu Fernando, eu só queria dizer ao senhor que lhe desejo todas as felicidades e que tudo lhe corra bem onde o senhor estiver.

FERNANDO - Obrigado, Reginaldo. Eu nem tenho palavras para agradecer a você todas as coisas que você fez por mim e aproveito para pedir desculpas das incomodações que lhe dei.

REGINALDO - Não fale nisto. Eu me darei compensado de todas elas se o senhor chegar a encontrar a sua felicidade.

FERNANDO - Obrigado, meu amigo. Hei de encontrá-la com a graça de Deus Pai e o auxílio de amigos incansáveis como você. (ABRACO)  
Cuide bem desta moça para mim, Reginaldo.

REGINALDO - Hei de fazer o que puder. Fique certo. E agora apague a luz que é para eu poder abrir a porta e localizar o guarda antes de atravessar para a casa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RELÓGIO DIFERENTE BATENDO TRES HORAS.

NADINHO - Puxa, velho, três horas da manhã. Acho que já é tempo de largarmos o jogo e irmos descansar, não?

HERMES - É, tem razão. É tempo, sim. Sua mãe é que pensou bem. Achou melhor o calorzinho das cobertas do que ficar aqui até tarde. Ela disse: "antes das duas vocês não terminam" Estava com a razão.

NADINHO - O jogo é assim: quando a gente ganha, se entusiasma e quer ganhar mais. Quando perde quer tirar a fôrra e vai indo. Quando se dá conta da verdade o tempo passou.

C/REGRA - RUIDO DE FICHAS NA MESA.

NADINHO - Quer contar os pontos ou vamos deixar por isto mesmo?

HERMES - Não é necessário. Por muito que eu tenha feito, não chegarei a alcançar você. Que sorte você estava hoje, meu filho.

NADINHO - Porque o jogo era às brinca. Se fôsse pra valê garanto como eu perdia.

HERMES - Que nada! Hoje você não perdia de jeito nenhum.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE APROXIMA.

REGINALDO - Posso servir mais um cafésinho?

HERMES - Não, não. Eu não quero. Já vou dormir e o café pode roubar-me o sono.

REGINALDO - E você, aceita um cafésinho? Eu faço num instante.

NADINHO - Não, Reginaldo, obrigado. Também já vou dormir e embora não acredite muito nessa estória do café tirá o sono da gente, o melhor, pelas dúvidas, é não tomar.

HERMES - Bem, então boa noite para você meu filho e para você Reginaldo.

NADINHO - Boa noite, papai.

REGINALDO - Boa noite, doutor Hermes. Descanse bem.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM

NADINHO - (MEIA VOZ) Tudo bem, Reginaldo?

REGINALDO - Por enquanto, sim. O perigo maior vai ser daqui a uma hora, mais ou menos, quando Fernando tiver que atravessar o jardim para sair.

NADINHO - Achas que vais precisar de mim, eu espero. Se achas que não, vou dormir que estou caindo de sono.

REGINALDO - Não sei, talvez precise. Mas pode ir dormir que havendo necessidade eu lhe chamo.

NADINHO - Ôquêi. Tchau então, Reginaldo.

REGINALDO - Durma em paz. E peça a Deus que tudo nos corra bem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM O RELÓGIO ANTERIOR, BATENDO QUATRO HORAS DA MANHÃ.

MÁRCIA - (MEIA VOZ, CHOROSA) Quatro horas da manhã, querido. Aproxima-se o instante da nossa separação.

FERNANDO - Mas ela não será por muito tempo; eu tenho fé, amor.

MÁRCIA - Nunca se pode saber... A vida é tão cheia de imprevistos...

FERNANDO - Você que mostrou tanta coragem até este momento, porque se tornou, de repente, pessimista? Temos que ajudar a nós mesmos,

109. 11  
pensando que tudo vai sair bem. Eu vou e se não puder voltar  
você irá ao meu encontro. Casaremos e viveremos longe daqui,  
se for preciso. Ou você não tem coragem de se arriscar a ir  
ao meu encontro?

MÁRCIA - Tenho, querido, tenho. Tenho coragem para muito mais, tratando-  
se de você, mas não é isto... é que... é que eu tenho medo de fi-  
car sózinha, entende? Medo do que possa acontecer. Do que eu me  
veja obrigada a fazer... Há tanta coisa que a gente não quer e é  
obrigada a fazer...

FERNANDO - Nada do que você não queira você será obrigada a fazer.

MÁRCIA - Não sei.. não sei... eu tenho medo, Fernando, eu tenho medo...

FERNANDO - Vamos, eu não quero deixá-la nesse nervosismo e tenho que ir embor-  
ra. Ajude-me por favor, Márcia. Ajude-me.

MÁRCIA - (CONTENDO-SE) Sim, sim... você tem razão... é uma tolice minha...  
eu estou dizendo bobagens. Nós voltaremos a nos encontrar, sim.  
Nós voltaremos...

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA. RUIDO ABAFADO DE ABRIR A PORTA C/TRINGO

REGINALDO - Vou buscar o guarda para tomar café. Estejam atentos e quando  
êle entrar em casa comigo, Fernando sai depressa para o portão  
e Márcia entra pela porta da frente. Aqui está a chave.

MÁRCIA - Querido, vai com Deus e não te separe da minha lembrança.

FERNANDO - (BELJO) Não me separarei, amor! Não me separarei.

OPERADOR - CORTINA BEM RÁPIDA. UM ACORDE OU DOIS, APENAS. RUIDOS DE NOITE

VOZ - (2º PLANO) Quem é?

REGINALDO - Sou eu, seu guarda. O mordomo. Vim buscá-lo para tomar um ca-  
fézinho com leite. Nessa noite assim fria vai bem, não vai?

VOZ - Obrigado. Eu não quero.

OPERADOR - KKKK ACORDE MUSICAL DE GRANDE SUBTO.

REGINALDO - Mas... mas está tudo preparado lá na mesa. Venha, não me faça  
desfeita.

VOZ - Obrigado, mas não posso abandonar meu serviço.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRA-  
MENTO

LOCUTOR - Este foi o quadragésimo terceiro capítulo da novela de Erico Gra-  
mar etc. etc. ....

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?- Novela de Irice Cramer -11º CAPÍTULO*Heloise  
Medin*OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

LOCUTOR - Ao terminar o quadragésimo terceiro capítulo desta novela, deixamos Márcia e Fernando no quartinho dos apetrechos do jardim, em despedida, enquanto Reginaldo ia ao portão da frente buscar o soldado de guarda para tomar um café, com o propósito de afastá-lo e permitir a fuga de Fernando. E a cena foi interrompida, mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

REGINALDO - (MEIO TOM) Eu vou buscar o guarda para tomar café. Estejam atentos e quando êle entrar em casa comigo, Fernando sai depressa para o portão e Márcia entra pela porta da frente. Aqui está a chave.

MÁRCIA - (SEGURANDO O PRANTO) Querido, vai com Deus e não te separe da minha lembrança.

FERNANDO - (BEIJO) Não me separarei, amor!... Não me separarei!...

OPERADOR - CORTINA RÁPIDA, DOIS ACORDES NO MÁXIMO. RUIDOS DE NOITE

VOZ - (2º PLANO) Quem é?

REGINALDO - Sou eu, seu guarda, o mordomo. Vim buscá-lo para tomar um cafézinho com leite. Numa noite assim fria, vai bem, não vai?

VOZ - Obrigado, eu não quero.

OPERADOR - ACORDE MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

REGINALDO - Mas... está tudo preparado lá na mesa... Venha, não me faça desfeita.

VOZ - Obrigado, mas não posso abandonar o meu serviço.

OPERADOR - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

REGINALDO - Que pena! Preparei-lhe um lanche de príncipe! Até pastéisinhos de camarão, quitinhos e o senhor agora não aceita...

VOZ - É que eu não posso deixar o serviço. Vamos que aconteça alguma coisa. Já pensou a minha responsabilidade?

08.11.  
2011

REGINALDO - Mas meu Deus do Céu! O que é que pode acontecer em dez minutos que o senhor vai tomar um café? E estando lá na casa o senhor não deixa de estar cuidando as pessoas que estão lá dentro. É ou não é? Se dissesse que o senhor saiu, foi lá na esquina e nesse meio tempo uma pessoa invadiu a casa, isso já seria outra coisa. Mas se alguém entrar com o senhor lá dentro, só terá a perder; não lhe parece?

VOZ - Bem... isso é verdade?

REGINALDO - Pois então. Vamos, vamos tomar um café com leite, bem reforçado e aí o senhor estará melhor preparado para enfrentar este frio da madrugada.

VOZ - (CEDENDO) Está bem.

OPERADOR - CORTINA RÁPIDA. DOIS OU TRÊS ACORDES.

FERNANDO - (MEIO TOM) Pronto. Eles já entraram. Reginaldo fechou a porta.

MÁRCIA - (VOZ TRÊMULA DE PRANTO) Vai, querido. Vai depressa. Si eu te chamar... não volta. Tú precisas ir... e estás atrasado.

FERNANDO - Adeus, amor. Nós voltaremos a nos encontrar. Pede a Deus que seja breve.

MÁRCIA - (CRESCENDO DE ANGÚSTIA) Vai, Fernando... eu estou pedindo que tu vás de uma vez... que não atendas ao meu chamado... que não te prendas pelas minhas súplicas... que sejas surdo ao meu desespero para que não te percas... Tu tens que fugir, entendes? (JÁ CHORANDO) Tens que fugir para que não te matem. Tens que fugir poder viver... E eu... eu ficarei aqui curtindo saudades... alimentando temores... fingindo alegria ao lado de um homem que dá o teste... para que a tua vida seja poupada. (TRANSIÇÃO) Não, não. Não é verdade isto que eu disse. Não acredites. Estou dizendo coisas sem nexo... Tú... tú ouviste o que eu disse? Ouviste?... (PARA BRUSCAMENTE. NOVA TRANSIÇÃO. PAUSA GRANDE. VOZ GRAVE) Fernando... tú estás aí, Fernando? Tu já foste embora? Responde, Fernando, pelo amor de Deus, responde Fernando! (DESATA A CHORAR CONVULSIVAMENTE) Ele foi embora!... Ele foi embora!... Ele foi embora!...

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - FUNDE COM AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO.

BETO - Estamos atrasados. Por que demorou tanto?

FERNANDO - O guarda. Foi êle que demorou. Reginaldo foi buscá-lo para tomar café e não voltava mais. Eu tinha que esperar que ele entrasse na cosinha para sair do quartinho e atingir o portão. A que horas é o embarque?

BETO - Às cinco. Já são mais de quatro e meia. Que vale que a esta hora não há movimento nas ruas e a gente pode correr. Sabe que você tá um padre bacana?

FERNANDO - O retrato ficou bom?

BETO - Especial, rapaz. Não vá se esquecer que você, durante a viagem toda, é o Frei André Sobral. Grave bem: André Sobral.

FERNANDO - (REPETINDO) André Sobral.

BETO - Chegando a Montevideo já sabe como agir?

FERNANDO - Heloisa me deu as instruções que você mandou. Entrar numa igreja qualquer, meter-me no confessionário, mudar de roupa, sair e deixar lá estas vestes/estas barbas.

BETO - Exato. Você pode mudar também, si houver dificuldade nas igrejas, na toailete de um restaurante ou de um bar, como achar mg lhor.

FERNANDO - Perfeito.

BETO - Quando se apresentar no Hotel, para pedir quarto, já deve usar os seus papeis verdadeiros.

FERNANDO - E lá, se tiver qualquer dificuldade, a quem devo me dirigir?

BETO - A Deus Nosso Senhor.

FERNANDO - Entendo. Talvez seja melhor assim. Compromissos chegam os que eu tive aqui e que só me deram dissabores.

BETO - Estamos chegando. Eu não vou até à Estação, vou parar um pouco antes. Você desce e vai só até lá.

OPERADOR - VAI DIMINUINDO A MARCHA DO CARRO E PARA.

BETO - Pronto. Aqui está a sua passagem. Dinheiro não tenho para lhe dar.

FERNANDO - Não preciso. Eu tenho algum. Dá para manter-me uns dias.

BETO - Então vá e seja feliz.

FERNANDO- Você também.

Q/REGRA - ABRIR PORTA DE AUTOMÓVEL. PESSOA SALTAR NO CIMENTO. PORTA FECHAR. PASSOS SE AFASTANDO NO CIMENTO ATÉ SUMIREM.

BETO - Vê se me favoreces com a tua ausência e deixas de ser a minha sombra negra.

OPERADOR - LIGA MOTOR DE AUTOMOVEL. ARRANCA - FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

MÁRCIA - Eu sei que nunca mais o verei, Reginaldo.

REGINALDO- Não diga isso, Márcia. Você só não o verá se não quiser. Ele talvez não possa voltar aqui, mas você poderá ir lá quando quiser. Por que esse pessimismo então?

MÁRCIA - (SEGURANDO-SE PARA NÃO CHORAR) Eu sei que não o verei mais, Reginaldo. (CHORANDO) Eu sei que nunca mais me deixarão vê-lo.

REGINALDO - Óra vamos, que é isso?!... Você está nervosa. Eu vou lhe preparar um calmante, você vai se deixar, vai dormir e amanhã acordará com melhor ânimo.

MÁRCIA - Hoje eu me despedi da felicidade, Reginaldo. Foi o pior de tudo para mim. O QUE PODERÁ VIR DEPOIS, JÁ NADA MAIS IMPORTA

REGINALDO - Não sei o que é que está se passando com você, Márcia. Não estou conseguindo compreender. Você que foi, sempre, uma pessoa tão cheia de otimismo, uma pessoa capaz de incutir ânimo nos ~~mas~~ mais desiludidos e sem fé, hoje está nesse tremendo desespero por causa de uma separação provisória? Onde é que está aquela tremenda reserva de energia que você guardou sempre para os momentos difíceis de sua vida?

MÁRCIA - A reserva esgotou-se totalmente no instante em que Fernando me deixou sózinha naquele quartinho do jardim e correu em busca da sua liberdade. Fechei os olhos para não o ver sair e momentos depois, quando os abri, só havia em torno de mim o vazio e descrença.

REGINALDO - Vamos, Márcia, vamos, você precisa voltar a ser o que era. Não pode se entregar a esse desespero. Eu estou aqui ao seu lado para ajudá-la a lutar. Você não confia em mim? Diga. Você não confia no seu velho amigo?

MÁRCIA - Confiar em você eu confio, ~~Márcia~~ Reginaldo. Acontece que você, desgraçadamente, não vai poder fazer nada por mim.

REGINALDO - Vamos, vamos, você está nervosa. Vou poder fazer sim; por que não? Eu vou preparar um chásinho calmante pra você, você vai dormir, descansar e amanhã, si Deus quiser, já estará pensando de outra maneira.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Que houve, Dinah?! Você a esta hora da manhã aqui na minha casa até me assusta criatura. Diga logo ao que veio.

DINAH - Você ainda não leu o jornal de hoje?

LINDAURA - (ALARMADA) Por que? Alguma coisa a respeito do Hermes? Do assalto que ele sofreu?

DINAH - Não. Nada a respeito do Hermes. É a respeito de ~~Kindamira~~ Eugênia.

LINDAURA - De Eugênia? O que diz o jornal sobre ela?

DINAH - Não diz nada. Exatamente por isto é que eu estou boquiaberta.

LINDAURA - Dinah, você quer fazer o favor de falar claramente? Até agora eu não consegui entender nada do que você pretendeu dizer.

DINAH - Eu estou me referindo à escolha das dez mais. Será que agora você entendeu?

LINDAURA - Comecei a entender. E o que é que tem a escolha das dez mais?

DINAH - Simplesmente isto: o nome de Eugênia não foi citado. Foi excluída da lista, veja.

C/REGRA - ABRE JORNAL E PASSA DUAS OU TRES FOLHAS.

DINAH - Aqui está: Mariasinha Fontenela... Bárbara Garcia de Campos... Eloah Sandoval... Dina Vasques... Yolanda Betiol dos Reis... Ercilia Maria Suzania... Deoclécia Vieira de Mantovani... Dora Bartô... Dédé Vassoni de Castro e Ângela Primaz. (PAUSA) Viu? A Eugênia não figura na lista.

LINDAURA - Coitada, Dinah. Sabe que eu estou com pena dela?

DINAH - Óra bolas, Lindaaura! Entenda-se você. Antes você ficava por conta do nome dela constar da lista das dez mais. Hoje que não consta, fica com pena?

LINDAURA - Pois é pra você, ver como a gente muda. Antes ficava com raiva, Hoje estou com pena.



NADINHO - Isso não sei, mas de qualquer forma, si ela disse a êle que casava, a não ser que êle mesmo desista do cumprimento da palavra, ela tem que casar.

HELOISA - Êle tem que desistir. É preciso que alguém faça compreender que um casamento sem amor é pior do que a morte para qualquer dos dois.

NADINHO - E quem poderá ter força pra metê isso na cabeça do Beto? Quem?

HELOISA - Se não houver outra pessoa mais categorizada que possa fazê-lo, eu irei procurá-lo e tentarei libertar Márcia. E digo-lhe mais: si êle continuar insistindo em que ela cumpra a palavra, serei a primeira a aconselhá-la a fugir para junto de Fernando.

NADINHO - E quanto você quer apostar comigo como Márcia não fará um papel desses?

HELOISA - Eu me encarregarei de convencê-la.

NADINHO - Márcia é uma moça de caráter muito firme. Uma moça correta e cumpridora. Jamais procederia como qualquer outra moça vulgar. Prometeu, vai cumprir. Você escreva.

HELOISA - Mas meu Deus do Céu!... Onde é que Márcia estava com a cabeça quando fez uma coisa dessas?

NADINHO - Ela estava apavorada. Tinha havido aquela tentativa para matá-lo. Felizmente êle foi apenas ferido e sem gravidade, mas numa outra tentativa semelhante podiam matá-lo, como fatalmente o matariam. Ela, de posse dessa certeza, trocou o seu grande amor pela vida dêle.

HELOISA - Ela já falou com Beto, depois que Fernando foi embora?

NADINHO - Não. Hoje à noite é que deverão encontrar-se pela primeira vez. Ele mandou o aviso a ela por meu intermédio.

HELOISA - E o lugar onde deverão encontrar-se? Você sabe?

NADINHO - Sei. É naquele barginho onde estivemos uma noite, logo aqui ao dobrar a esquina da primeira rua. Lembra-se?

HELOISA - Sei. Você já deu o recado a ela?

NADINHO - Dei. Por que?

HELOISA - Se não tivesse dado, iria eu encontrá-lo, para dizê-lhe tudo

que eu acho que ôle deve saber e que, na minha opinião, ninguém teve, ainda, corágem para <sup>lhe</sup> dizer. Mas não importa, eu falarei com Márcia e pedirei autorização a ela para <sup>ir</sup> no seu lugar.

NADINHO - Você não acha perigoso, Heloisa? Lembre-se que é o Beto.

HELOISA - Não tenho medo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

EUGENIA - O que é que você tem, hoje? Você me parece tristonho, Hermes.

HERMES - E estou tristonho realmente. Desde manhã, quando vi o nome das dez mais no jornal e não vi o seu nome incluído, que fiquei triste. Fiquei assim com uma espécie de complexo de culpa, entende?

EUGÊNIA - Complexo de culpa por que, Hermes?

HERMES - Porque, direta ou indiretamente, fui eu que a afastei da sociedade, fazendo com que você fôsse esquecida do cronista.

EUGENIA - Óra que tolice, querido. Nem pense em semelhante coisa! Essas bobagens perderam completamente a significação para mim. Quando li a relação, juro-lhe, pelos nossos filhos, que não senti o menor abalo. Pode ser que volte a me interessar novamente por elas, um dia, mas duvido muito. Tanto mais que não pretendo voltar a frequentar sociedade, depois de tantas alusões maldosas que escutei.

HERMES - Alusões? Fizeram-lhe alusões maldosas a que?

EUGENIA - Óra, querido, nem vale a pena recordar essas coisas. São tão paquenas, tão miudinhas, tão sem significação que o melhor de tudo é mesmo esquecê-las. Deixe tudo isso pra lá e vamos viver a nossa vida e a vida de nossos filhos a quem deixamos tão abandonados ao ponto de quasi sossobrem.

HERMES - Eugênia querida, você é uma mulher verdadeiramente valorosa. Hoje pude ter a prova disto. Foi de uma indiferença total, diante daquilo que mais a empolgava não faz muito tempo. Isso mostra uma superioridade de espírito digna dos maiores elogios. Eu a felicito por essa vitória admirável que você conseguiu obter sobre a sua vaidade de mulher elegante. Meus parabens.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. \*

- DOQUINHA - Ôlalá!... Adonde é que vai nessa pinta toda, inda que malí prigúnti?
- BETO - Não tem nada que saber. Tá satisfeita?
- DOQUINHA - Bobage! Como se por acuso eu já não sabbesse. Home quando se perpara todo que ne<sup>tu</sup>, seu Beto, é vorta de encontro com mié. Tá na cara.
- ~~XXXXXXXX~~  
BETO - E que seja. Que eu vá me encontrá com mulher, tu tem alguma coisa que vê com isso? Tá encarregada de me vigiá?
- DOQUINHA - Eu, hein? Cuidá home, o meu nêgo, o resto nem me interessa. Era só o que me fartava! Tu inté parece bobo, seu Beto. Disguia, vai.
- BETO - Ué, não foi tu que me perguntou onde é que eu ia nesta pinta toda? Foi ou não foi?
- DOQUINHA - Bão, mas eu disse "inda que mar prigúnti" te alembra bem. Já fáiz o causo deferente.
- BETO - Que diferente, que nada. O caso é o mesmo. Tú qué, no duro, é sabê aonde eu vou, mas pode ficá descansada porque eu não te digo, tá?
- DOQUINHA - E nem eu perciso sabê que não me interessa, ariessa. Vai adonde o sinhô quizé e se quizé i pro infelno pode i tombem que eu não me avexo, tá? Si era isso que o sinhô quiria ouvi eu já disse, pronto. Tu podia i drumi sem essa, num podia?
- BETO - E tu podia sê menos malcriada; não podia? Tu não toma geito mesmo, hein bicho?
- DOQUINHA - Oia seu Beto, bicho é... (CORTA BRUSCAMENTE) Pois é, dispois o sinhô diz que eu sô marcriada, mais o causo é que vanceis é que me dá as dica pra sê. Voluntariamente eu num sô que eu sô munto bem inducada, grácias a Deus. Mas vim me prevocá e querê que eu fique calada, é munta mécha, tá? Dexa eu quêta que é mió, sabe seu Beto.
- BETO - Bom, agora que tu já ficou bem braba e não qué mais sabê aonde que eu vô, eu vô te dizê: Vou encontrá o meu amor, tá?
- DOQUINHA - E tu pensa que por acuso eu num sabia, é? Priguntei por um demais. Vai, vai digero, sinão tu chega lá e encontra ela com otro.

BETO - Que outro? O papai aqui não dorme no ponto. O que podia me atrapalhar já mandei embora pra longe. Agora tô dono da bola. Tchau.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

DOQUINHA - Ah, agora eu manjei tudo. O trabalho era êsse. Mandá o seu Fernando pra longe pra ficá dono do campinho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

HELOISA - Márcia, uma vez você arriscou tudo para me prestar um serviço e eu nunca me esqueci daquela sua atitude. Será que hoje você me permitirá retribuí-la?

MÁRCIA - De que jeito, Heloisa?

HELOISA - Você está tremendamente abatida; completamente exsusta; terrivelmente desanimada e vencida. Vai <sup>se</sup> encontrar-se com Beto para não deixar de cumprir com a sua palavra; não é isto?

MÁRCIA - Sim. Uma vez que prometi... devo cumprir. Foi o que êle fez comigo. Prometeu e cumpriu.

HELOISA - Mas você não está em condições de sair e de ir a qualquer lugar, simplesmente porque prometeu. Você está doente. Tem que ficar quieta, em repouso, sem exigir dos seus nervos um esforço que êles não estão em condições de fazer. Você já pensou nas consequências que poderão advir desse supremo excesso?

MÁRCIA - Sim, Heloisa, já pensei em tudo, mas a verdade é que não poderei fugir ao meu compromisso porque Beto não vai entender nenhuma das razões que pretendermos apresentar.

HELOISA - Por que não vai entender? Êle não é nenhum analfabeto, nenhum tapado, nenhum beócio. Terá que entender; por que não? Se você me permitir, eu irei encontrá-lo no seu lugar e explicarei para êle, direitinho, tudo que está acontecendo.

MÁRCIA - E você acha que êle vai aceitar essa desculpa?

HELOISA - Tem que aceitar, ora esse! Tanto mais que não é uma desculpa, é a verdade. Você deixa que eu vá no seu lugar?

MÁRCIA - Não sei, Heloisa. No fundo eu não confio no Beto, entende? Tenho medo dele. Medo não por mim, mas pelo mal que êle possa fazer ao Fernando; é isto.

HELOISA - A esta hora Fernando está livre das suas garras. Ninguém mais poderá fazer-lhe mal algum. Nem sei como é que Beto não pensou neste detalhe. Acho que foi a pressa de se livrar do rival.

MÁRCIA - E você acha que será capaz de convencê-lo de que eu estou realmente doente e falttei ao compromisso porque não tive outro remédio?

HELOISA - Acho, não. Tenho certeza que o convencerei. Inds mais que êle me conhece muito bem e sabe que não sou mulher de dizer uma coisa por outra. Vá <sup>se</sup> deitar-se, vá. Deixe que eu vou no seu lugar e lhe desculpo. Onde é o encontro?

MÁRCIA - Logo aqui deste lado, virando a esquina, uma confeitariasinha pequena com tres ou quatro mesinhas.

HELOISA - Está bem. Eu vou lá agora mesmo. Fique tranquila.

OPERADOR - GORTINA MUSICAL

HELOISA - Boa noite, Beto.

BETO - Boa noite. Que é que há? Você não vai me dizer que veio em lugar de Márcia?

HELOISA - Em lugar de Márcia, não. Mas em nome dela, pare <sup>te</sup> avisá-la que ela não virá.

BETO - Ah é?!... Não virá, é?! Eu esperava uma rasteira, mas não assim, de saída. Mas não faz mal. Ela não quer que eu seja bomzinho, há de ver o quanto eu sei ser mau.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o quadragésimo quarto capítulo da novela de ERICO CRAMER, MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO que a Rádio Gaucha apresenta de segunda a sexta feira, neste mesmo horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos: (LÊ A RELAÇÃO)  
Ouçã amanhã, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- Novela de Érico Cramer -

45º CAPÍTULO

Beto  
Laudim

(2)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quadragésimo quarto capítulo desta novela, deixamos Heloisa e Beto numa pequena confeitaria próxima da casa da moça, e até onde ela foi em lugar de Márcia que se achava completamente desanimada e incapaz de cumprir o compromisso que assumira anteriormente com o rapaz. E o diálogo entre os dois foi interrogado, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME. RUIDO DISCRETO DE CONFET.

BETO ✓ - Você não vai me dizer que veio em lugar de Márcia? |

HELOISA - Em lugar de Márcia, não. Mas em nome dela, para avisá-lo que ela não virá.

BETO ✓ - Ah é?! | Não virá, é?! | Eu esperava uma rasteira, mas não assim, de saída. | Mas não faz mal. | Ela não quer que eu seja bomzinho, há de ver o quanto eu sei ser mau. |

HELOISA - Não se exalte, Beto e escute, por favor. Márcia não é mulher de passar rasteira em ninguém. Você já sentiu o quanto ela sabe ser digna. Portanto, respeite-a como ela deve ser respeitada.

BETO ✓ - Conversa mole, nesta hora, não está me interessando. | Eu quero saber por que Márcia faltou ao compromisso assumido comigo. | Isso é o que importa. |

HELOISA - Márcia faltou porque está doente, apenas isto. Manda pedir a sua compreensão e um pequeno prazo para que ela possa se refazer. Está na cama, sem poder levantar-se; entende agora?

BETO ✓ - Que espécie de doença ela tem? | Posso saber? |

HELOISA - Gripou-se, está com febre e um profundo desânimo. Se viesse, você mesmo ia querer que ela fôsse embora e se medicasse. Como estava muito aflita com a situação e com o que você pudesse pensar a respeito dela foi que me prontifiquei a vir encontrá-lo, apesar da profunda antipatia que lhe tenho.

08.11.  
2011



lhe repita as ameaças que você fez há pouco?

BETO ✓ - Não, não... eu fiquei furioso. Você compreende... a gente esp  
ra uma coisa... sai outra diferente..

HELOISA - Sei.

BETO ✓ - Diga a ela que fiquei com muita pena, e desejo as suas melhoras,  
de coração. Depois <sup>deu o telefone</sup> ~~deu o telefone~~ para combinarmos um outro dia, que  
será quando ela já esteja completamente boa.

HELOISA - Fico satisfeita de poder transmitir-lhe este resado, Beto. Ela  
vai ficar mais tranquila. Estava tão angustiada a pobre...

BETO ✓ - Quer tomar alguma coisa? /

HELOISA - Não, obrigada. Tchau.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - A senhora quiria alguma coisa, dona? Faiz mais de uma hora que  
ande zanzando aí na frente, de trêiz pra diante, de diante pa  
trêiz e não se decede; eu arresorvi le priguntá.

DIANA - Eu estou à espera de um rapaz que costuma vir aqui. Precisava  
falar com êle com certa urgência.

DOQUINHA - Rapáiz? Quem sabe se eu cunheço êle e posso lhe dá alguma in-  
formação? Num sabe o nome dele?

DIANA - Claro que sei. Eu não ia procurar uma pessoa que não soubesse  
nem o nome.

DOQUINHA - Isso num tira. A gente às veiz vê um cara na rue, sempatiza  
com êle, pode até chegá a falá com êle e num sabê como êle  
se chama. Comigo memo já aconteceu develsas veiz.

DIANA - Não. Comigo nunca aconteceu. O rapaz que eu estou à espera  
tem o apelido de Beto.

DOQUINHA - Ah, o seu Beto! O seu Beto é meu faixa. Nois se demo munto  
bem os dois. Semo munto amiguinho. Às veiz nóis se extranhemo  
mas tombem passa digero. Nós num guardemos assintimento, nem  
eu nem êle.

DIANA - Êle não está aí, não né?

DOQUINHA - Não senhora, num tá. Já teve aí mas num dimorô munto saiu de  
novo otra veiz. A senhora qué deixá argum recado pra êle eu  
posso dá.

DIANA - Não senhora, obrigada. Eu queria falar pessoalmente com êle. Não sabe se êle volta aqui?

DOQUINHA - Si voltá, o que num é de munta certeza, só lá pra boquinha da noite. Si voltá. Ele num tem hora de vim nem de sai, é quando dá na veneta.

DIANA - Quem mais trabalha aqui com êle, além de você?

DOQUINHA - Bão, qué dizê... Nós semo em muntos, num é? Agora, que tão aqui memo todo o dia é só eu e o seu Beto, agora. O Sarará sumiu, o Magui tombem se ojentô-se e o seu Fernando foi sim bora lá pras banda do Estado Orientá. Parece que se chama Oroguaí. Foi o que uvi dizê. A gente é doméstica, a senhora sabe... êles num dão muntas inspliação. A gente fica sabendo de uvi falá. E a senhora quem é? Discurpi si mar prigunto.

DIANA - Sou uma antiga conhecida do Beto. Êle nunca falou na Diana, pra você?

DOQUINHA - Diana... Diana... dexa me lembrá... Óia e senhor, qué que eu lhe digue uma coisa? Acho que êle nunca falou na senhora, não. Duns tempo pra cá êle andou falando num otro nome deferente, mas num era Diana.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO

DIANA - Seria, por acaso... Márcia?

OPERADOR - REPETE O ACORDE

DOQUINHA - (MENTINDO) Márcia?... Óia... pra dázé memo a verdade... eu tô em dizê que ainda era otro nome deferente.

DIANA - Então já é uma outra alem dessa Márcia, porque essa Márcia existe e eu sei bem porque peguei um caderninho de apontamentos onde havia escrito o seguinte: às sete horas, encontro com Márcia. Foi pena que não dizia o local, então eu tinha apargido lá pra ver a cara deles.

DOQUINHA - Óia, eu num sei dessa Márcia, não. Pra mim é novidade, mas em todo o caso pruquê que a senhora num prigunte pra êle mêmô?

DIANA - Porque êle não vai me dizer que êle não é bobo. Mas eu descubro. Pode deixá que eu descubro. E vou me cobrar direitinho.

DOQUINHA - A senhora disse que vai cobrá? Será o caso que a senhora é muié, d'ele, é noiva dele, ou é algum adicétra dele?

DIANA - Não interessa. Responda uma coisa que eu vou lhe perguntar: nunca veio mulher nenhuma aqui procurar por êle?

DOQUINHA - Não senhora, a senhora é a premera.

DIANA - Bem, então não diga nada a êle que eu estive aqui e menos, ainda, que conversamos sobre êle. Si êle não me aparecer hoje, amanhã eu voltarei a procurá-lo. Que hora me aconselha?

DOQUINHA - De minhã, anssim pulars nove déiz hora que é a hora que êle tá tomando café.

DIANA - Tome. Isto é para você ir ao cinema hoje de noite e não se esquecer que não deve falar nada a êle.

DOQUINHA - Sim, senhora, munto brigadinho. Pode fiá discansada que eu num digo nem uma palavra que nós palestremo aqui.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Márcia, minha filha, você está melhor?

MÁRCIA - Eu não tenho nada, papai. Estou bem. Talvez o resfriado que spanhei nestes últimos dois dias tenha me deixado um pouco abg tida e como sou, sempre, muito ativa e falante esteja dando a impressão de que estou doente.

HERMES - Sabe o que papai nota em você, àcima de tudo? Uma tristeza tão grande que você não consegue dissimular.

OPERADOR - ACORDE DE SUETO.

MÁRCIA - Tristeza? Não, papai, eu não tenho nenhuma razão para estar triste. Principalmente agora que as coisas estão vindo à tonar e dissipando as nossas desconfianças.

HERMES - As nossas, sim, mas as da polícia ainda não, infelizmente.

MÁRCIA - As da polícia importam menos do que as nossas, papai. Saber-se que Nadinho fez o que fez, na intenção de salvaguardar as vidas dele e sua é para nós o mais importante. O resto é secundário e as consequências que puderem advir disso tudo não de ver superadas de alguma forma. Pior de tudo seria nós estermos convictos da culpa de Nadinho; não lhe parece?

HERMES - Sem dúvida, minha filha. Seria uma coisa horrorosa, principalmente para mim, seu pai. Porque afinal, convenhamos, a culpa mesmo, nem chegaria a ser dele. Muito maior é a nossa de não termos cuidado de selecionar as suas amizades. O que aliás era nosso dever. E se não cumprimos o dever, não devemos atirar a culpa em mais ninguém. Mas afinal, eu vim para falar de um assunto com você e, sem querer, nos desviamos. Eu quero que você me dê a certeza de que não tem nenhum espinho cravado no seu coraçõzinho, minha filha.

MÁRCIA - Não tenho, não, papai. Pode ficar descansado.

HERMES - Você jura?

MÁRCIA - Se o senhor exigir... eu juro.

HERMES - Está bem. Eu vou acreditar em você, mas desejo que você volte, o mais depressa possível, a ser a Márcia que era antes.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Eu não vou mentir à senhora que elas não estão, acontece que Márcia está doente e dona Eugênia deitou-se para descansar um pouco e pegou no sono. Como ela se queixou de insônia esta noite, eu tive pena de chamá-la, mas se a senhora insistir em falar pessoalmente com ela eu posso acordá-la.

DINAH - Não, não, não, de jeito nenhum Reginaldo. Deixe-a descansar. Afinal o meu assunto não tem urgência, se eu não falar hoje com elas posso falar amanhã, ~~at~~ até pelo telefone.

REGINALDO - Quer dizer que a senhora compreende e não vai me levar a mal; ~~XXXXXXXXXXXX~~ não é, dona Dinah?

DINAH - Que esperança, Reginaldo. Levar a mal por que? Se fôsse um assunto - digamos - de muita urgência e você se negasse a chamá-la, bem... si eu poderia ficar agastada. Mas não é nada disto. Eu vou apenas convidar as duas para patronesses da kermesse que nós estamos organizando na casa paroquial, em favor das obras de ampliação da Igreja. Você não acha que elas vão aceitar?

REGINALDO - Não posso lhe dizer nada, dona Dinah, porque agora as coisas aqui mudaram tanto... Ninguém mais sai de casa. Mas de qualquer

modo acredito que elas se prontifiquem a ajudar, mesmo que não desejem aparecer; entende?

DINAH - Que coisa horrível o que aconteceu; não é Reginaldo? E horrível, principalmente, pela situação criada pelos jornais, com as insinuações feitas ao Nadinho.

REGINALDO - Realmente. Mas os verdadeiros amigos da família souberam colocar as coisas no seu devido lugar e tiveram a delicadeza e a educação de não falar no assunto a ninguém aqui de casa. Nem mesmo a mim.

DINAH - (ENGASGANDO-SE, ATRAPALHADA) Bem, bem... eu... eu estou falando, mas quer dizer... eu... eu nunca acreditei... nunca tive a menor dúvida. E se f<sub>u</sub>lei a você agora foi... foi... bem, eu nem mesmo sei porque foi. Você não me leve a mal, Reginaldo, por favor. Eu não tive nenhuma intenção. Juro.

REGINALDO - (SIGNIFICATIVO - SABE QUE FOI SÓ POR FOFCA) Eu sei, eu sei. Não se preocupe que eu sei perfeitamente.

DINAH - Bem, então você me fará o favor de dizer a elas que eu estive aqui e que se não puder voltar amanhã, telefonarei para expor os motivos desta minha visita. Obrigada, sim? E desculpe, Reginaldo, não me leve a mal. Eu não acreditei; ouviu bem? Eu não acreditei.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Meu filho, você reparou a diferença que fez a sua irmã de uns dias para cá? Nem parece a mesma, Está completamente mudada.

NADINHO - Mudada como? O que é que a senhora acha que mudou na Heloisa?

EUGÊNIA - Eu não estou me referindo à Heloisa. Estou falando de Márcia.

NADINHO - Márcia? E o que é que a senhora acha de diferente nela?

EUGÊNIA - O que todos acham: seu pai, Heloisa, todos... Será que só você não percebeu a tristeza dela? É uma coisa impressionante, meu filho. Acho, até, que você e sua irmã deviam conversar com ela para ver se conseguem saber o que está se passando em seu íntimo. Afinal... ela foi sempre tão boazinha para vocês, não é justo, portanto, que permaneçam indiferentes diante de qualquer problema que ela possa ter.

NADINHO - A Heloisa já falou com ela, o pai já falou, eu já falei, ela responde pra todos a mesma coisa: "Não tenho nada", "Não é nada", "Estou bem.", "É impressão de vocês" e não sei disto.

EUGÊNIA - Pois é, mas não adianta ela dizer que não tem nada porque a fisionomia dela está mostrando.

NADINHO - A única coisa que eu posso deduzir é que ela esteja apaixonada, mãe.

EUGÊNIA - Apaixonada? Mas... apaixonada por quem? Eu acho que nem namorado ela tem, pelo menos que se saiba.

NADINHO - Tem, sim, mãe; ou melhor, teve, porque o cara não tá mais aí.

EUGÊNIA - Como é que eu nem sequer ouvi falar nesse namorado?

NADINHO - Sabe por que, mãe? Porque o cara era um dos nossos e eu acho que ela tinha medo que o pai não aprovasse.

EUGÊNIA - Ah!... E ele brigou com ela, ou o que é que houve para que ela ficasse desse jeito?

NADINHO - Bem, eu acho que depois do que aconteceu com o pai, lá no Banco, ela ficou chateada e deve ter brigado com ele.

EUGÊNIA - Mas ele terá tomado parte no que aconteceu?

NADINHO - Não sei, mas... podiam ter feito com ele o que fizeram comigo, não é, velha? Bem, mas de qualquer modo não fala nada pro velho, porque eu não sei nada com certeza, só tô falando coisa que eu penso.

EUGÊNIA - Não, meu filho, eu não vou falar nada ao seu pai, pode ficar descansado. É que eu já quero bem à sua irmã e me causa aflição ver uma criatura afundada num tristeza sem fim e não fazer nada para socorrê-la.

NADINHO - Amanhã eu vou falar com ela outra vez, deixa. E o que ela me disse depois eu conto, tá?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

BETO ✓ - Tú não sabe como é o nome dela? /

DOQUINHA - Não sei, ela não disse, mas o que eu posso dizer pro sinhô é que é uma moça de estatura meridiana, cos cabelo anssim todo mechado e os óio com um riscó verde em toda a roda da párpia. Dis-

pois umas bota chela de cabeça de prego e uma saia de Maria Bijona como as muié tão usando agora.

BETO ✓ - Já sei quem é; não precisa dizê mais nada. É a Diana. Mas como será que ela descobriu o endereço daqui?

DOQUINHIA - Sei lá. Vai vê ela saiu atrás do sinhô sem tu sabê e viu o sinhô intrá aqui. Muié, quando qué a descubri as coisa, seu Beto, é fôgo. Ela anda, disanda, vira, arreche, iscuíta, percura e no fim ela acha. A muié dava mió pra sê pulícia do que o home; eu sempre digo.

BETO ✓ - Então ela queria sabê quem era a Márcia? Mas tu não disse, não é?

DOQUINHIA - Tá louco? Nem parece que o sinhô me conhece. Eu só sô burra quando eu quero sê. Aí eu me faço de burra. Num sei, nada... num vi nada... num me dissero nada. No fim, muié já tava intê meio infazada cumigo que eu tive que dizê pra ela: "a sinhora sabe, num é? eu sô doméstica, êles num vai falá as coisa que num é pra sabê na minha frente. Si êles fala é longe de mim." Aí eu acho que ela a creditou nêmo e não me fez mais prigunta.

BETO ✓ - Foi embora? Não disse se voltava?

DOQUINHIA - Ia ficá aí na marceção. Eu que disse pra ela que hoje o sinhô num voltava mais, e que se voltasse, ia sê artas hora da route. Foi aí que ela se arresorveu-se a í a sinhora e me pediu pra eu num falá nada pro sinhô que ela tinha vindo aqui. Me deu intê dinheiro pra eu num dizê e eu prometi pra ela que num dizia. E disse. Agora tu me dá um dinheiro tambem, sinão pra otra veiz eu num digo, nem que tu peça que eu digue.

BETO ✓ - Quanto é que ela te deu?

DOQUINHIA - Quanto é? Dexa vê... dexa eu me alembrá... Ah, foi vinte mango.

BETO ✓ - Vinte é? Então já sei que foi dez.

DOQUINHIA - Foi vinte, home, tô dizendo que foi vinte, mas se tú qué me dá nó dez, eu num arrefugo. Eu aceito dez memo.

BETO ✓ - Tá bem, depois eu te dou. Agora eu não tenho dinheiro aqui.

DOQUINHIA - Dispois, é? Então já sei que êsse eu posso fazê cruiz. Esse num vem mais. Eu te conheço, seu Beto, ó... do otro carnevá.

BETO / Si eu tô te dizendo que te dô, depois, é porque vou te dá, sinão já dizia que não dô e pronto. /

DOQUINHA - Óia, seu Beto, o sinhô qué que eu lhe digue o que é que eu peg firo? Num é dinheiro, não. Perfiro que o sinhô dê um geito na surtura do meu nêgo. Na úrtima quarta fêra êle já me arrecramô que nós temo imbromando muito êsse negócio e que êle num gosta de chove num móia. É pra sê, é pra sê logo.

BETO / Ah, êle reclamou, é? / Pois então, êle inda vai tê muito que reclamá, porque tão cedo, eu não pretendo fazê outra, daquelas. /

DOQUINHA - Ah é? O sinhô prometeu, então, só por prometê, é?

BETO / - Eu não prometi, Doquinha, vê bem. / Eu disse que, se pudesse / se pudesse - atenderia "ao teu pedido", de dá um geito, pra tirá o nêgo de lá. / Si eu pudê eu dou, si não pudê azar. / Tu sabe, quanto é que a gente teve que pagá, pra tirá o Fernando? / Cinco milhões, tá? / Cinco milhões. / É foi a gente dele que arrumou o dinheiro. / Tú tem cinco milhões pra tirá o nêgo? /

DOQUINHA - O sinhô tem, me empresta que dispois eu vou la pagando.

BETO / - Ah, tá bem. / Bom, eu vou dormi, que tô com um sono danado. / Já sabe, hein? / Só gente do grupo, pode falá comigo, ou então a Márcia. / Fôra disso não tô. /

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Minha filha, você já resolveu alguma coisa a respeito do seu casamento? Já pensou se vai mesmo casar ou não?

HELOISA - Papai, eu acho que vou casar, mas bem resolvida ainda não estou.

HERMES - O rapaz tem me procurado com certa insistência. Quer que eu o ajude. Que faça você compreender a solidão em que êle se encontra.

HELOISA - Eu compreendo, mas acho que êle precisa experimentar essa solidão durante mais algum tempo, para ver si o que êle quer é realmente um outro casamento.

HERMES - Mas êle falou comigo pela primeira vez já ha mais de dois meses, penso eu. Você não acha que é tempo bastante para um homem se resolver a firmar uma decisão?

HELOISA - Isso é uma questão muito pessoal, papai. Há os que podem tomar uma decisão em horas e nunca arrepender-se e os que necessitam

de um ou dois anos para saberem se aquilo que vão fazer é realmente o que eles querem.

HERMES - Bem, minha filha, isso é verdade e você o conhece melhor do que eu que apenas falei com ele duas ou três vezes, sempre muito ligeiramente. Os pais sempre têm uma certa pressa em ver os filhos felizes, entende, querida? E como eu tenho a impressão de que ele ama você bastante acredito que essa união possa resultar em felicidade para você e, conseqüentemente, para nós também. Mas você faz bem em pensar. E se não tem certeza, deve continuar pensando mais algum tempo. Você não receia perdê-lo em consequência de demora, receia?

HELOISA - Não. Nem um pouco. E si ele desistir por não saber esperar, me dará a convicção de que não era o homem que me serviria.

HERMES - Bem, minha filha, desculpe ter vindo interromper o seu estudo, mas o rapaz ficou de voltar lá hoje ou amanhã e o papai precisava saber de alguma coisa para dizer a ele. Ele quer frequentar a casa. Que devo dizer?

HELOISA - Que me telefone amanhã. Nós resolveremos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Minha filha, dá licença?

MÁRCIA - Claro, Reginaldo. Você precisa de licença para entrar na minha saleta? Que aconteceu? Você parece agitado.

REGINALDO - Veja o que chegou para você?

MÁRCIA - Uma carta? De Fernando?!... Será mesmo? Como é que você sabe?!

REGINALDO - Élo uruguaio. Carimbo de Montevideo!... Você tem algum outro amigo lá?

MÁRCIA - Não, não tenho. Deixe ver... (PAUSA) Sim. As iniciais dele estão aqui no verso do envelope. (TRÊMULA, NERVOSA, ATÉ DESATAR EM PRANTO CONVULSO) É dele, sim Reginaldo... é dele... já não tenho dúvidas... É de Fernando... é de Fernando a carta, Reginaldo... É de Fernando... (PRANTO CONVULSO)

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - ENCERRAMENTO.

OPERADOR - VOLTA A CARACTERÍSTICA E SOME.

- NOVELA DE ERICO CRAMER -

16ª CAPÍTULO

*Beto  
Laudim*

*Voz*

08.11.  
20.11

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao findar o quadragésimo quinto capítulo desta novela, encontramos Reginaldo na saleta conjugada ao quarto de Márcia, quasi ao findar da tarde de inverno, participando-lhe a chegada de uma carta que a êle parecia ser de Fernando. O diálogo entre os dois foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBRE CARACTERÍSTICA. BAIXA E SOME

MÁRCIA - Que aconteceu, Reginaldo? Você parece agitado,  
reginaldo- Veja o que chegou para você.

MÁRCIA - Uma carta?! De Fernando?!... Será mesmo? Como é que você sabe?

REGINALDO- Sêlo uruguaio. Carimbo de Montevidéo! Você tem algum outro amigo lá?

MÁRCIA - Não, não tenho. Deixe ver... (PAUSA) Sim. As iniciais dele estão aqui no verso do anvelope (TRÊMULA, NERVOSA, ATÉ DESATAR EM PRANTO CONVULSO) É dele, sim, Reginaldo! É dele!... Já não tenho dúvidas... é de Fernando... É de Fernando a carta, Reginaldo... É de Fernando!... (PRANTO CONVULSO).

REGINALDO - (SOLÍCITO E UM POUÇO AFOBADO) Minha filha, que é isto?!...  
e Até parece que você está com mau preságio... que as notícias não serão boas... Não faça isto, por favor. Acalme-se para poder ler a carta que, com toda a certeza, vai lhe trazer notícias boas. (PAUSA) Vamos, enxugue o seu pranto e trate de ler a carta. Até eu estou aflito pelas notícias. (PAUSA) Está melhor, agora?

MÁRCIA - (Que foi se acalmando aos poucos) Estou melhor, sim Reginaldo. Não se aflija tanto por mim. Foi de alegria que eu chorei, entende? Não esperava que êla pudesse me mandar notícias tão depressa e ao defrontar-me com a realidade a alegria foi tão forte que explodiu através das minhas lágrimas. (TOM) Não sei...

PAG. 2

- não consigo maneira de abrir este envelope... parece que tenho os dedos endurecidos pelo frio...

REGINALDO - Não é isto, não. É que você está nervosa. Dê-me o envelope que eu o abro para você.

C/REGRA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E RETIRAR CARTA. ABRINDO-A.

REGINALDO - Pronto, está aí a carta, já aberta. É só ler.

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Que coisa estranha, Reginaldo...

REGINALDO - O que é que é?

MÁRCIA - Eu não consigo ler. As letras parece que estão, todas, em constante movimento ... como um aparelho de televisão que a imagem disparasse, entende?

REGINALDO - Você está nervosa ainda. Acalme-se para poder ler as notícias.

MÁRCIA - Não, Reginaldo, eu estou muito aflita para saber o que se passa com ele. Leia a carta para mim, faça o favor.

REGINALDO - Está bem. Deixe ver. (LENDO) Minha muito adorada Márcia. Faz (AFASTANDO-SE) dois dias apenas.

FERNANDO - (AVANCANDO NA MEDIDA QUE REGINALDO RECUA) Faz dois dias apenas que a vida nos separou e já começo a sentir a imperiosa necessidade da sua presença, único bem que a fatalidade ainda não conseguiu arrancar do meu desventurado coração, descrente, tão precocemente, de todas as coisas boas que o povoaram nos primeiros anos da sua juventude. É que os maus o cercaram, o envolveram, o iludiram, valeram-se dos seus ideais de amor e de paz a todos os outros corações e acabaram por escravizá-lo a uma têia de culpas que foram sendo agravadas a cada missão que lhe impunham e que terminariam, fatalmente, no crime, se uma missão fracassada não houvesse mudado o curso dos acontecimentos. Sinto tanta necessidade da sua presença e de ouvir a sua voz meiga e acariciante que apresso-me em mandar-lhe minhas primeiras notícias para que você se tranquilize e me mande, também, as suas, a fim de que eu possa matar, ao menos em parte, a fome da sua presença. Não me apresentei à pessoa a quem Beto me recomendou e adianto-lhe que não pretendo procurá-la. É melhor que ela ignore a minha presença.

MÁRCIA - Muito bem. É isto mesmo. Beto, naturalmente, não quer perder o controle sobre Fernando e por isso deseja alguém que lhe mande notícias, mas se ele é vivo, Fernando é muito mais.

REGINALDO - Ouça o resto.

FERNANDO - Peço-lhe que não diga a ninguém, sinão às pessoas de sua inteira confiança, que lhe escrevi esta carta. Estou terminantemente proibido de mandar-lhe notícias. Estou num hotelzinho muito modesto mas bastante simpático e já no periódico de domingo deve haver, segundo me disseram hoje, oferecimentos de emprego. Vou procurar um e também um quarto em casa de família onde sempre se paga menos do que num hotel, por modesto que seja. Por enquanto mande-me suas notícias para o endereço da papeleta que segue anexa e destrua a carta para evitar complicações. Um abraço ao Nadinho, Reginaldo e Heloisa e receba o meu coração inteiro com um punhado de saudades as mais pungentes. Seu, muito seu... (DIZ AS ÚLTIMAS PALAVRAS SE AFASTANDO)

REGINALDO - (AVANÇANDO, LENDO JUNTO COM FERNANDO) Seu, muito seu, Fernando. (PAUSA LONGA) E então? Não está contente de saber que tudo está bem? E agora você já não tem mais razão para tantos temores. Vamos comemorar a chegada desta carta. Vamos os dois a um restaurante, esta noite, para comer um galetinho e tomar um gole de vinho. Combinado?

MÁRCIA - ((ENTRE CHORANDO E RINDO) Reginaldo, você é um amor de criatura e eu não resisto ao ímpeto de beijá-lo. (BEIJO)

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Pois eu já estive aqui outro dia e deixei um recado com o Reginaldo, como você não me telefonou e o Padre Augusto insiste em que seu nome figure entre as patronesses, eu resolvi voltar.

EUGÊNIA - Mas o Reginaldo não me disse que era para eu telefonar; o que ele disse foi que você voltaria outro dia. Eu fiquei à espera.

DINAH - Não sei bem o que ficou acertado, mas de qualquer maneira isso não tem maior importância. Eu voltei, nós estamos conversando sobre o assunto e é isto o que interessa.

EUGÊNIA - O que é que vão fazer, Dinah? Isso ele não soube me dizer muito bem.

DINAH - É uma kermesse, para continuação das obras da Igreja e ampliação da Casa Paroquial. O Padre Augusto quer aumentar o número de matriculas para as aulas noturnas e não pode fazer porque não tem salas. Como há bastante terreno, aquele pátio enorme, ele vai avançar sobre ele e fazer mais tres salas grandes que vão comportar mais de duzentos alunos. Não é uma beleza?

EUGÊNIA - Realmente. É uma ideia muito boa do Padre Augusto que não poderia deixar de receber o auxílio de todos os paroquianos, pelo menos dsqueles que estão em condições de fazê-lo.

DINAH - O que equivale dizer que você aceita o convite que lhe faço?

EUGÊNIA - Aceito, sim. Aceito que meu nome figure entre as patronesses, enviarei várias coisas para serem leiloadas, para a tenda do chá mandarei também, todos os dias, salgados e doces ou qualquer outra coisa que possam precisar, só não estarei presente porque agora não desejaria me apresentar em público, entende Dinah?

DINAH - Óra, querida, mas francamente! Eu não vejo porque você tenha que se abster de aparecer em público. Você não deve nada, portanto sou de opinião que deveria continuar a frequentar as mesmas rodas de antes, para que amanhã não apareça quem diga que a sociedade foi que a abandonou, por isso você não aparece mais.

EUGÊNIA - Não posso, Dinah. Não posso fazer o que você sugere porque fiz promessa de abandonar a sociedade e viver exclusivamente para a minha família, se tudo ficasse esclarecido e as insinuações maldosas fossem esmagadas pela verdade, sem salpicar de lama o meu filho.

DINAH - Ah bem, então se foi promessa, já não está mais aqui quem falou. Promessas são dívidas contraídas com Deus e embora ele não as cobre, não devemos deixar de pagá-las.

EUGÊNIA - Pois é, Dinah, assim que você vai me fazer o favor de explicar direitinho ao Padre Augusto a situação para que ele não se aborreça depois comigo pela minha ausência. Entendidas?

DINAH - Mas naturalmente, Eugênia. Pode ficar descaçada que eu vou repetir direitinho a êle, tudo que você está me dizendo.

EUGÊNIA - Depois você me avise, por favor, a data certa da kermesse, a fim de que eu providencie na remessa das coisas que prometi. Tenho aí uns novelos de lã disponíveis já vou começar a fazer hoje mesmo umas mantas, umas camisolas, umas coisas bem bonitas para serem vendidas no bazar.

DINAH - E a Márcia, o que é que você acha? Ela acataria para auxiliar na venda das tómbolas ou quem sabe gostaria mais de servir as mezas do bar ou da tenda do chá?

EUGÊNIA - Não posso responder nada por ela, mas alguma coisa ela vai querer fazer, tenho certeza. É pena que exatamente hoje ela não esteja. Foi ao Correio levar uma carta parece que para a avó, segundo me disse o Reginaldo. Mas eu digo a ela e ela depois passa na sua casa para conversar com você. Certo?

DINAH - Muito bem, Eugênia. Muito obrigada pela sua acolhida tão cordial, pela ajuda grande que eu já senti que você vai nos dar e o que peço a Deus é que continue a protegê-los para que a paz volte ao lar de vocês.

EUGÊNIA - Obrigada. Amen.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO ✓ - (AO TELEFONE) Alô, Nadinho, é Beto quem fala aqui. | Tudo bom bicho?

NADINHO - (FALANDO SEMPRE EM FILTRO ATÉ O FINAL DA CENA) Vai se vivendo. Chagando aqui, sem podê sai, sem podê fazê nada... Alguma novidade?

BETO ✓ - Não. | O negócio tá parado mesmo pra valê, sabe como é? | Eu chamei você, pra me dá uma mãozinha aí num troço, que tá saindo diferente do fâgurino, manjou? |

NADINHO - Que é que é? Bate logo.

BETO ✓ - Tu não vai querê bancá o anjinho comigo, agora, vai? | Vai querê dizê que não sabe, que a Márcia tá evitando de falá comigo, e que desde o dia que o bom cabelo embarcou, nunca mais a gente se viu? |

NADINHO - Bom, ela tava duente, né Beto? Ou tu queria que ela levantasse da cama pra i te encontrá na rua?

BETO ✓ - Não é isso, bicho, não é isso. | Falá comigo no telefone eu acho.

- que ela podia né? Não ia perdê pedaço, nem piorá da duença, pom ba! Pois já três vezes eu telefonei pra aí, e ela tá sempre dormindo. Tá chato esse negócio, não tá não? /

NADINHO - Eu vou falá com ela amanhã sôbre isto, Beto. É isso que você qué, não é?

BETO ✓ - Confere. Pomba, ela prometeu não é Nadinho? Eu fui legal com ela, fiz tudo que disse que ia fazê. Agora é a vez dela. Acho que ela não vai se mancá, não é? /

NADINHO - Oh Beto, tú qué um conselho de pessoa que conhece bem a Márcia?

BETO ✓ - Bete, bicho. /

NADINHO - A Márcia é uma garota bacana, viu? Uma garota legal. O que ela promete ela faz. Ela agora tá de fato meio acalcanhada e eu se fosse você não forçava a situação agora. Dava mais tempo, entendeu? Deixa ela se refazê mais um pouco e tu vai vê que aí ela vai entrá direitinho nos trilho. Sabe como é, não é? O negócio foi meio violento, a pessoa precisa de tempo pra se acostumá.

BETO - Tá bom Nadinho, eu vou nessa tua. Não precisa falá nada com ela, por enquanto. Vamo esperá mais uma semana, e aí se o negócio não viê, a gente torna a conversá; valeu? /

NADINHO - Ótimo, bicho. Eu tem que fazê o bacana pra agradá ela. É esse negócio que tu tá fazendo agora vai te dá uma média alta pra cachorro; tu vai vê só.

BETO ✓ - Vamo vê. Eu tô meio agoniado, mas tô indo por ti, hein bicho? /

NADINHO - Vai por mim que tu não te arrepende. Eu conheço a minha irmã.

BETO ✓ - Escuta, amanhã eu vô te telefoná pra sabê dela, e tu me diz se ela te falou alguma coisa, tá? /

NADINHO - Pode deixê. Aí eu vou dizê pra ela que tu telefonou só pra sabê notícia dela. Isso vai te dá uma média, rapaiz, que tu nem sabe.

BETO ✓ - Tá Nadinho, você é um amigo. Olha, tu não vai te arrependê, não. O cara é legal comigo, tu sabe como é que eu sou; não sabe? Te hau, então. Amanhã eu telefone outra vez a esta hora mesmo, tá? /

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE. BOTANDO O FONE NO GANCHO.

BETO ✓ - Essa cara me virou do avêso mesmo. Eu peguei o telefone pra dá uma eschachada nela, foi só o Nadinho me dizê que ela tá doente, /

- mesmo | e eu já fiquei todo mole, e já não fiz nada do que ia fazer. | Sexo forte, nada. | Sexo forte, uma conversa fiada é o que é. |

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DIANA - Boa tarde. Hoje você não vai me dizer que ele não está porque eu vi quando ele entrou aqui. Eu estava lá na esquina, cuidando.

DOQUINHA - Dona, eu num intindi nada que a senhora disse. Ele quem que entrou aqui que eu num vi?

DIANA - O Beto. Não se faça de inocente que você bem sabe que é a ele que eu estou procurando.

DOQUINHA - O seu Beto?! Ele entrou aqui, a senhora disse? Como é que ele podia entrar e eu num vê? Será que eu tô ficando birôia das vigas e dartônica dos ouvido que eu num vi nem uvi ninguém intrá?!

DIANA - Pois vá lá dentro ver e depois me diga si ele não está.

DOQUINHA - Vou vê, mãe. Ah, vou. E que ele tivé lá dentro, aminhã memo eu vô cunsurtá um dotô da cabeça que a minha num tá boa.

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA SE AFASTANDO.

DIANA - (JÁ NA DÚVIDA) Será que não foi aqui que ele entrou? Que eu lá da esquina fiz confusão das portas? Mas eu era capaz de jurar que foi aqui que ele entrou. Assim. Vamos esperar a volta da pretinha para confirmar.

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA QUE SE APROXIMA.

DOQUINHA - Óia, dona, a senhora pode até entrar lá pra vê que num tem ninguém e num faça mais isso de dá susto na gente, tá? Eu pensei que tava ficando meluce da cabeça, credo!

DIANA - Pois olhe, eu era capaz de jurar que o vi entrando aqui.

DOQUINHA - Pois é, mas num viu, praquê se visse ele tava aí dentro e num tá. Que dexé algum recado vai mandando que eu dê direitinho pro ele.

DIANA - Não, não quero recado nenhum. Quero saber onde foi que ele entrou, pra cuidar a saída e falar tudo que preciso.

DOQUINHA - Si é que ele já num saiu, por inquanto que a senhora tá aqui papiando cumigo.

DIANA - Si eu não chegar a me encontrar com ele, não diga nada que eu estive aqui, tá bom?

DOQUINHA - Tá bão, sim senhora, com um dinheirinho legal assim tá sempre bão, sim senhora. Pode deixá que eu ~~XXXXXXXXXXXX~~ como em tranca e ninguém num vai sabê que a senhora teve aqui.

C/REGRA - PASSOS DE DIANA QUE SE AFASTA E SOMEM.

DOQUINHA - Déiz mango. Inté que num era mau que ela viesse aqui todos os dia que eu fazia a minha féria.

BETO ✓ - (PROJETANDO DE SEGUNDO PLANO) Já foi? /

DOQUINHA - Fica quêto, diabo. A miê arresorve vortá e pega nóis ca boca na buntija. Ai tu entrega o teu negócio e o meu.

BETO ✓ - (IDEM) Espia lá na porta, si eu já posso sai daqui. /

C/REGRA - ALGUNS PASSOS, AFASTANDO. PARA, ALGUNS PASSOS VOLTAM.

DOQUINHA - Óia, ela tá parada lá na insquina com os zoião firme pra cá. Tu hoje vai ficá prêso aí nem que tu num quêra.

BETO ✓ - Não demora escurece, ela tem que ir embora. Ora já se viu? A mulhé não qué me afrouxá. E eu não quero mais nada com ela. Chega. Agg ra o meu negócio é outro. /

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - O rapaz telefonou procurando você. Quando eu disse que você não tinha vindo jantar em casa, mostrou-se desagradado e não quiz dar recado nenhum. Disse que eu nem falasse nada a você que êle havia telefonado. Você me desculpe, Heloisa, mas eu não estava sabendo que era êle e disse a verdade.

HELOISA - E era para dizer a verdade, mesmo, não faz mal. Eu ainda não tenho, oficialmente, nenhum compromisso com êle, portanto não me sinto com nenhuma obrigação de dar-lhe satisfações das minhas andanças.

REGINALDO - Desculpe, Heloisa, mas... se você pensa mesmo em casar-se com êle, deve tratá-lo de outra forma. Mesmo porque se você não é noiva oficial, é porque ainda não se resolveu. Por êle, já estaria até casada.

HELOISA - Ele precisa aprender a esperar, coisa que nunca soube fazer, Reginaldo e eu estou fazendo isto, precisamente para ensiná-lo. Ele teve tudo muito fácil durante a vida toda, precisa saber que um dia os ventos mudam e o que também foi fácil pode tornar-se difícil.

REGINALDO - Bem, Heloisa, você é uma moça que sabe o que quer e o que faz, por isso não vou perder meu tempo em dar-lhe conselhos, mas nunca seria de mais perdê-la que tivesse ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ a certeza de que os extremos são sempre condenáveis e que a virtude reside exatamente no meio termo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

FERNANDO - Dá licença, don Pablo?

VOZ - (URUGUAIO) Si, si, como nó? Pase no más, Don Fernando.

FERNANDO - Dona Angelita me disse que o senhor tem uma carta do Brasil para mim?

VOZ - Si, si, es verdad. Acé la tiene.

FERNANDO - Obrigado. (PAUSA) (PARA SI MESMO) É dela!

VOZ - Acá tiene la tijera, si quiere cortar el sôbre.

FERNANDO - Não, dona Pablo, obrigado. Eu vou ler lá no quarto.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE À MESMA ALTURA DO MICROFONE. POR ALGUM TEMPO. PARAM. RUIDO DE MOLHE DE CHAVES. ABRIR PORTA COM CHAVE. FECHAR APENAS COM TRINCO. MAIS TRES OU QUATRO PASSOS. RUIDO DE RASGAR ENVELOPE. ABRIR PAPEL DE CARTA.

FERNANDO - (LENDO) ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Meu muito querido Fernando. Recebi sua carta (VAI AFASTANDO E LENDO) que foi para mim como o bálsamo que se aplica....

MÁRCIA - (VAI SE APROXIMANDO, LENDO JUNTO COM FERNANDO) ~~XXXXXXXXXXXX~~ ... que foi para mim como o bálsamo que se aplica a uma ferida que sangra e causa dores terríveis. Tanta foi a alegria experimentada que, para continuar a senti-la em toda a sua essência e com todo o seu intenso vigor, à medida que terminava a leitura, voltava automaticamente às suas primeiras palavras. E isto fiz uma, duas, três, muitas vezes até que meu coração serenasse e eu conseguisse, novamente, por os pés na terra. Você me pede que lhe fale de mim. Que poderei dizer-lhe, senão que morro de saudades a cada dia que passa e que não consigo achar encanto na vida, longe de você. E quando penso que a sua ausência possa prolongar-se, sinto como se o

frio da morte me envolvesse inteira. Nada mais poderei dizer-lhe de mim, além disto. Escreva-me sempre. Faça-me um diário de tudo que acontece com você. Será a forma de poder sentir-me mais junto de quem há de ser, sempre, o meu grande e inesquecível amor. (VAI SE AFASTANDO) Receba o beijo terno e toda a profunda saudade...

FERNANDO - (APROXIMANDO-SE, LENDO JUNTO COM MÁRCIA) Receba o beijo terno e toda a profunda saudade da sua, sempre sua MÁRCIA. (PAUSA E TOM) Querida minha! Que saudade, meu Deus! Que saudade! Darei por bem empregados todos os meus sofrimentos, todas as minhas angústias, todas as lágrimas que tenho vertido em silêncio, se um dia puder voltar a ter-te nos meus braços!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - A Dinah me disse que esteve aqui convidando você para a direção da quermesse que vão fazer em benefício das obras da Casa Paroquial, não é?

EUGÊNIA - Esteve, sim. Aliás me fez uma visita muito agradável. Conversamos uma boa parte da tarde.

LINDAURA - Ela me falou que foi muito bem recebida, que você prometeu inteiro apoio à quermesse, mas que não pretende comparecer?

EUGÊNIA - Exato. Eu me afastei de tudo, sabe Lindaura? Depois que compreendi que meus filhos estiveram à beira de um abismo por falta de orientação e o devido cuidado dos pais, fiquei num desespero tão grande que jurei a mim mesma largar tudo e dedicar-me exclusivamente a eles. Deveria ter feito isto antes, mas em todo o caso, nunca é bastante tarde para se tomar o caminho certo.

LINDAURA - Mas o fato de você querer se dedicar aos seus filhos, não impede que você compareça, prestigiando com a sua presença, uma festa da sua igreja. Parece-me, até, uma maneira de você agradecer a Deus, o ter evitado que seus filhos rolassem pelo abismo da vida.

EUGÊNIA - Talvez, não sei, mas eu acho que abdicando a tudo que me dava prazer e dedicando-me exclusivamente ao meu marido e aos meus filhos eu darei a Deus o maior agradecimento à graça que me

concedeu. Eu tenho vontade de ir às festas, não pense que não tenho, mas aí é que reside o mérito da minha abdicação. Se deixasse de ir simplesmente porque não sentisse mais prazer nelas, parece-me que não existiria, de minha parte, a menor virtude.

LINDAURA - Bem, isso não deixa de ser certo, mas parece-me que em se tratando de uma festa religiosa e com finalidade tão nobre, você poderia abrir um parêntesis na sua promessa. Si é que você fez promessa, não sei.

EUGENIA - Bem... é como eu disse a você: prometi a mim mesma, mas tomei a Deus como testemunha e não quero faltar.

LINDAURA - Está bem, si é assim eu não insisto mais. É que você está comigo, a Dora Bela e a Mimosa Pinter na tenda do Chá e eu gostaria de poder contar com a sua ajuda porque a Mimosa, com aquela gozadura dura toda, mal pode andar, a Dora Bela, muito mais conversa do que trabalha; no fim eu vou me ver com o trabalho grosso todo.

EUGENIA - Eu mando uma auxiliar para você que vai lhe ajudar muito mais do que eu. Vou pedir à Márcia para ir no meu lugar.

LINDAURA - Ótimo! Agradeço-lhe imenso e vou pedir muito a Deus por você.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO ✓ - Ôi, Doquinha. | Alguma novidade? |

DOQUINHA - Ôia, seu Beto, que eu teje sabendo, não? Quem teve aí procurando do o sinhô foi a dona aquela que o sinhô não qué falá com ela.

BETO ✓ - É cara bem chata aquela! | Será que ela ainda não se convenceu de que eu não quero <sup>mais</sup> nada com ela? |

DIANA - (AFASTADA) (DURA) Você pode não querer nada comigo, Beto, mas eu quero muito com você!

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - ESTE FOI O quadragésimo sexto capítulo desta novela de Erico Graemer, etc., etc.

OPERADOR - CHARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

.....

- Novela de Érico Cramer -

17º CAPÍTULO

*Luiz  
Lolita*

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quadragésimo sexto capítulo desta novela, deixamos Doquinha e Beto conversando, num lugar qualquer ainda não identificado e onde o rapaz acabara de chegar. Ele fora procurado por alguém que já não mais o interessava e Doquinha estava precisamente dizendo a êle o que se passara, quando o capítulo foi interrompido. E a cena teve o seu final, mais ou menos a esta altura, do diálogo:

08.11.  
2011

OPERADOR - CARACTERÍSTICA SOBREZ, BAIXA E SOME.

BETO - Ôi, Doquinha. Alguma novidade?

DOQUINHA - Ôia, seu Beto, que eu teje sabendo, não. Quem teve af percu rando o sinhô, foi a dona aquela que o sinhô num qué falá com ela.

BETO - É cara bem chata, aquela! Será que ela ainda não se convenceu de que eu não quero mais nada com ela?

DIANA - (AFASTADA - DURA) Você pode não querer mais nada comigo, Beto, mas eu quero muito com você.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

BETO - Diana, como é que você vai entrando sem se anunciar e sem pedir licença?

DIANA - Porque se me anunciasse, você não estaria nunca, como já aconte ceu das outras vezes, e se pedisse licença, você também não ia me dar, então resolvi a coisa da maneira mais simples. Fui en trando, mesmo porque me parece que essa coisa de se anunciar fica muito bem para grandes ambientes, mas nunca para pocilgas.

BETO - Pocilga ou não, o sistema aqui é êste: ninguem entra sem se a nunciá, tá bom? E não há de sê você que vai quebrá uma praxe estabelecida por mim, ôquêi? O que é que você quer?

DIANA - Conversar com você para acertar velhas contas. Mas não na pra sença de extranhos.

DOQUINHA - Hum... a sinhora tá dizendo isso oiando pra mim, prquê? Eu num

sô instranha aqui, não sinhora. Eu trabalho aqui, ó... fáiz mais de três ano.

DIANA - Pois é, mas para mim você é uma extranha. Se o assunto é reserva do eu não vou falar na sua presença.

DOQUINHA - Que instranha boba que eu sô pra ti, si tu intê já me deu gorgêta e tudo? Ou será que tu num te alembra?

BETO - Doquinha, deixa isso pra depois e vai lá pra dentro, agora. Eu tenho pressa que tenho que sair logo depois do jantar.

DOQUINHA - Tá bem, seu Beto, eu vou. (TOM. PARA DIANA) Mas num adianta na da praquê depois êle me conta tudo, tá uvindo?

C/REGRA - PASSOS DE CHINELO QUE SE AFASTAM PISANDO FORTE. SOMEM.

DIANA - Pelo que scabei de ouvir, além de empregada, ela é também confidente? Muito bem. Então era por isso que eu não conseguia nunca encontrá-lo? Ela já estava sabendo que você não desejava avisar-se comigo?

~~BETO~~ BETO - Eu não posso tá perdendo tempo com papo furado, Diana. Tenho muito que fazê. Qué falá alguma coisa, fala logo.

DIANA - Eu quero saber, simplesmente, como é que você pretende solucionar o nosso caso.

BETO - O nosso caso? Que caso?

DIANA - Ó Beto, é preciso alguém ser muito descarado para falar deste modo. Então você não sabe quel é o nosso caso? Será que eu vou ser obrigada a refrescar-lhe a memória?

BETO - Você tá se referindo ao namorinho besta que nós tivemos, é?

DIANA - Beto, você tem o descaramento de chamar isto de namorinho besta? Você não sabe que eu estou esperando um filho seu, Beto? Você sabe.

BETO - Tá esperando porque qué. Eu já disse que levo você numa pessoa aí que livra você em dois tempos. Não quer, azar.

DIANA - Beto, você não está tratando com uma mulher qualquer, veja bem. Eu era uma moça decente, quando você me encontrou e quando insistiu para que eu o acompanhasse a uma festinha que você dizia que seria super-bacana e que no fim nada mais era do que uma tremenda orgia de viciados.

BETO - Você foi porque quiz, não vem agora tirá onde de enganada.

DIANA - Tirar onde de enganada? Beto deixe de ser cafageste. Seja homem. Assuma a responsabilidade das coisas que você faz. Não venha injustiçar a gente, querendo fugir à responsabilidade dos fatos. Eu fui enganada, sim. Tremendamente enganada e traída, porque você me levou a uma orgia de anormais, mentindo que me levaria a uma casa de família, onde realizariam uma festa muito bacana. Cheguei lá verifiquei logo o meu engano e a sua indignidade, mas como voltar sózinha, si eu nem sequer conhecia o caminho, tão longe estávamos? Conservei-me aparentemente calma e em posição de defesa, procurando convencer você a levar-me para a casa. A uma certa altura dos acontecimentos, depois de um cigarro que fumei e que foi criminosamente colocado dentro do meu maço de cigarros, desmaiei e quando voltei aos sentidos, alta madrugada, estava abandonada num canteiro do jardim de minha casa. Isto é verdade, ou estou alterando os fatos?

BETO - (ENFARADO) Não interessa. Aguas passadas não movem moinhos.

DIANA - Não movem para você que é um refinado canalha, mas para mim elas movem, embora sejam aguas de sargeta que foi onde você me atirou, depois de ter conseguido o seu intento. Mas uma coisa que você não sabe eu vou lhe dizer agora. Eu tenho pai e dois irmãos que me adoram. Se souberem a verdade você é um homem morto. Eu ainda não disse nada a eles não que queira poupar você, mas para evitar o que sei que sofrerão com a verdade. Por isso tenho uma proposta para fazer a você que resolverá perfeitamente a sua vida e a minha.

BETO - Desde que não me meta em negócio de casamento... Qual é a proposta? Vamo vê.

DIANA - Era exatamente isso que você não quer que eu lhe meta. A proposta seria você casar-se comigo, abandonar-me uma semana ou dez dias depois e desaparecer para não ser perseguido pelos meus. Justificaria a minha situação e defenderia também a sua pele, porque eu estou dizendo a você que ela corre perigo.

BETO - Desaparecer como? Você pensa que eu disponho de dinheiro para poder sair daqui, onde eu tenho meus interesses e i vivê de ar puro

num outro lugar qualquer, como se o ar alimentasse e vestisse?

DIANA - Você receberia uma boa importância que lhe daria para manter-se vários meses vivendo com inteiro conforto e sem fazer coisa alguma. Depois desse tempo, se quizesse, poderia voltar. Os ânimos em minha casa já estariam mais serenados e você já não correria o risco de que lhe cobrassem a sua dívida.

BETO - Que boa importância seria essa? Vamo vê se vale a pena.

DIANA - Bem... eu daria a você a metade da herança que recebi por morte de minha mãe e que deverá andar aí por volta de cem, cento e vinte milhões.

BETO - É pouco. Vê se dobra a parada e eu vou pensá no negócio, tá?

DIANA - Si lhe entregar tudo de que iremos viver amanhã, eu e o nosso filho?

BETO - Você não disse que seu pai e seus irmãos adoram você? Eles não vão deixá você morrer de fome nem a criança.

DIANA - Mas Beto, como vou justificar, diante deles, o lhe ter entregue toda a minha fortuna? A metade pelo casamento lhe pertenceria.

BETO - Bem, essa coisa de justificá não tá me interessando. Vai pra casa, direitinho, pensa na proposta que eu fiz de dobrá a parada e amanhã vem me dá a resposta. Se aceitá... eu vou pensá no assunto.

DIANA - Ainda vai pensar?

BETO - Claro. A minha liberdade vale horrores.

DIANA - E a Márcia, com quem você tantas vezes sonhou alto, não estará nos seus planos de casamento? Ou você pretende fazer com ela - si já não fez - o mesmo que fez comigo?

BETO - (QUEIMADO) Bom, vamo pará de falá na Márcia, tá? A Márcia é outra coisa e não tem que tá misturada nas nossas sujeiras, tá?

DIANA - Eu também era outra coisa, não se esqueça disto. E a sujeira maior foi você quem fez, não eu. Juro-lhe que gostaria de conhecer essa moça para poder preveni-la contra você.

BETO - Mas tu nem era louca. Ru te rebentava na primeira volteada que te encontrasse. Te rebentava sem dó, já fica sabendo.

DIANA - E você pensa que eu deixaria de preveni-la pelo medo do que me pudesse acontecer? Não deixaria. Si ela quizesse ir para você assim

mesmo que fôsse, mas pelo menos já iria sabendo quem você é.

BETO - Não se dê a êsse trabalho porque ela sabe.

DIANA - Então ela não pode ser "outra coisa" como você disse.

BETO - Cala essa boca, Diana. Eu não admito que você fale mal da Márcia.  
Não admito.

DIANA - Mas o que é que eu posso pensar de uma moça que conheça toda a imundície da sua vida e mesmo assim concorde em casar-se ou juntar-se com você, sei lá...

BETO - (ALTERADO, QUASI BERRANDO) Para de falá na Márcia, eu já disse pra você duas vezes. O nome dela não é pra andá na boca de qualquer uma, fica sabendo.

DIANA - Mas eu não sou qualquer uma e você sabe disso. Si ela o aceitar, conhecendo o cafagoste que você é, então será pior do que eu que o aceitei sem saber.

BETO - (TERRIVEL, AMEACADOR) Eu mandei que você parasse de falá no nome dela e você não me atendeu, não foi? Pois então fica sabendo que si torná a fazê qualquer referência a ela ou ao nome dela vai...

DIANA - (CORTA, FORTE) Si ela conhece você e o aceita, repito que é muito pior do que eu, porque...

G/REGRA - TREMENDA BOFETADA. PAUSA GRANDE. DIANA FICA ARFANDO FORTE

BETO - (FURIOSO) E agora rua daqui. Rua! Não temos mais nada a conversar.

DIANA - (PRENDENDO O PRANTO, NÃO QUER CHORAR NA FRENTE DELE) Temos, sim. Temos muito, ainda que conversar. Não hoje, mas temos. Você vai repletir em tudo que disse e no que acabou de fazer... vai refletir na proposta que eu lhe trouxe... e amanhã ou depois, com o ânimo já mais sereno vai dar uma resposta para a minha angústia. Adeus.

G/REGRA - PASSOS RÁPIDOS DE DIANA QUE SE AFASTA. BATER DE PORTA COM FORÇA EM SEGUNDO PLANO. PAUSA. PASSOS DE DOQUINHA SE APROXIMANDO.

DOQUINHA - Que muiésinha danada, seu Beto! Te cuida com ela, hein? Depois de levá uma pitomba dessas <sup>na</sup> para ainda diz que vai voltá? Vô te diê! Essa muié num é de brincá com ela, não. O sibhô já pensô si ela descobre adonde que é a casa da otra?

BETO - Si ela caí na asneira de procurá a Márcia e falá com ela, eu dô um sumiço nessa cara que nunca mais ninguém vai sabê dela.

DOQUINHA - Seu Beto, nós semo amigo, pudemo se abri um com o outro: é memo verdade as coisa que ela falou aí que o sinhô feiz, é?

BETO - Estavas escutando, é?

DOQUINHA - Di certo que tava. Qual é o meu? A gente passa o dia todo aqui sósinha trabalhando, aparece um pratinho desses e vai deixá de soboriá? Num sô boba nem nada. Dispois tu sabe que eu sô um pôço, num éé seu Beto? As coisa cá aqui e num sai da qui. Eu num arrepito elas nem pra mim memo otra veiz.

BETO - Bem, vamo deixá de conversa. Preparaste a minha janta?

DOQUINHA - Perparei nada, seu Beto. Como é que eu ia perpará a janta euvi as coisa no memo tempo? Não puila.

BETO - E eu não te disse que tinha pressa, que queria jantá e sai em seguida? Por que tu não foi fazê alguma coisa para mim em vez de escutá a nossa conversa?

DOQUINHA - Ah não, seu Beto, essa não. Adonde que eu ia perdê um espetaco como o que se passô-se aqui? Agora eu perparo um bife, uns óvo, abro uma lata de ervia e em déiz minuto já tá.

BETO - Não, não, agora já não dá. Eu vou comer qualquer coisa ali no bar da esquina e de lá já vou embora que a Márcia hoje vai me recebê.

DOQUINHA - Ah, por isso que o sinhô veio aí todo encadernado de novo. Agora cumprindi. Entonce num qué memo? Eu faço em deiz minuto.

BETO - Não, não deixa. Eu como uns croquete ali no bar, tomo uma chícara de café e pronto. É mais que suficiente.

DOQUINHA - É. E dispois o amô alimenta, num precisa munta cousa memo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Márcia, você... você concordou em encontrar com o Beto, hoje, no jardim?

MÁRCIA - Concordei, tinha que concordar, não é Reginaldo? Afinal já faz quási quinze dias que Fernando foi embora e até hoje eu não cumpri o compromisso que assumi com Beto. Ele terá razão, amanhã de acusar-me por faltar à minha palavra.

REGINALDO - É, em parte sim. Digo em parte porque no princípio você realmente estava doente. Não podia encontrá-lo nem que quizesse.

- MÁRCIA - Mas já estou fora há mais de cinco dias e continuo valendo-me do pretexto da doença para não encontrá-lo. Afinal, tudo tem limite.
- REGINALDO - Você não tem medo de ficar lá fora sósinha com ele? Se quiser, eu estou pronto a ficar por perto para correr em seu auxílio ao primeiro sinal.
- MÁRCIA - Não há necessidade, Reginaldo. Já se foi o tempo em que eu era uma menina ingênua e temia o que me pudesse acontecer. Hoje já sei perfeitamente como defender-me e o domínio que exerço sobre o Beto. Ele não será capaz de me fazer o menor mal, tenho certeza.
- REGINALDO - Não sei, minha filha. Beto é um homem tão mau, tão sem escrúpulos, que a gente nunca pode confiar nas coisas que ele diz e tem que estar sempre à espera das coisas que ele será capaz de fazer.
- MÁRCIA - Eu encontrei a fórmula para dominá-lo. Não se preocupe, Reginaldo. Ele não me tocará com um dedo, a não ser que eu queira. E como eu não quero, ele não vai me tocar.
- REGINALDO - Essa sua confiança em você mesma é que me preocupa, porque eu conheço melhor o Beto que você. Ele é um homem imprevisível. Quando você pensa que ele está indo, ele está voltando. Quando pensa que ele vai pra lá, ele vem pra cá. E quando pensa que ele não fará uma coisa, é exatamente quando ele a faz. Por isso é que eu não ficarei tranquilo enquanto você estiver lá fora no jardim com ele.
- MÁRCIA - Bem, se você quiser ficar por lá, pode ficar se isso lhe deixa mais tranquilo, mas precisar mesmo eu tenho certeza que não vai precisar.
- REGINALDO - Márcia, existe um ditado muito antigo que diz assim: seguro morreu de velho. E um outro que diz assim: mais vale prevenir do que remediar. Por isso, já que você concordou, eu vou ficar no jardim, mais ou menos próximo aonde você estiver. Qualquer coisa que venha a ser precisa, você não precisará nem gritar. Bastará dizer o meu nome e eu estarei junto de você.

- Novela de ERICO CRAMER -

*Reginaldo  
Guerra*

18º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quadragésimo sétimo capítulo desta novela, deixamos o doutor Hermes e sua secretária, dona Malvina, no gabinete da presidência do Banco onde ele acabara de ser procurado por uma moça a quem não conhecia. E o capítulo foi interrompido, mais ou menos, a esta altura do diálogo:

08.11.  
20.11

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA. BAIXA E SOME.

HERMES - Que há dona Malvina?

SECRETÁRIA - Tem uma moça, aí fora, desejando falar ao senhor. Diz que o assunto é muito importante e tem uma certa urgência.

HERMES - E ela não disse o seu nome? É preciso, sempre, que a senhora peça o nome das pessoas que desejam falar-me.

SECRETÁRIA - Eu pedi, doutor Hermes. Ela disse que se chama Diana.

HERMES - Diana? Não sei quem é. Não conheço ninguém com esse nome.

SECRETÁRIA - Ela disse exatamente isto: que o nome adiantaria muito pouco porque o senhor não a conhece.

HERMES - O assunto também não disse qual seja?

SECRETÁRIA - Disse, apenas, que era particular e de uma certa urgência.

HERMES - Bem, dona Malvina, faça o seguinte: avise aos guardas para que estejam atentos e mande-a entrar.

SECRETÁRIA - Sim senhor, com licença.

C/REGRA - PASSOS DE MALVINA QUE SE AFASTA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.

HERMES - Estou aqui dando tratos à bola para ver se me lembro de alguém que se chame Diana, mas não há jeito. E se ela mesma disse que eu não a conheço, o jeito é esperar para travar conhecimento e com ela.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM SEGUNDO PLANO PARA LOGO SE FECHAR.

DIANA - (AFASTADA) O senhor me dá licença, doutor Hermes?

HERMES - (PARA 2º PLANO) Pois não, pode entrar.

C/REGRA - PASSOS DE DIANA QUE SE APROXIMAM.

HERMES - Tenha a bondade de sentar-se. Em que posso servi-la?

DIANA - Doutor eu estou aqui numa missão muito ingrata, mas que não deixará de ser útil ao senhor, visto que tem a finalidade de defender uma pessoa a quem o senhor deve amar com profunda ternura.

HERMES - Quer ser objetiva e clara? Eu sou um homem muito ocupado e não tenho maneira de dedicar muito tempo a um só assunto, entende?

DIANA - Claro que sim e prometo-lhe ser o mais breve possível para não lhe roubar muito tempo.

HERMES - Seria um favor e eu lhe ficaria muito grato.

DIANA - É o seguinte, doutor: eu fui miseravelmente enganada por um rapaz sem o mínimo de dignidade, de critério e de vergonha e esse rapaz, depois de me deixar esperando um filho seu, embalando-me com a promessa de um casamento que ele não pretendia realizar, está de namoro com uma filha sua e pretendendo, segundo sei, casar-se com ela. Embora ele tivesse feito o máximo empenho para esconder de mim esse fato, seguindo-o, pude descobrir sua casa e saber, pela vizinhança, quem era o chefe da mesma. Isto aconteceu ontem à noite e hoje já estou eu aqui na sua presença, não procurando defender-me, na esperança de que ele não casando com ela case comigo, mas com o intuito de desmascará-lo para evitar que sua filha seja a próxima vítima desse inconsciente.

HERMES - A senhora disse que o seguiu ontem à noite? Quer dizer então que ontem ele esteve lá em casa?

DIANA - Sim senhor. E eu só não entrei para desmascará-lo na presença de todos com receio de que um ato de violência, por parte dele, pudesse comprometer a sua família diante da polícia.

HERMES - Fez bem, fez muito bem e bastante lhe agradeço ter pensado como pensou. Eu devo lhe dizer, inicialmente, que já sabia que esse rapaz estava pretendendo casar-se com minha filha, mas a verdade é que ela ainda não estava inteiramente decidida a aceitá-lo. Em todo o caso, o que lhe posso garantir é que, assim como eu, ela ignora completamente o seu comportamento com outras pessoas, como é o seu caso. De qualquer maneira agradeço-lhe bastante o aviso e vou alertar minha filha para a tremenda verdade que acabo de saber.

DIANA - Diga-lhe, por favor, que eu não faço isto por despeito nem por maldade. Ele até talvez venha a casar-se realmente com ela, não sei, mas de qualquer maneira a minha intenção de que ela conheça a verdade vale, simplesmente, para que ela tenha o máximo cuidado com ele e não se deixe arrastar pelas promessas, como foi o meu caso.

HERMES - Mais uma vez obrigado, senhorita...

DIANA - Diana. Diana Sabres. É aqui tem um cartão com o meu endereço, se vier a precisar de mim para qualquer outra informação.

HERMES - Perfeito. Passo da Cavallhada?

DIANA - Exato. Quasi junto ao posto policial.

HERMES - Tem condução para voltar?

DIANA - Não senhor. Apanho o ônibus ali próximo do mercado.

HERMES - Mas assim... nesse estado... não convem. Eu vou mandar avisar ao meu chofêr para leva-la em casa. Um momento. (PROJETANDO) Dona MALVINA...

MALVINA - (VOZ ATRAVÉS DO APARELHO) Sim, doutor?

HERMES - Avise ao Gil para levar esta moça em casa e voltar logo para o Banco.

MALVINA - (VOZ ATRAVÉS DO APARELHO) Sim senhor.

HERMES - Pode ir. A minha secretária está aí na ante-sala e vai acompanhá-la para transmitir a ordem ao chofêr.

DIANA - Obrigada, doutor. E desculpe se lhe causei algum sofrimento íntimo. A minha intenção não foi esta, pode crer.

HERMES - Eu creio, sim. Passe bem. Eu vou revelar tudo à minha filha.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

EUGÊNIA - O que é que você tem, Hermes? Desde o jantar que o noto muito preocupado. Aconteceu alguma coisa mais grave?

HERMES - Aconteceu, querida. Um caso que eu gostaria de ignorar mas que, desgraçadamente, não posso deixar de relatar à Heloísa.

EUGÊNIA - Meu Deus! Mais complicações, Hermes?

HERMES - Mais complicações, sim, Eugênia. É bem como dizem: filhos criados, trabalhos dobrados. Você quer fazer o favor de chamar sua filha para vir até aqui? Eu quero falar com ela na sua frente.

EUGENIA - Sim, querido, eu vou chamá-lo num instante. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM. DEPOIS QUE A PORTA SE FECHA EM 2º PLANO.

HERMES - Talvez Helôissa já saiba de tudo e por isto a sua indecisão em aceitar o pedido de casamento daquele sujeito. Coitada da minha filha! Por que haveria de inclinar-se exatamente para um homem assim? Destino? Precipitação? Falta de cuidado? Sabe-se lá?! Dizem uns que as coisas acontecem quando têm que acontecer, outros dizem que não, que muita coisa que aconteça poderia ser evitada. Eu não sei, mas a verdade é que nossos filhos não foram cuidados. Andaram, na idade mais perigosa, completamente soltos e ao sabor dos seus próprios destinos. A juventude, como é muito natural, gosta de aventuras e então tudo que cheira a novidade...

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2º PLANO.

EUGENIA - (AFASTADA) Pronto, querido. Estamos aqui.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA EM 2º PLANO - PASSOS DAS DUAS QUE SE APROXIMAM. ARRASTAR DE UMA CADEIRA.

HERMES - Sentem-se, por favor, que vamos ter uma conversa mais ou menos longa.

HELOISA - O que é que há, papai? O senhor está com uma cara que eu já começo a ficar preocupada.

HERMES - E deve ficar, realmente, minha filha, porque a notícia que vou lhe dar tenho a impressão de que vai lhe deixar perplexa.

HELOISA - Não vá me dizer que descobriu uma nova sujeira de meu quâsi noivo, exatamente às vésperas de uma solução final para o caso?

HERMES - Infelizmente é justamente isto que está acontecendo.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

HELOISA - Era o que faltava acontecer, então. Mas fale, por favor, diga o que foi que o senhor descobriu.

HERMES - Fui procurado esta tarde por uma moça chamada Diana que vai ser mãe de um filho dele.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO.

HELOISA - O que?!... Uma moça chamada Diana vai ser mãe de um filho dele?

HERMES - Exatamente.

HELOISA - Diana?! Mas eu nunca ouvi falar nesse nome. Nunca!

HERMES - Claro. O interesse dele era ocultar de você que existia uma Diana em sua vida.

HELOISA - Papai, há muita mulher que faz isto para tirar proveito da situação ou então simplesmente por maldade.

HERMES - Eu sei, minha filha, mas a que me procurou no Banco, esta tarde, pareceu-me sincera e bem intencionada.

HELOISA - Como é que ela poderia ter descoberto que Ewaldo desejava casar-se comigo, si eu sei que ele não falou isto a ninguém. Absolutamente a ninguém?

HERMES - Ela o seguiu, ontem à noite e viu quando ele entrou aqui. Indagou dos vizinhos e soube...

HELOISA - Mas aí está evidenciada a mentira. Ele não esteve aqui ontem à noite. Nem ontem, nem nunca.

HERMES - Mas então deve estar havendo aqui um grande confusão.

HELOISA - Não ha confusão nenhuma, papai. Esteja certo de que ela fez isto com o sentido de fazer chantage e ganhar dinheiro. Soube, com certeza, que o senhor tinha uma filha que estava noiva. Resolveu utilizar-se do noivo para que o senhor se apavorasse e comprasse o silêncio dela. Ela disse ao senhor o nome dele?

HERMES - O nome?... Deixa-me ver... (PAUSA) Não sei... não me lembro si ela disse... Não, não... acho que não disse.

HELOISA - Está vendo? Não podia ter dito. Ninguém, a não sermos nós aqui em casa, sabe que Ewaldo deseja casar-se comigo.

HERMES - Mas ela me deu um cartão com o seu endereço. Eu posso esclarecer melhor o assunto.

HELOISA - Não, papai. Não mostre interesse que é pior. Dê-me esse cartão. Eu mesma irei procurá-la para me entender com ela.

EUGÊNIA - Mas não vá sósinha, minha filha. Será melhor que Reginaldo a acompanhe.

HELOISA - Está bem. Ele pode ir comigo e ficar no carro. É melhor que esteja jamos sós as duas, para que nos possamos entender melhor. O senhor pode me emprestar o seu carro amanhã de tarde?

HERMES - Claro, minha filha. Meu interesse é também ver solucionado esse

caso o mais breve possível.

HELOISA - Então está combinado. Eu tenho uma aula das duas às três e depois estou livre.

HERMES - O carro irá buscá-la às três horas na Faculdade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - O que é que eu ganho se lhe der uma coisa boa?

MÁRCIA - Se for carta do Fernando, ganha dois beijos.

REGINALDO - Então pague logo a sua promessa. Aqui está a carta dele.

MÁRCIA - Que bom, Reginaldo! (DOIS BEIJOS) Pronto. Agora deixa-me ver as notícias que estou ansiosa.

C/REGRA - RUIDO DE RASGAR PAPEL DE ENVELOPE. TIRAR CARTA E ABRIR.

MÁRCIA - (LENDO) Minha muito querida Márcia. (AFASTANDO LENTAMENTE) Recebi ha poucos momentos tua querida cartinha...

FERNANDO - (APROXIMANDO LENTAMENTE E LENDO JUNTO COM MÁRCIA) Recebi, ha poucos momentos, tua querida cartinha que me trouxe uma alegria imensa, principalmente por saber que estás bem de saúde e sentes saudades minhas. Quem sente saudades, gosta. Quem gosta ama e quem ama quasi sempre é correspondido. E digo isto porque o amor que não é correspondido acaba por fenecer em muito pouco tempo. Hoje tenho uma boa notícia para te dar, querida. Arranquei um serviço de porteiro num Hotel de 2ª. categoria, o que me garante moradia e alimentação sem despesas e estou muito satisfeito porque não precisarei mais lançar mão da reserva que trouxe; ao contrário, penso que, de agora em diante, conseguirei aumentá-la. São muitas horas diárias de serviço, mas como não é um serviço pesado, a prisão não importa e até se torna conveniente, pois que assim, enquanto trabalho, não ando na rua fazendo despesas. Deus permita que os patrões estejam tão satisfeitos comigo como eu estou com eles e com o trabalho que me confiaram. Penso fazer bastante economia para juntar bastante dinheiro e podermos nos casar no fim do ano. Espero nova carta tua ainda esta semana e até lá ficarei, como sempre, pensando em ti e amando-te à distância. Recebe meu beijo terno e a certeza de que só penso em ti. (afastando) Do teu, sempre teu apaixonado Fernando.



DOQUINHA - Esculta aqui, seu Beto e por falá em casá, o meu nêgo me pra-  
meteu que si eu cunsigui safá êle das grade que êle casa cu-  
migo no cartôro e na ingrej, Quando é que o sinhô vai dá gei-  
to nisso, seu Beto?

BETO - Sei lá. Agora eu não posso me ocupar com coisas pequenas. Es-  
tou preparando o meu futuro. Deixa primeiro eu resolvê o meu  
caso que depois eu vou pensá no teu.

DOQUINHA - Hum... êsse negócio já num tá me cheirando muito bem. Depois  
que o sinhô arresolvê o seu caso, aí memo é que o sinhô num vai  
se alembrá de mais ninguém.

BETO - Vou, sim. O que eu não posso é deixá de cuidá dos meus interes-  
se pra cuidá dos interesse dos outros. Fizeste alguma coisa  
prao almoço?

DOQUINHA - Ensopado de carnero com batata e arroz. É só o que tem.

BETO - Então vamo vê duma vez êsse engasga gato que eu termino de al-  
moçá e tenho que sai logo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - A senhora é que é a dona Diana Sabres?

DIANA - Eu, sim. Por que?

HELOISA - Eu precisava falar com a senhora.

DIANA - Tenha a bondade de entrar.

C/REGRA - PASSOS. FECHAR PORTA. MAIS PASSOS DAS DUAS.

DIANA - Por favor, sente-se. Com quem tenho a honra de falar?

HELOISA - Meu nome é Heloisa. A senhora ontem procurou meu pai lá no Banco,  
não foi?

DIANA - Exatamente. Fui dar-lhe um aviso que me pareceu muito importante.

HELOISA - A respeito de meu noivo, o Ewaldo, não é isto?

DIANA - Não senhora. Absolutamente. A senhora não tem uma irmã chamada  
Mércia?

HELOISA - Tenho.

DIANA - Pois é a respeito dessa irmã que eu fui fazer o aviso a seu pai.  
O rapaz não se chama Ewaldo. Chama-se Beto.

OPERADOR - ACORDE DE SURPREZA.

HELOISA - Ah, bem. Então o meu pai fez uma tremenda confusão das coisas.

DIANA - Quem sabe? Talvez a confusão tivesse sido feita por mim. Eu não sabia que seu pai tinha mais de uma filha e parece que não disse o nome de sua irmã. Como também não pronunciei o nome do rapaz. Daí todo êsse qui-pro-quó.

HELOISA - Mas em parte talvez tenha sido bom que isso acontecesse para que nós travássemos conhecimento e pudessemos, juntas, defender minha irmã de cair nas garras daquele canalha.

DIANA - Ah, então a senhora já o conhece bem?

HELOISA - De tal maneira que preferia nunca o ter conhecido.

DIANA - Eu espero um filho dele; sabe?

HELOISA - Meu pai me disse. E já se percebe alguma coisa.

DIANA - De fato. E justamente por não ser possível ocultar êsse fato por muito mais tempo, para poupar meu pai e meus irmãos de um desgosto tremendo, fui propor-lhe a metade da herança de minha mãe para que êle se casasse comigo e depois de alguns dias me abandonasse. Só para justificar o que aconteceu, entende?

HELOISA - Claro. É êle? Não se deixou influenciar pela herança?

DIANA - Não. Presumo que a fortuna de seu pai seja maior e sua irmã seja melhor negócio.

HELOISA - Não. Desgraçadamente o que está acontecendo é que êle se apaixonou verdadeiramente por Márcia e está querendo obrigá-la a casar-se com êle por meio de uma chantage. É um negócio muito complicado que não me é possível explicar agora. De toda maneira insista em que êle aceite a sua proposta, porque para minha irmã seria uma felicidade. E qualquer coisa me comunique. Vou deixar-lhe o número do nosso telefone e há três pessoas com quem você poderá falar com absoluta confiança. Reginaldo, Márcia e Heloisa que sou eu. Quando um não estiver em casa, o outro estará, certamente. E se precisar do nosso auxílio pode contar com a nossa inteira solidariedade.

DIANA - Obrigada. A senhora nem sabe o que tenho sofrido sózinha e em silêncio. Se ao menos tivesse uma irmã com quem desabafar...

HELOISA - Agora tem duas. Confie em nós e não se arrependará.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - É agora? Como vou explicar a papai os meus encontros com Beto no jardim? Papai que o detesta?

HELOISA - Ele não precisa saber que é Beto, o rapaz. Inclusive, você pode dizer a ele que está apenas namorando e não pretende levar avante o seu namoro. Isso para ganhar tempo. Mais adiante pensaremos numa outra forma de solucionar a questão.

MÁRCIA - O principal, para mim, é que ele não saiba que fiz tudo isto para salvar Nadinho e Fernando. Você pode imaginar o desgosto que ele teria se viesse a saber que Nadinho pertencia, realmente, à organização?

HELOISA - Diremos que você quis salvar Fernando porque o amava, pronto. Não citaremos Nadinho. O que ele precisa saber é que não se trata de Ewaldo, para que não venha a se opor ao nosso casamento.

MÁRCIA - E realmente não se trata dele, logo esse Z ponto deve ficar bem aclarado. Não é ~~certa~~ certo que pague o justo pelo pecador.

HELOISA - O que é que você acha, Reginaldo? Tem, por acaso, uma ideia melhor para sairmos desta barafunda?

REGINALDO - O que me parece é que não há outra maneira de fazermos as coisas, senão as que foram lembradas aqui. O rapaz que namora Márcia será qualquer um outro. João, Pedro, Paulo, qualquer um. Quando ele souber, se chegar a saber, que o João ou o Pedro, em realidade é o Beto, terá que ser dito que Márcia fez isto apenas para salvar Fernando porque o amava e quanto ao resto, espereamos que apareça sempre uma explicação para cada complicação que for surgindo. E que Deus nos ajude, é o que todos devemos pedir.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Olá, Nadinho! Sua mãe está?

NADINHO - Saiu há dez minutos. Foi ao dentista. Quer entrar?

LINDAURA - Não, obrigada, eu queria apenas avisá-la de que a kermesse começa sábado à noite e como ela ficou de mandar frios e doces para a tenda do chá, eu gostaria de saber o que ela vai mandar realmente para não comprar coisas que a gente vá receber, antes de?

NADINHO - Sabe o que é que a senhora faz que é mais garantido? Telefona logo de noite e fale diretamente com ela. Eu não sou muito valioso pra recado, esqueço tudo, digo as coisas pela metade e a coisa fica por conta comigo, cada vez que eu lhe transmito qualquer coisa.

LINDAURA - É, talvez seja melhor mesmo que eu telefone para ela logo à noite. A Márcia não está também?

NADINHO - Não. Saiu pra comprar uns livros pra mim e depois ia não sei onde. Ela disse aí mas eu já não me lembro.

LINDAURA - Você não sabe se sua mãe falou com ela para me dar uma mãozinha lá na tenda, no sábado? Sua mãe falou que pediria.

NADINHO - Ah, não sei, dona Lindaura. Nessas conversas dela aí, eu nem me meto, sabe como é? E às vezes, quando eu quero me metê, elas me mandam cá fora.

LINDAURA - Bem, outra coisa... você não sabe... (transição) Você não sabe nada. Deixe que de noite eu telefono para ela e pergunte tudo que desejo saber. Tchau, Nadinho. Um abraço que eu deixei.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Ah, sempre apareceu, é? Pensei que tivesse desistido. Não deu as caras ontem aí.

DIANA - Tive outras coisas para fazer. Mas não desisti. Vim saber o que você resolveu sobre a proposta que eu lhe fiz.

BETO - Você quer mesmo sabê o que eu resolvi? Bom, eu vou dizê. Você não vai gostá mas eu vou dizê. Não aceito a proposta.

OPERADOR - ACORDE DE SURPREZA.

DIANA - (DEPOIS DE PAUSA) Nem mesmo si eu lhe der tudo que me tocou da herança de minha mãe?

BETO - Não quero. Não me interessa dinheiro, agora. A minha liberdade vale muito mais.

DIANA - Está bem, Beto. Eu não vou voltar mais aqui. Nunca mais. Mas você, muito em breve, vai ter notícias minhas.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - ENCERRAMENTO.

.....

- Novela de Érico Tramer -

19º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quadragésimo oitavo capítulo desta novela, deixamos Beto e Diana, no esconderijo do rapaz, conversando sobre a proposta que a moça havia feito a ele, anteriormente e ficara de vir, depois, para saber a resposta. E o diálogo entre os dois foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - CARACTERÍSTICA SOBRE BAIKA E SOME.

BETO - Ah, sempre apareceu, é? Pensei que tivesse desistido. Não deu as cara ontem aí...

DIANA - Tive outras coisas para fazer. Mas não desisti. Vim saber o que você resolveu sobre a proposta que eu lhe fiz.

BETO - Você que mesmo sabe o que eu resolvi? Bom, eu vou dizê. Você não vai gostá mas eu vou dizê. Não aceito a proposta.

OPERADOR - ACORDE DE SURPREZA

DIANA - (DEPOIS DE PAUSA) Nem mesmo si eu lhe der tudo que me tocou da herança de minha mãe?

BETO - Não quero. Não me interessa, dinheiro, agora. A minha liberdade vale muito mais.

DIANA - Está bem, Beto. Eu não vou voltar mais aqui. Nunca mais. Mas você, muito em breve, vai ter notícias minhas.

BETO - É uma ameaça que você está me fazendo?

DIANA - Não sei. Interprete como quiser.

BETO - Diana, você precisa sabê de uma coisa: um homem como eu não se assusta diante de ameaças. Eu tô acostumado a enfrentá qualquer perigo. Não tenho medo de faca nem de revólver. Se o cara que me atacá for mais ligeiro do que eu, ele me liquida, mas se não for... pode se despedir porque eu mando ele diretinho pro beleléo.

DIANA - Você está muito preocupado em me assustar, Beto, mas eu devo dizer a você que já nada mais me assusta, verdadeiramente. Eu gostaria de resolver o meu caso da forma que lhe falei, para poupar

09.11.  
2011

um desgosto grande ao meu pai e aos meus irmãos, mas se você não quer, eu não posso obrigá-lo. Você, naturalmente, precisa da sua liberdade para resolver outros planos que tem em mente. Eu também terei que resolver a minha situação por meio de outros planos. Quando eu vim aqui as primeiras vezes, estava como fera acuada e confesso que seria capaz até de matá-lo, se isto resolvesse alguma coisa para mim. Hoje, depois de pensar muito e pedir ao pai que me indicasse o caminho, cheguei à conclusão de que a violência não resolve nada. O melhor é fazer-se as coisas com ponderação. É o que vou procurar fazer. Deus me ajudou de tal forma, que já não tenho mais ódio de você, acredita? Nem mesmo lhe desejo mal, apesar do mal que você me fez.

BETO - Mas então pra que essa besteirada toda de tê notícias tuas?

DIANA - Bobagem minha. Falei por falar. Não liga pra isso. A verdade é tu do que eu te disse agora, por último. Eu te perdoo e não guardo rancor de ti. Queres que te diga mais? Até desejo que sejas feliz na tua vida. Adeus.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DIANA QUE SE AFASTA E SOME;

BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Essa cara deve tá biruta. Não pode sê. Depois de ameaçá céos e terra vi aqui fazê a boasinha? Não mesmo. Ela pensa que me leva mas quando ela vem vindo eu já vou de volta. Ela tá me preparando alguma mas tem que sê muito bem feita, sinão o tiro sai pela culatra.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DOQUINHA. ARRASTANDO CHINELOS. APROXIMAM-SE.

DOQUINHA - Ué, seu Beto, o sinhô agora deu pra isso, é? Pra falá sósinho? Te cuida, hein? Óia, por munto menos tem gente lá no Partenão. Sabe adonde é, num sabe? Eu num vô dizê que é o hispício pra num te chamá de louco que aí o sinhô pode achá rúia e brigá cumigo.

BETO - É, tu não deixa de tê razão, Doquinha. Eu não sei se sou eu que ficando louco ou se outros é que tão. A verdade é que tem alguma coisa que tá podre no reino da Dinamarca.

DOQUINHA - (EXITANHA) Adonde que tem coisa podre que tu disse, seu Beto?

BETO - Não é nada, não, Doquinha. Deixa pra lá que tu não entende disso.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

EUGÊNIA - Heloisa me contou que houve uma grande confusão entre Ewaldo e o namorado de Márcia, não foi?

HERMES - É, realmente parece que houve mesmo uma confusão, mas há qual quer coisa que não ficou bem clara.

EUGÊNIA - Como assim, Hermes? Não ficou bem clara por que?

HERMES - Há qualquer coisa que elas estão procurando esconder de mim. Não sei bem o que é, mas há. Você sabia que Márcia tivesse algum namorado? Eu, de minha parte, não sabia absolutamente nada.

EUGÊNIA - Eu também não sabia, mas isto é muito natural, Hermes. Quando o namoro não é pra valer, como elas dizem agora, elas não se dão ao trabalho de comentar nem mesmo em casa.

HERMES - Márcia não é desse tipo de jovem. Ela dá muita importância a qualquer coisa que lhe diga respeito e jamais deixaria de comentar comigo ou com a irmã, ~~maxx~~ sobre um namorado que lhe aparecesse.

EUGÊNIA - Mas eu acho que para Heloisa ela deve ter comentado, do contrário como é que Heloisa iria saber? Não, não, Hermes, acho que você está desconfiado sem razão.

HERMES - É, pode ser... mas eu achei Heloisa um tanto embaraçada e perdi da nas suas considerações.

EUGÊNIA - Você acha o que, por exemplo? Que o caso foi mesmo com o noivo dela e ela está querendo ocultar de você?

HERMES - Eu não queria pensar isto, mas de vez em quando essa ideia me assalta, sabe Eugênia?

EUGÊNIA - Homem, você nem parece que conhece a sua filha. Orgulhosa como é, você acha que ela aceitaria um camarada tão ordinário como o que fez mal à moça que procurou você no Banco? Tire essa ideia da cabeça, pelo amor de Deus! Se Heloisa soubesse que você faz esse juízo dela, haveria de ficar muito magoada com você, Hermes.

HERMES - Não, não... eu nem quero que ela saiba. Mesmo porque, como já lhe disse, é uma ideia que me assalta mas que eu procuro repelir.

EUGÊNIA - É o que você tem realmente que fazer porque, a meu ver, essa sua dúvida não se justifica. Vamos fazer uma coisa: se os fatos não se aclararem nos próximos dias, você tem o endereço da moça, mande chamá-la e torna a conversar com ela. Verá que tudo vai se aclarar num instante.

HERMES - Sim, sim, você tem razão. É o que eu vou fazer. Se dentro dos próximos quatro ou cinco dias as minhas dúvidas persistirem, mandarei chamar dona Diana e tornarei a falar com ela.

EUGÊNIA - E agora eu vou preparar o seu calmente da noite que é para você tomar e dormir a noite toda, senão você fica acordando a toda a hora e não descança.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Dona Eugênia pede muitas desculpas às senhoras mas está fortemen resfriada e por isso não levantou hoje.

LINDAURA - É a terceira pessoa que nós procuramos hoje e está na cama com resfriado.

DINAH - Mas é geral a gripe na cidade. O doutor Paulo estava me dizendo que esta semana teve mais de cinquenta casos de gripe com febre e complicações.

MÁRCIA - Mas dona Eugênia mandou dizer que vai mandar amanhã duas tortas, duzentos sanduiches, duzentos pasteisinhos e dois pudins, um de leite outro de côco. Está bem, ou preferem trocar alguma coisa?

LINDAURA - Não, não, está muito bem, está muito bem.

DINAH - Ótima contribuição. Se todas as patronesses nos dessem a metade do que ela vai dar, não teríamos necessidade de comprar absolutamente nada.

LINDAURA - E como é? Você já resolveu alguma coisa sobre se vai poder ajudar-me ou não?

MÁRCIA - Vou, sim. Dona Eugênia me pediu. Mas se a senhora não se aborrece, eu preferiria ficar na parte da tarde; pode ser?

LINDAURA - Pode, por que não? Aliás na parte da tarde é que a tenda do chá costuma ter maior movimento mesmo. Você tem um aventalsinho branco e um vestido preto? Se não tiver, o avental eu posso arranjar para você.

MÁRCIA - Eu acho que tenho o vestido e o avental. Talvez seja preciso baixar a bainha da saia, mas isto eu faço amanhã mesmo, num instante. A que horas a senhora acha que deverei estar lá?

LINDAURA - A que horas vão abrir a casa paroquial, amanhã à tarde, Dinah?

DINAH - À hora que for necessário. Eu vou ficar com a chave, tanto me

faz abrir às duas, como às três, ou mesmo mais cedo se acharem melhor.

LINDAURA - Eu acho que ao público a kermesse não será aberta antes das quatro; você não acha? Portanto se a Márcia for uma hora antes está ótimo, não lhe parece?

DINAH - Sem dúvida. Também não vejo necessidade de ninguém ir mais cedo do que isto. Quasi todos gostam de tirar a sua pestaninha depois do almoço; não é mesmo?

MÁRCIA - Pois bem, então está combinado. Às tres horas, três e pouco eu estarei lá de vestido preto e levarei o avental branco enrolado para usar lá.

LINDAURA - Vamos andando então; não é Dinah? Temos ainda várias casas para percorrer ainda hoje.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Você acha que ele não acreditou muito nas coisas que você lhe disse? Mas por que? Ele contestou alguma coisa?

HELOISA - Não, não, isso não aconteceu, mas a expressão de fisionomia dele, a maneira de me olhar, enquanto eu lhe dava as explicações, foram tão exquisites que chegaram a me desconcertar. Houve uma hora que eu até cheguei a perder o reboledo. A minha impressão era a de que, interiormente, ele me gritava: mentirosa, mentirosa, é mentira. Tudo isso é mentira. Fiquei tão chateada. A vontade que tinha era de lhe dizer: -e mentira mesmo. Nada do que estou dizendo é verdade. A coisa aconteceu assim, assim, assim.

REGINALDO - Você está louca? Ia desesperar seu pai, atinjar sua irmã, comprometer seu irmão, comprometer-se a si mesma... enfim... ia botar tudo a perder.

HELOISA - Pois é, Reginaldo, mas é que eu nunca fui de mentir. Não gosto e não sei mentir. E quando sou obrigada me faz tanto mal...

REGINALDO - Eu conversei com seu pai, depois do diálogo de vocês e ele não me pareceu desconfiado, não. Só se procurou esconder o que estava sentindo, com a esperança de poder pescar alguma coisa de mim. Podé ser.

HELOISA - Mas ele chegou a lhe fazer alguma pergunta sobre esse assunto?

REGINALDO - Não. Não fez perguntas nenhuma. Estava calmo, conversando naturalmente... eu acho que a sua impressão não correspondeu à verdade, minha filha.

HELOISA - É, tomara que ele não tenha desconfiado de nada, para evitar qualquer complicação. Como explicar que Fernando está namorando Márcia, depois do rapaz ter sido preso como um dos assaltantes do Banco em que papai é diretor presidente? Como explicar que Beto, que ele tanto detesta, por minha causa, está pretendendo se casar com Márcia e para isto afastou Fernando do Brasil? Como explicar que Márcia cedeu às imposições de Beto, para salvar Nadinho, arrancando-o do meio daquela gente horrerosa? E sem explicar essas coisas, ele nunca vai poder compreender as atitudes dessa gente e especialmente de Márcia.

REGINALDO - Vamos aguardar mais uns dias para ver como param as coisas e se eu notar que ele realmente está desconfiado, entro com as minhas doutrinações e trato de convencê-lo.

HELOISA - Isto, Reginaldo, isto. Era precisamente o que eu vinha pedir a você.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Quasi que tive que faltar ao encontro de hoje. Papai insistia em querer conversar comigo. Foi uma luta, desvencilhar-me.

BETO - Você não teria maneira de dizer-lhe a verdade para acabar com essas complicações que dificultam a nossa vida?

MÁRCIA - Maneira de dizer-lhe a verdade, Beto? Você quer que eu o mate de desgosto? Depois, papai é muito bom, mas quando acha que avançamos além das medidas, ele sabe como nos fazer retroceder. Eu não poderia nem explicar a papai a nossa situação, porque ele não saberia admitir que você, tendo feito o que fez à He-loiss, fôsse aceito e recebido por mim.

BETO - Foi uma besteira, mesmo. Nem sei porque fiz aquilo.

MÁRCIA - Eu sei. Porque você não aprendeu a ser contrariado e nem admitir qualquer derrote, não levando em conta as indignidades que tivesse que praticar para conseguir uma vitória.

- BETO - ~~MEU~~ Márcia, por favor não fale nas coisas que eu fiz. Procure esquecer-las, porque eu também quero esquecer-las. Quero apagar completamente o passado, para não ser tão indigno de você, entende?
- MÁRCIA - Os ~~passados~~ passados difíceis de apagar, Beto. Principalmente quando eles atingiram em cheio os sonhos e as esperanças de uma jovem, transformando-a numa criatura amarga e revoltada.
- BETO - Você está se referindo a quem, Márcia?
- MÁRCIA - A ninguém especificamente, mas de um modo geral às moças a quem você deve ter enganado.
- BETO - Márcia, vamos deixar de falar nessas coisas, eu já lhe pedi. Falemos de nós. Você tem que me perdoar, como Cristo perdoou os seus algozes. Você que é tão religiosa, sabe muito bem disto.
- MÁRCIA - Está bem, Beto. Eu vou procurar esquecer... e perdoar. É isto que você quer que eu faça; não é?
- BETO - E quero, também, que você se resolva a cumprir a promessa que me fez de casar-se logo comigo. Você pediu um mês ou dois para se refazer do trauma. Estamos quasi chegando aos dois meses.
- MÁRCIA - Mas eu ainda não posso fazer o que prometi. Não tenho condições, Beto. Você precisa procurar compreendê-lo.
- BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Você... você já conseguiu se desligar... dele?
- MÁRCIA - Estou conseguindo. Aos poucos estou conseguindo. Você nunca amou, não pode saber. Um amor de verdade não se apaga assim com tanta presteza. É preciso tempo, paciência, resignação e obediência. Além disto, coragem, persistência, força de vontade e fé. Pois ainda assim, mesmo para quem possui todos os atributos que citei, ainda de vez em quando o amor aflúe ao nosso coração e sofremos e choramos. Por isso, Beto, você tem que me ajudar porque o tributo que me prontifiquei a pagar, muitas vezes me parece superior às minhas forças.
- BETO - Você acha que si eu esperar mais um mês, você já estará em melhores condições para cumprir a sua promessa?
- MÁRCIA - Acredito que sim. Mais um mês de catequese ao meu próprio coração, si não tiver modificado completamente o seu panorama interior, pelo menos terá contribuído para apagar um pouco mais as lembranças do passado, facilitando bastante as coisas.

BETO - Pois bem, vamos estabelecer mais um mês de prazo, a contar de hoje. Combinado?

MÁRCIA - Em princípio, sim.

BETO - Por que em princípio?

MÁRCIA - Bem, porque a gente não sabe como estarão as coisas ao fim de um mês. Por isso que eu disse em princípio.

BETO - Espero que as coisas estejam bem e eu possa realizar o que mais anseio.

OPERADOR - CORTEJA MUSICAL

NADINHO - Você conversou com Márcia? Ela falou do encontro de ontem com Beto? Contou-lhe tudo?

HELOISA - Contou. Ele está apertando com ela para casar logo. Deu-lhe mais um mês de prazo, agora.

NADINHO - Nós não podemos deixar a Márcia se sacrificar dessa maneira, sabendo que, no íntimo, ela detesta o Beto. A gente podia pensar num plano que livrasse ela desse cara; não podia?

HELOISA - Não sei se podia. Beto é tão mau, tão diabólico que a gente tem medo de desafiar a cólera dele. Mas que a gente devia pensar em alguma coisa pra livrar a Márcia, não é?

NADINHO - Se a gente preparasse a fuga dela para junto de Fernando nas vésperas do casamento? Preparava o papai para o negócio, arranjava dinheiro com ele e ela se mandava. Quando ele viesse sabê, a gente não tinha ficado sabendo de nada, ela fez tudo na surdina, entende? A gente salvava a responsabilidade pra não cair na rede dele. A gente fazia de anjinho no negócio, entende?

HELOISA - Tem muita coisa difícil de fazê nesse teu plano, Nadinho. A maneira de convencêr papai, a maneira de fazê de anjinho diante do Beto que não é sôpe de enganá, o dinheiro que não ia ser pouco e que o papai não ia querê dá sem sabê direitinho pra que era... não sei, não... acho muito difícil de realizar êssa tua ideia.

NADINHO - Mas então pensa outra coisa que a gente pudesse fazê. O que a gente não pode é deixá as coisa como estão.

HELOISA - Mais do que eu já tenho pensado... Chego a perder horas de sono à procura de uma solução para êste caso.

NADINHO - Beto é um sujeito teimoso... renitente... quando embesta pra um lado vou te contá. Depois que um trôço entra naquela cabeça dura, nem o diabo consegue tirá. Em todo o caso eu ainda vou contá falá com êle, explicá as coisas direitinho, pra vê si êle dá um prazo maior para Márcia.

HELOISA - Prazo maior não adianta, Nadinho. O prazo maior termina também um dia e voltamos nós à estaca zero.

NADINHO - Um prazo maior dá mais tempo de acontecerem coisas e entre essas coisas pode que uma modifique os planos de Beto, mesmo sem ele querê. Si êle fôsse preso, por exemplo, como cabeça de grupo, ia sê condenado a um punhado de anos nas grade. Nesse tempo Márcia podia se casá, dá o fora daqui e ele nem ficava sabendo de nada.

HELOISA - O melhor de tudo ia sê um tiroteio em que êle fôsse pro beleléo. Aí êle não incomodava mais ninguém. Ficava todo mundo livre.

NADINHO - Mas isso é difícil de acontecer, que ele agora não qué mais se metê em encrenca. Tá botando banca de regenerado pra comovê a Márcia. Quando êle vié por aí eu vou conversá com êle.

HELOISA - Melhor seria eu conversar. Tu não tem muita coragem de dizê as coisa, mas eu tenho. Deixa que eu falo com êle. Combino com a Márcia, quando êle tivé aí, digo que estão chamando ela no telefone, ela finge que vai atender e nesse espaço de tempo eu discuto o assunto com êle. E que Deus me ajude que eu consiga fazê aquele cara horrível compreender que êle não tem o direito de cortá a felicidade de ninguém.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

VOZ - Uma carta para usted, ~~senhor~~ Fernando.

FERNANDO - Que coisa boa! É da minha querida! Muito obrigado Dom ~~Estorico~~ <sup>Estorico</sup>.

O senhor me dá licença que leia agora? Eu não tenho paciência de esperar a hora de folga e vou fazer tudo errado.

VOZ - Lea no más, hombre. Quien lo va a impedir?

FERNANDO - Obrigado. Mas se precisar de algo, pode me chamar.

C/RECTA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE. TIRAR PAPEL, ABRIR PAPEL DE CARTA.

FERNANDO - (LENDU) Meu sempre lembrado amor. Não faz muito recebi tua car

ta (AFASTANDO) e com ela a alegria de saber que já estas...

MÁRCIA - (APROXIMANDO, LENDO JUNTO COM FERNANDO) ... e com ela a alegria de saber que já estás trabalhando, não precisando mais, portanto, mexer nas reservas, o que é muito importante. A vida por aqui continua parada, menos as saudades que não param de crescer. Rezo muito a Deus, todas as noites, para que te acompanhe e te ilumine, afim de que te mantenha no rumo certo e não de pares com mais complicações em tua vida. Já é tempo de viver em paz. Tenho muitas esperanças de que as coisas se modifiquem, de repente e tu possas voltar sem o temor de perseguições e prisões injustas. Há de soar a hora da verdade, si Deus quiser! Prisão e castigo para os verdadeiros culpados, liberdade e perdão para os que inocentemente, se deixaram envolver nas malhas dos criminosos e foram arrastados por êles. Fernando querido, escreve sempre que te for possível. Dia em que recebo carta tua, é um dia de alegria para mim. Reginaldo diz que pareço até um passarinho, tanto canto e saltito pelo jardim em meio aos tufos de flores. Sabes que de vez em quando vou ao quartinho do jardim, onde passamos juntos as últimas horas que estiveste no Brasil? Vou e recordo o mixto de felicidade e amargura que vivi naquelas horas, ao lado teu. Será que um dia, no futuro, vamos poder estar tão unidos como estivemos ali? Que Deus nos ajude a ligar sim a este nosso desejo. aguardo, ansiosamente, nova carta tua, querido. Que ela não tarde, sim? Recebe o coração cheio de amor e de ternura (AFASTANDO) da tua, sempre tua e muito tua Márcia.

FERNANDO - (APROXIMANDO E LENDO JUNTO) ... da tua, sempre tua e muito tua Márcia. (PAUSA LONGA) Meu dia está ganho. Ela canta e saltita entre as flores, eu trabalho feliz.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Márcia foi à quermesse esta tarde?

EUGÊNIA - Foi. Trabalhou a tarde inteira e se mostrou satisfeita com o resultado obtido na tenda.

HERMES - Eu ia dar uma chegedinha lá para sentar-me na mesa com ela e levar-lhe um donativo, mas o serviço atrasado não me deixou.

EUGÊNIA - Não tem importância. Vocêp poderá ir amanhã, domingo, na parte da tarde que ela também está. E eu só imagino como vai ficar faceira com a sua visita. Ela é louca por você.

HERMES - E por você também, agora. Seguidamente me fala. Ela sempre quiz bem a você, Eugênia. Você é que não a suportava.

EUGÊNIA - É, realmente. Eu tinha uma impressão errada de Márcia. Foi muita gente a me encher a cabeça, sabe? Disseram tantas coisas, imaginaram outras tantas que eu acabei receando ainda dela. No fundo, a verdade era uma só: eu tinha ciúmes dela, entende?

HERMES - Entendo, sim, querida. Entendi sempre. E justamente por entender isso que também sempre relevei as coisas que você fazia para ela. Mas eu tinha confiança em Márcia e sabia que ela acabaria por conquistar todos vocês, como conquistou.

EUGÊNIA - É, conquistou mesmo. Provou que é nossa amiga e que nos quer um grande bem. Isso, para mim, é o mais importante de tudo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Desculpem se os interrompo, mas papai quer falar um momento com Márcia e eu fiquei de vir encará-la.

MÁRCIA - Eu vou lá e volto logo. Com licença, Beto.

C/REGRA - PASSAGE AFASTANDO EM PEDREGULHO DE JARDIM.

HELOISA - Beto, eu não preparei este encontro entre nós, mas já que ele aconteceu, não quero perder a oportunidade de dizer a você uma coisa que me parece muito importante, nessa sua insistência com a Márcia e que você não está vendo.

BETO - Quem é que disse a você que eu não estou vendo? Você que pensa que eu não vejo, Heloisa, mas eu vejo tudo, ouviu?

HELOISA - E mesmo vendo tudo você aceita que ela faça um sacrifício enorme para satisfazer um desejo seu?

BETO - Bem... eu propuz uma troca. Ela aceitou. Ninguém tem o direito, agora, de querer me recriminar porque eu estou reclamando a minha parte, quando já dei a parte dela. Portanto, Heloisa, não perca o seu tempo porque você vai ficar dando sôco no ~~xxx~~ sereno.

HELOISA - (ENÉRGICA) Beto, eu quero falar e você vai me ouvir.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - ENCERRA, COMO DE PRAXE.

- NOVELA DE ERICO CRAMER -

50º CAPÍTULO

Beto  
Laudin

3

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quadragésimo nono capítulo desta novela, deixamos Beto e Heloisa no jardim da casa desta, quando a moça se aproveitava da ausência de Márcia, propositalmente provocada, para conversar com o rapaz e convencê-lo a desistir de cobrar a dívida que a irmã contrairá com ele. E o capítulo foi suspenso, mais ou menos, neste ponto do diálogo:

09.11.  
2011

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME.

HELOISA - Beto, eu não preparei este encontro entre nós, mas já que ele aconteceu, não quero perder a oportunidade de dizer a você uma coisa que me parece muito importante, nessa sua insistência com a Márcia e que você não está vendo.

BETO ✓ - Quem é que disse a você, que eu não estou vendo? / Você que pensa que eu não vejo, Heloisa, mas eu vejo tudo, ouviu? /

HELOISA - E mesmo vendo tudo, você aceita que ela faça um sacrifício enorme para satisfazer a um desejo seu?

BETO ✓ - Bem.. eu propuz uma troca. Ela aceitou. Ninguém tem o direito, agora, de querer me recriminar, porque eu estou recusando a minha parte, quando já dei a parte dela. Portanto, Heloisa, não perca o seu tempo, porque você vai ficar dando sôco no sereno.

HELOISA - (ENÉRGICA) Beto, eu quero falar e você vai me ouvir.

BETO ✓ - Bem, se você quer falar, fale. / Ouvir também eu posso, não custa. / Mas fazer o que os outros querem, só se não contrariar, aquilo que eu quero. /

HELOISA - Eu sei, Beto, eu sei que você só faz aquilo que você quer, aquilo que você tem vontade de fazer e nunca o que os outros lhe apontem, embora a lógica e a razão possam estar com os outros. Mas como o amor modifica as criaturas e você afirma, como afirmou ao Nadinho que está amando Márcia, pode ser que você seja capaz de fazer uma coisa que só faz quem ama verdadeiramente, ou melhor, que só faz quem sabe amar verdadeiramente.

BETO ✓ - E que espécie de coisa é essa? | Diga, quero ver. |

HELOISA - Renunciar. Só é capaz de uma renúncia em benefício do seu amor  
aquele que sabe amar de verdade.

BETO ✓ - Heloisa, manja bem o que tu tá dizendo. | Em que tempo que tu acha que nós estamos vivendo, hein bicho? | Isso aí era no tempo em que os quadradões amarrava cachorro com linguiça. Hoje não tem disso, não. | No tempo do avião a jato é do módulo lunar, tu qué que as pessoas sejam como na época das diligências? | Não pode, não é bicho? |

HELOISA - Não pode você que não compreende o sentido exato do amor. Só isso.

BETO ✓ - Te manca, Heloisa, te manca. | Tu lá fazê o que tu qué que eu faça, se tu gostasse muito de um homem? |

HELOISA - Claro que lá fazer, óra esta.

BETO ✓ - Lá nada, deixa de papo. | Lá coisa nenhuma. | Mulher, então, que é egoísta papo. |

HELOISA - Meu Deus! Quem quer chamar alguém de egoísta. Logo tu, Beto? Tu é a pessoa que menos pode falar de que for mais egoísta. Não conheço ninguém igual a ti. Palavra que não conheço.

BETO ✓ - Isso não me interessa, que tu conheça ou deixe de conhecê. | Pode sê muito bonito, esse negócio de pessoas que renuncia pra que o seu amor viva melhor. | Muito bacana, sem dúvida. Mas a verdade é que só mesmo um trouxa, pode procedê assim. | E digo mais, hein? | Ele faz, fica sofrendo e o resto da turma rindo da cara dele. |

HELOISA - Podem fazer isto os que não têm sensibilidade para compreender a extensão e a beleza do resto. Os outros não. Os outros só podem louvar e admirar. A estória está cheia de amorosos que renunciaram por amor de seu amor e até hoje são decantados e louvados pelos espíritos superiores.

BETO ✓ - É, pode sê, mas pra mim, esse trêço de renúncia, não cabe na moldura, sabe como é? | E agora vê se cáí fora, que a Márcia já vem aí, de volta, e eu gosto de tá só com ela, pra gente conversá mais a vontade, manjou? |

HELOISA - Está bem, Beto, eu vou embora. Mas vê se quando estiveres sózinho contigo mesmo, serás capaz de considerar as coisas que eu te disse esta noite e mudar de direção.

REGINALDO - Você acha que vai adiantar alguma coisa em falar com êle? Se Heloisa falou e não conseguiu nada, não ha de ser você que vai conseguir.

NADINHO Mas Heloisa e Beto nunca se entenderam. Desde a primeira vez em que foram apresentados. Eu me lembro como se fosse hoje. Mas êle deu as costas, ela disse assim pra mim: "que sujeito mais varzeano que eu me arranjou pra amigo, Nadinho." E depois, quando falei com êle, êle disse isso: "a sua irmã é antipática às pampa hein Nadinho? Parece que tem o rei na barriga. Olha a gente lá de cima do pedestal como se a gente fôsse um sspo e ela uma estrela." E depois, quanto mais se encontravam e conviviam, mas se ponteavam. É lógico que êle não ia atender ao que ela pedisse agora. Eu vou tentar, vamos ver.

REGINALDO - É, Deus permita que você seja bem sucedido, mas eu tambem não faço a menor fé nos sentimentos daquele sujeito. É um camarada duro, sem alma, sem coração, que não se comove diante do quadro mais diligente que lhe apresentem aos olhos. Vocês acham que êle gosta de Márcia. Na minha opinião êle está é se aproveitando da situação para tirar dinheiro. Voce vai ver que no fim êle mesmo vai propor uma importância grande para desistir do casamento.

NADINHO - Mas até que isso não seria mau que acontecesse, Reginaldo, porque pelo menos a coitada da Márcia ficava livre dele e podia ser feliz ao lado do homem que ama.

REGINALDO - Mas êle não ia fazer isto por qualquer duzentos milhões, não pense. Si êle rejeitou duzentos para casar-se com a outra, conforme vocês mesmos disseram, quanto não iria pedir para desistir de Márcia? No mínimo quinhentos.

NADINHO - Mas se isto resolvesse a situação de Márcia, papai daria um jeito, tenho certeza. Em todo o caso eu vou conversar com êle qualquer dia desses e vou, de leve, acenar com dinheiro para ver a reação.

REGINALDO - Êle vai fingir que não se interessa, é claro.

NADINHO - Mas não adianta fingir para mim porque eu o conheço muito bem. Por mais que ele pretenda disfarçar, não chegará a me convencer. Não se esqueça que nós convivemos há mais de um ano, quase que diariamente.

REGINALDO - Não esqueço, não. Isso foi motivo de um pesar tão grande para mim, que eu jamais poderei esquecer o dia que você me apareceu com esse quicinho a tiracolo. E eu cansei de lhe falar e prevenir. Você me chamava de velho quadrado e ainda ria-se dos meus temores. Os velhos, Nadinho, pela experiência que têm da vida, aprendem a ler, com facilidade, nos olhos das pessoas com quem travam conhecimento. Às vezes não conseguem traduzir muito bem o que eles dizem, mas sentem, logo, que o sujeito não é flor que se cheira. Mais tarde vão tirar a prova e se convencem.

NADINHO - Não são só os velhos que têm essa faculdade. Os moços também, depois que levam uns dois ou três tombos, aprendem também a conhecer melhor as criaturas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO ✓ - (CANTANDO) Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui. Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui. Olho pra céu e vejo uma nuvem branca que vai passando, olha na terra e vejo uma multidão que vai se arrastando, como essa nuvem branca que não se sabe pra onde vai, quem poderá dizer o caminho certo é você meu pai. (VOLTA AO REFRÃO) Jesus Cristo, etc. /

DOQUINHA - (ENTRA NA SEGUNDA PARTE COM BETO) Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui. (FALANDO) Ôia, seu Beto eu tô aqui.

BETO ✓ - Sim, tu tá aí e daí? /

DOQUINHA - Num tá vendo a minha mão?

BETO ✓ - Tô. Ela é preta assim, ou tá suja? /

DOQUINHA - (NUM IMPETÓ) Xuja é a... (SEGURA-SE) Ôia, seu Beto, eu sô néga mas sou limpa, tá uvindo? E num foi pra vancê oiá se a mão é preta ou se é xuja que eu instindi ela. Foi pra pidi o bem bão que hoje é dia de visita pro meu nego e eu quero levá umas fry

ta pra êle cumê e mais uns pasté que a boia lá é braba paca e o coitado tá inté ficando mais magro.

BETO ✓ - Ué, pois tu qué levá, leva. | Eu tô dizendo que não leve? |

DOQUINHA - Mas levá de que jeito, si eu tô mais ariado que ~~fugiu xadexadexa~~.  
chapa de fugão de lenha de cusinhera caprichosa?

BETO ✓ - Bem, mas daí? | O que é que eu tenho que vê com isto? | Tú tá ariado eu também tô, ~~minha nega~~. | Esse mêz gente não trabalhô, ficou praticamente parado, não rendeu nada pra caixinha. |

DOQUINHA - Seu Beto, o sinhô num pode me fazê isso, isso é xugera. Eu num tenho dinheiro nem pro ônibus e num posso deixá de visitá o meu nego que êle tá me insperando eu.

BETO ✓ - Ué, te vira | Eu não tenho nada que vê com o teu nego. |

DOQUINHA - Ah é? | Si sei pra quem é que eu vô pidi dinheiro e vai me empregá. Mas que eu vô contá que o sinhô me negou o estribo, eu vou.

BETO - Doquinha, tu deixa de besteira de tá pedindo dinheiro pra gente minha que isso não tem cabimento. Eu não quero sabê desse troço.

DOQUINHA - Ah é? Ingraçado! O sinhô num tem nada que vê pra quem é que eu vô pidi dinheiro. Eu preciso, o sinhô num tem pra me dá eu tenho que pidi pra arguem.

BETO ✓ - Toma, té aí. | É só o que eu tenho. | R\$ Cinco cruza. |

DOQUINHA - Isso num chega pra nada, seu Beto. Só na condução eu gasto a metade. Compro umas laranja, umas banana, cadê dinheiro pra ~~pagar~~ té? Cadê dinheiro pra doce? Cadê dinheiro pra cigarro? Eu preciso, pulo mano de uns vinte.

BETO ✓ - Tá louca? Déiz eu dô. | Mais, não dou. | E se não quizer não dou nada. | Resolve logo, vai. |

DOQUINHA - Té, me dá os déiz. Dispois eu arranjo mais déiz ali no posto de gasolina com o rapaiz que era amigo do seu Fernando. Êle me empresta. E quando é que o sinhô vai tirá o meu nego daquelas grade, seu Beto?

BETO ✓ - Olha, Doquinha, acaba com êsse negócio, porque eu não vou tirá ninguém de lugar nenhum. | Êle tá lá, porque fez alguma, pois então que se aguenta, ora bolas! |

DOQUINHA - Ah é? Tá bom. Pode deixá êle lá que um dia a gente acerta as



- EUGÊNIA - Eu não disse a você que ia lhe arranjar uma ajudante que seria muito mais útil do que eu?
- LINDAURA - O Padre Augusto ficou encantado nela. Disse que é raro encontrar-se uma moça com tantas qualidades.
- EUGÊNIA - E é raro, mesmo, Lindaaura, você sabe?
- LINDAURA - (SUPER ADMINADA) Eugênia! Será que você mudou tanto o juízo a respeito da sua enteada?
- EUGÊNIA - Mudei. E não tenho vergonha de confessar. Marcia se conquistou com o seu carinho e com a firmeza do seu caráter. Hoje faço questão de elogiar-la para redimir-me do mau juízo que fiz dela durante tantos anos.
- LINDAURA - É mesmo. Você dizia horrores de coitada. Eu ficava com um ódio que nem sei. Acho que chegamos a discutir algumas vezes por causa dela; não foi?
- EUGÊNIA - Chegamos, sim. Uma vez eu cheguei a reclamar de Hermes que você parecia que vinha aqui com o propósito de enfezar-me e rebater todas as coisas que eu dizia.
- LINDAURA - Ah e vinha mesmo. Pois eu sabia que a menina era boa e você, sem nenhuma razão, atacava a coitadinha que não sobrava uma só das suas virtudes, eu ia ficar calada? Não ficava.
- EUGÊNIA - Pois é, mas hoje, felizmente, tudo passou, ela foi um anjo de bondade para os meus filhos, uma enfermeira maravilhosa para o pai e hoje é uma amiga muito sincera que eu tenho, como eu talvez bem faço questão de que saibam que sou amiga dela.
- LINDAURA - É, antes tarde do que nunca. O Hermes, coitado, bem que merecia isto. Adora você, mas adora também a filha. Devia sofrer muito com a atitude que você tomava em relação a ela.
- EUGÊNIA - Sofria, sim. E eu ficava ainda mais enfezada, por ver que ele sofria. E você sabe que eu custei a descobrir que era ciúme?
- LINDAURA - Puxa vida! Que falta de percepção das coisas, Eugênia. (RIEM) Bem, eu vou andando que tenho ainda outros officios a entregar e amanhã quero ver se posso ficar em casa descansando. Diga ao nosso marido que eu deixei um beijo para ele.
- EUGÊNIA - (RINDO) Está bem, eu digo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- HELOISA - Papai, desculpe si me vim aqui ao Banco, onde o senhor está, sempre, tão ocupado, mas eu tenho um assunto muito sério para falar ao senhor e aqui tenho certeza de que ninguém nos interromperá.
- HERMES - É a respeito do seu casamento que você deseja conversar comigo? Eu vou lhe dizer que já estava esperando este instante.
- HELOISA - Não, papai, não é a meu respeito a nossa conversa; é a respeito de Márcia. Márcia está numa situação tremenda e nós temos que fazer qualquer coisa para salvá-la.
- HERMES - Márcia?!... Em situação?!... Mas minha filha, por favor, diga logo do que se trata porque eu farei qualquer coisa para salvar Márcia, como qualquer dos meus filhos.
- HELOISA - Eu sei. E por isso mesmo vim falar com o senhor, apesar de nem ela, nem nós, desejarmos incomodá-lo. O senhor, depois de tudo que lhe aconteceu merecia um período grande de absoluto descanso, mas infelizmente as coisas aconteceram e por desejar poupá-lo vão se agravando e chegam a um ponto em que a gente se perde no labirinto das indecisões e se vê forçada a recorrer a alguém. E quem será esse alguém? A única pessoa com força capaz de resolver aquilo que nós não tivemos capacidade ou habilidade para resolver.
- HERMES - Vamos, minha filha, diga logo do que se trata que eu estou aflito.
- HELOISA - Para que o senhor entenda perfeitamente a situação de Márcia, temos que retroceder no tempo e nos reportarmos ao ataque que o senhor sofreu aqui no Banco e no qual os ladrões obrigaram Nadinho a servir-lhe de instrumento. Bem, juntamente com Nadinho, eles se valeram, também, de um outro rapaz - Fernando - que era amigo de Nadinho e namorado de Márcia. Fernando foi o rapaz que foi preso nas escadas do Banco com as ataduras do outro agsaltante na mão. Lembra-se dele?
- HERMES - Perfeitamente. Por sinal que era um rapaz muito simpático e com uma expressão de bondade que nunca sentaria bem a um assaltante.

HELOISA - Papai, Fernando é, realmente, um rapaz boníssimo. Ele entrou nessa coisa toda, apenas para proteger Nadinho. Foi ele, inclusive, quem mandou avisar à polícia que o assalto ia acontecer. E o assalto só não falhou, porque a polícia não recebeu o último aviso que foi expedido por ele num bilhete que se presume tenha sido extraviado. Resultado: foi prêso e depois que os chefes da gang souberam que ele os havia atraído, tentaram matá-lo na prisão. A primeira tentativa falhou e a segunda teria obtido êxito se Márcia não tivesse proposto ao Beto - que o senhor conhece e muito justamente detesta - que se casaria com ele, caso ele conseguisse dar escapula ao Fernando. Beto, que já estava apaixonado por Márcia, aceitou a proposta, como o senhor sabe porque os jornais noticiaram. Fernando escapou da prisão durante a noite e fugiu para o Uruguai. Agora Beto reclama o cumprimento da promessa de Márcia e nós tentamos, desesperadamente, convencê-la de que ela não deve se sacrificar a tal ponto.

HERMES - Mas nem eu consentirei em tamanha monstruosidade. Falarei hoje mesmo com ela e direi...

HELOISA - (CORTA) Não, papai, não. O senhor não pode fazer nada disto. Se quer realmente auxiliá-la, terá que proceder com a máxima cautela, inclusive continuando a fingir que ignore totalmente a verdade. Eu e Nadinho, juntamente com Reginaldo, imaginamos um plano de fuga para ela e foi esse plano que eu vim aqui expor ao senhor e pedir a sua opinião, e a sua ajuda financeira. Nós queremos que ela vá ao Uruguai encontrar-se com Fernando, que se casem lá em seguida e depois vão viver em qualquer outra parte até que tudo se aclare e eles possam voltar.

HERMES - Bem, eu vou pensar detidamente no assunto, pesar os prós e os contras e logo à noite voltaremos a falar sobre o assunto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - (CHORANDO ESPALHAFATOSAMENTE, EM SOLUCOS E EXCLAMAÇÕES) Ai, meu Deus do universo!... Era só essa que me faltava agora... Como é que eu vô vivê sem ele? Eu num vô pudê, nunca, i lá naquela lunjura...

C/REGRA - PASSOS DE BETO QUE SE APROXIMA.

BETO ✓ - (SE APROXIMANDO E FALANDO) Que choradeira é essa, Doquinha? |  
O que foi que te aconteceu pra tu tá chorando ai desse jeito? |

DOQUINHA ✓ O meu nêgo, seu Beto, o meu nêgo!... Vão mandá êle pra colô-  
nia pená, o sinhô já pensou? Como é que eu vô i lá depois?  
Como é?

BETO ✓ - Ora como é! | Do mesmo jeito que tu vai lá na penitenciária, pom-  
ba! | Pra isso tem ônibus. |

DOQUINHA - Mas é uma lunjura que nunca se acaba, eu num vô pudê i. Ai  
meu Deus, agora memo é que eu vô ficá viuva de um tudo!

BETO ✓ - Ficá viuva coisa nenhuma | Deixa de dizê besteira | Só porque  
o cara vai um pouco mais pra longe, precis, fazê êsse estarda  
lhaç todo? | Não amola, | Doquinha, não amola. |

DOQUINHA - (CHOROSA MAS ZANGADA) Não amola praquê num é os seus calo que  
tão duendo, ingracoado. Eu quirie vê se a tua namorada fôsse  
imbora pra loge, e te deixasse aí prantado, como é que tu ia  
ficá. Ah, meu Deus que injustiça que vão me fazê!...

BETO ✓ - Escuta, Doquinha, deixa a choradeira pra depois, e vai tratá  
da janta que eu tenho que sai logo, vai. |

DOQUINHA - Seu Beto, num xege coração dura. Me ajuda eu, seu Beto, me  
ajuda! O sinhô prometeu tanto que ia sarvá o meu nêgo...

• Sarva êle agora, seu Beto. O sinhô pode, eu sei. É só querê.

BETO ✓ - Só querê, uma conversa. | Precisa dinheiro | Tu tem dinheiro? |

DOQUINHA - Eu num tenho mas o sinhô tem. Eu sei que o sinhô tem um mun-  
do de dinheiro escondido.

BETO ✓ - E mesmo que tenha dinheiro, precisa arriscá a pele | Tu acha  
que eu vou arriscá a minha pele pra safá o teu nêgo das grade? |  
Pera aí, não é Doquinha? | Arriscá por um troço que valha a  
pena, ~~mas~~ Não por um nego vagabundo. |

DOQUINHA - (PARANDO BRUSCAMENTE DE CHORAR E TOMANDO ARES DE OFENDIDA)  
Para aí, seu Beto, para aí. Isso agora já é uma diámasia, vai.  
Tu num tem o direito de chamá o meu nêgo de vagabundo que tu  
nem conhece êle. O meu nêgo num é vagabundo, nada. Não é.

- BETO ✓ - ah, não é? | O que é que ele faz? | Onde é que ele trabalha, vai? |
- DOQUINHA - Ele num travaia, mas porem vagabundo ele num é. O dotô disse que ele num podia travaia prâquê tem o coração dilatado, vai.
- BETO ✓ - Ele tem é a esperteza dilatada. | Tem quem trabalhe pra êle, pra que vai se cansá? | Trouxa seria | Ele tem a trouxa que és tu. |
- DOQUINHA - Pois dexa que xege, seu Beto. Sô trouxa do meu nêgo com munta honra, tá? Trabalho pra êle e ninguem num tem nada que vê com isso. Os braço é meu, o trabalho é meu, o cansaço é meu. E daí?
- BETO ✓ - Daí que tu pode fazê o que tu quizê, e eu não tenho nada com isto, mas tu querê que eu faça o que tu quê, safando o teu nêgo das grade, essa é muito forte, Doquinha. | Essa não, tá? |
- DOQUINHA - Tá, tá bem. Agora eu já sei que tu num quê, num vou te pidi mais. Agora uma cousa eu vô te dizê: tempo de relações corta da, tá? Num precisa falá mais cumigo que eu tombem num vô fa lá mais cumtigo nem fazê nada que tu me pidi, seu Beto. Já fica sabendo pra dispois num vi cum fantasia de querê me mandá.
- BETO ✓ - Qué dizê que nem o jantar tu vai fazê pra mim, é?
- DOQUINHA - É.
- BETO ✓ - Tá bem. | No fim do mês, tu vai vê o que é que eu vou fazê pra ti. |
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL.
- DOQUINHA - Arricibi o seu recado. O sinhô mandô me chamá, num foi chefe?
- VOZ - Mandei. Recebi uma queixa contra você e estou disposto a castigá-la.
- DOQUINHA - Mas eu num fiz nada pro sinhô me castigá, chefe. Juro que num fiz e intê quiria sabê quem foi o lingua cumprida que veio fazê queixa de mim pro sinhô. Num acredita, que eu num fiz nada. Isso é lambança.
- VOZ - Quem me fez queixa de você foi o Beto.
- DOQUINHA - O seu Beto?!... O seu Beto é que veio fazê candonga de mim pro sinhô?!....
- VOZ - Foi.
- DOQUINHA - Pois então eu vô contá pro sinhô uma coisa que ele ~~xxxx~~ fazê feiz e outras que ele vai fazê e que o sinhô num tá sabendo.
- VOZ - (SEVERA) Fala.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?- Novela de Érico Cramer -51º CAPÍTULO*Quinh  
Silva*

09.11.2011

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao término do quinquagésimo capítulo desta novela, deixamos Doquinha, num lugar qualquer, ignorado, num diálogo com o Chefe de uma organização excusa e que a mandara chamar para dar-lhe o bilhete azul em virtude de uma queixa recebida contra ela. E o diálogo foi interrompido, mais ou menos, no seguinte ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA? BAIKA E SOME

DOQUINHA - Arrecebi o seu recado. O sinhô mandô me chamá, num foi chefe?

VOZ - Mandei. Recebi uma queixa contra você e estou disposto a castigá-la.

DOQUINHA - Mas eu num fiz nada pro sinhô me castigá, chefe. Juro que num fiz e intê quiria sabê quem foi o lingua cumprida que veio fazê zê queixa de mim pro sinhô. Num acredita, que eu num fiz nada. Isso é lambança.

VOZ - Quem me fez queixa de você foi o Beto.

DOQUINHA - O seu Beto?!... O seu Beto é que veio fazê candonga de mim pro sinhô?!...

VOZ - Foi.

DOQUINHA - Pois intão eu vou contá pro sinhô uma coisa que êle fez e outra que êle vai fazê e que o sinhô num tá sabendo.

VOZ - (Severa) Fala.

DOQUINHA - Mas primeiro eu quiria sabê do sinhô as candonga que êle fêiz de mim, chefe. Me conta.

VOZ - Disse que você estava muito insubordinada.

DOQUINHA - E êle num disse praquê? Praquê eu tava todo o dia arrieramando uma coisa que êle me prometeu pra mim e não compriu. Ei xinguei êle, foi por isso. Me fazê eu de boba ninguem num me fêiz, não, chefe que eu boba num sô. Pois óis, êle quiz fazê babado de mim, eu tombem vou fazê os babado dele que o sinhô num sabe.

VOZ - (SEVERA) Fala, anda.

- DOQUINHA - Ele se apaixonou por uma moça aí e me disse que vai se casar-se com ela e vai deixar de trabalhar pro senhor. Disse que vai ficar com ela, logo depois do casamento. Pra isso ele tem um mundo de dinheiro escondido e pensa que eu não sei.
- VOZ - E tu sabes onde está esse dinheiro e de onde é que veio esse dinheiro?
- DOQUINHA - Sei, sim senhor. Ele não diz, mas eu não sou boba e tô vendo as coisas direitinho como ela é. Depois de cada trabalho que eles fazem, queri a metade do dinheiro fica pelo caminho. É esse dinheiro que ele tem uma manjedoura escondida e de certo vai levar pra donde ele for, depois do casamento.
- VOZ - E a moça, tu conhece?
- DOQUINHA - Conheço, sim senhor. Até já falei com ela. É uma pessoa muito enganada. Ela era namorada do seu Fernando, mas depois aceitou de deixar o seu Fernando e se casou-se com seu Beto, se o seu Beto servisse o seu Fernando das grades. E ele serviu e mandou ela embora eu não me lembro bem pra onde. Parece que é pro Pirigüê, que ele foi.
- VOZ - Tu tens certeza disto, Doquinha?
- DOQUINHA - Meu Deus do Céu, se eu não vou ter. Ele falava tudo pra mim. Agora ela se esqueceu-se que me falou, senão ele não ia querer me botar eu no olho de rua, quando eu estava com o rabo dele na mão.
- VOZ - Então foi ele que deu fuga ao outro que eu mandei matar.
- DOQUINHA - É ele me prometeu que ia dar pro meu negro também. Aí ele nunca se arrependeu a tirar o meu negro das grades, eu sempre em cima dele reclamando, reclamando, entente ele tava de guampa azeda e me xingou, eu xinguei ele também e disse que não trabalhava mais pra ele. Foi daí que ele veio fazer condonga pro senhor. O senhor pode me botar na rua, chefe, mas uma coisa eu vou dizer pro senhor: acre o olho com seu Beto que ele não é de confiança. Ele atrai o senhor. Ele é traidor. Juro por Deus que é.
- VOZ - Quando é o casamento, sabes?
- DOQUINHA - O dia bem direitinho eu não sei, mas parece que anda aí por volta de um mês. Foi a conversa que eu ouvi.

VOZ - Volta pra lá. Não fala nada que estiveste aqui e quando a data do casamento for marcada, me avisa logo.

DOQUINHA - Aviso, sim sinhô, pode deixá. Óia, Chefe, uma coisa eu ainda quero dizê pro sinhô, inbante de saí. Eu num gosto de fazê a cavera de ninguem. Nunca fiz. Mas tombem deixá os otro fazê a minha sem me defendê é burricia e eu burra num só. O sinhô qué mais alguma coisa de mim?

VOZ - Entendeste bem o que tens que fazer?

DOQUINHA - Ingtindi, sim sinhô. Vortá pra lá, ficá queta e cumé em tranca. Quando uvi falá na data do casamento, e adonde é; vim logo aqui trazê um aviso pro sinhô. Tá deraito?

VOZ - Confere. Podes ir.

DOQUINHA - Bem feito pra cara dele. Quiz fazê a minha cavera, quem fêiz a dele fui eu. Pisou no meu rabo, dueu, eu grito.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Eu estava em casa, pensando e me ocorreu êste detalhe; então vim depressa procurá-la, na esperança de que você fôsse menor de idade e nós pudéssemos forçar Beto a casar-se com você. Desse modo, Márcia estaria salva e livre de um enorme sacrifício, coitada.

DIANA - Pois é, mas infelizmente eu já era maior quando fiz essa burrada de acreditar na sinceridade dele. Não posso forçá-lo a nada.

HELOISA - Todas nós que não fomos alertadas para enfrentar a realidade chocante do desejo desenfreado de certos jovens, acabamos, fatalmente, tropeçando à frente de um ou de outro. E todas nós nos arrependemos tardiamente, depois de ter enfrentado um cortejo terrível de decepções e desencantos. É o lado cômico de rosa da vida que deveria perdurar para nós até após a lua de mel, torna-se triste e cinzento, não nos permitindo - pelo menos durante um longo período de nossas vidas - ver o brilho do sol e sentir-lhe o calor. É a cicatriz que o desencanto deixou em nossas almas, deixa de doer mas não se apaga nunca.

DIANA - Você tem razão Heloisa. Tem toda a razão. É isto mesmo que acontece. Eu perdi minha mãe muito pequena, meu pai muito envolvido com o seu trabalho, meus irmãos com os seus programas, não tive

quem cuidasse de mim e me alertasse. Adorei a liberdade que me foi concedida e me embrenhei por ela de olhos vendados. Papai, de vez em quando, me chamava ao seu escritório e me pedia contas da minha vida. É claro que eu lhe contava apenas aquilo que me convinha contar. O que ~~me~~ achava que poderia desagradá-lo, eu omitia e papai também não se lembrava de perguntar. Hoje, si êle soubesse que ~~me~~ tropecei e caí, não tenho dúvidas de que ~~me~~ vestiria, furioso, sôbre mim, crivando-me de adjetivos que eu não teria merecido, se tivesse tido alguém que me obstruísse a passágem, quando ~~me~~ corria desenfreada para a liberdade que se abria diante de mim. Era uma estrada larga, florida, iluminada pelo sol ardente de duas primaveres - a de natureza e a minha - eu podia lá imaginar que existiam buracos e serpentes escondidos entre os tufos de flores coloridas e perfumadas? Não podia. Era preciso que alguma, já sofrido e com experiências, me alertasse para as ciladas da vida. Caí uma vez, duas vezes, três vezes e por fim, de tanto pecar, caí de joelhos e, em vez de rezar, ~~me~~ prequei contra Deus, acusando-o por me ter deixado como uma cega, sem guia, num caminho estranho. (ESTÁ CHORANDO) E hoje, Heloisa, hoje eu tenho medo do futuro negro que tenho diante de mim. Negro, sim, porque eu não conto com a compreensão de meu pai e ~~me~~ nos ainda de meus irmãos. Estou só. Completamente só. Inteiramente só. (CHORA BAIKO E MANSAMENTE)

HELOISA - (COMOVIDA) Você já não está tão só como pense, Diana. Você agora tem uma irmã de infortúnio que caiu como você, chorou como você, sofreu como você. Uma irmã de infortúnio que tinha um pai e uma mãe que por bondade ou comodismo - sei lá - nunca lhe pediram contas de sua vida. Uma irmã de infortúnio que se deixou cegar pela luz intensa de uma liberdade excessiva e numa encruzilhada do destino se perdeu entre os caminhos, sem saber o que era certo e o que era errado. Teve, ainda, a sorte de que seu pai e sua mãe foram capazes de reconhecer que o êrro da filha advinha da falta de cuidado deles próprios, da negligência e do comodismo de âmbos e então, em vez das palavras injustas de censura, só ti

veram para ela gestos de amor e de compreensão. Esse amor e essa compreensão eu vou pedir a eles que se estenda até você, Diana. Você será, se quiser, uma outra irmã para nós e o que lhe faltar na casa de seu pai você há de ter na casa de meu pai.

DIANA - (CHORANDO, COMOVIDA, ABRACANDO-SE A HELOISA) Oh, Heloisa, Heloisa, deixe-me abraçá-la! Como é bom a gente saber que tem um coração amigo, pulsando ao lado do seu! Como é bom a gente sentir que não está só!... Que tem uma alma irmã, procurando nos dar apoio e carinho!... Você nem pode saber, Heloisa, o grande bem que as suas palavras me fazem. Que Deus lhe ajude, minha querida amiga!... Que Deus lhe ajude, minha boa irmã!...

HELOISA - Ouça, Diana: amanhã eu virei buscá-la, na parte da tarde, para ir jantar connosco e conhecer nossa família. Teremos a tarde toda para conversar e o serão à noite também. Vamos traçar planos para o seu futuro. Nós cuidaremos dele, se você nos permitir.

DIANA - Como não hei de permitir que os anjos do Senhor me tomem pela mão e me conduzam para o caminho da paz e da serenidade, coisas de que há tanto e tanto tempo estou afastada!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Pois Eugênia, apesar de todos os pezares que Heloisa me possa ter causado, sabe que hoje me sinto muito orgulhoso dela? É uma menina de uma nobreza de caráter extraordinária. Uma menina de uma bondade infinita, naquela sua aparência fria e distante. Ela se preocupa com todos nós e se dispõe à luta por todos nós.

EUGÊNIA - É verdade, sim. Eu já tive ocasião de constatar essas qualidades em nossa filha. Principalmente quando ela errou e não procurou sacudir de seus ombros a responsabilidade do seu erro.

HERMES - Ela agora está empenhada em dar apoio a uma outra vítima daquele deslavado e horreroso amigo de Nadinho que tem sido a desgraça da nossa casa e da nossa família.

EUGÊNIA - Ela já me falou. Vai trazer a moça amanhã para jantar connosco, afim de conhecer-nos e não se sentir tão abandonada de todos. Disse que ela está esperando bebê. Disse que tinha falado com você sobre o assunto e que você havia concordado, não foi?

- HERMES - Exato. O que é que eu podia fazer, Eugênia? Diga. Negar auxílio a uma pobre moça indefesa? Seria deshumano; não lhe parece?
- EUGÊNIA - Lógico. Muita gente talvez nos reprove este procedimento, mas, a meu ver, êle está certo. Muito pior que um mau exemplo é uma má companhia, dirão. Mas uma moça amargurada e descrente que já não sente mais - por desencantada - o chamamento da vida, pode ser muito mais uma companhia insípida do que prejudicial.
- HERMES - E além disto, é um dever de cristão procurar levantar alguém que encontramos caído em nosso caminho. O pecador abandonado à própria sorte, vai descendo, degrau por degrau, o caminho do vício e da vergonha e ao chafurdar-se na lama da sargeta não possui mais forças para levantar-se; o que encontra uma mão amiga que o ampara em meio aos seus tropêços, pode levantar-se e retomar o caminho da verdade.
- EUGÊNIA - Ela falou a você que não devemos fazer nenhuma referência ao rapaz nem à situação em que a moça se encontra, presentemente?
- HERMES - Falou e fez bem em falar, por precaução, mas eu jamaisalaria, especialmente à mesa do jantar, em nossa casa, num nome que, para mim, é mais fétido que a lama pôda de uma vala de exgôto.
- EUGÊNIA - Ela falou a você sobre Márcia e... bem, sobre... não se pode dizer namoro, entende?
- HERMES - Eu sei. Ela falou, sim. Falou mas eu vou dizer aqui uma coisa só a você, Eugênia: Márcia não se casará com aquela pustula nem que eu seja obrigado a praticar um crime.
- OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO.
- EUGÊNIA - Hermes, por favor!... Não pense numa violência dessas. Eu estou certa de que Deus vai nos indicar uma saída para êsse terrível labirinto. Márcia insiste no cumprimento de sua promessa ainda por temor do que possa vir a suceder a Nadinho, mas eu faço fé que não vai ser preciso um sacrifício tão grande da parte dela. Nadinho vai ser declarado inocente, antes que êsse casamento seja consumado.
- HERMES - Mas se não fôr, juro-lhe, Eugênia de que livrarei o mundo daquela pustula.

EUGÊNIA - Não, Hermes, não. Afaste esse pensamento horrível da sua cabeça, pelo amor de Deus! Há de surgir uma fórmula que nos livrará desse homem sem que você seja obrigado a recorrer a tamanha violência.

HERMES - Eu desejo que apareça essa fórmula. Desejo do fundo do meu coração. Não gostaria de me afastar do convívio de vocês, a quem tanto amo, para terminar os meus dias na hostilidade fria de uma cela de penitenciária, mas... si Deus não ouvir as nossas preces... a minha resolução está tomada.

EUGÊNIA - Vai ouvir, sim. Vai. hei de pedir tanto a ele, tanto, que ele ha de acabar por escutar os meus rógos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Bicho, tu tá querendo me dizê um <sup>trôco</sup> ~~exemplo~~, te ensaia, te ensaia e não sai da mesma coisa. Manda logo, vai.

NADINHO - Beto, é sobre o teu casamento que eu tô querendo te falá, Beto.

BETO - Puxa vida! É pra falá sobre o meu casamento tu precisa fazê tão to rodeio? Manda logo, rapáiz, já disse.

NADINHO - É que eu acho que tu vai dá uma mancada sem tamanho, casando com a Márcia que não gosta de ti nem um pouco. É isso.

BETO - Bom, mas a gente tem um trato, não é? Eu sei que ela não gosta ainda, mas ela me prometeu que vai procurá gostá de mim e tú sei beá melhor do que eu que a Márcia é uma garota legal. Quando ela promete as coisa ela fáiz.

NADINHO - Beto, ela prometeu, eu sei; ela vai procurá gostá, também sei, mas o que eu pergunto pra você é o seguinte: e si ela não conseguiu gostá? Pode acontecê; não pode?

BETO - Pode, mas não vai acontecê. Eu vou sê uma cara tão bacana pra ela, mas tão bacana mesmo que ela vai acabá gostando de mim e às pampa, tá ouvindo?

NADINHO - Beto, se coloque você na posição da Márcia. Você gosta dela e é obrigado a desisti pra se casá com outra mulher. Será que você ia conseguir gostá dessa outra?

BETO - (PAUSA) Não sei, mas...

NADINHO - Não sabe, não. Você sabe. Você sabe que não ia pudê esquecê a

Márcia, nem que a outra fôsse uma flor de garoto, uma garota legal às pampas. E você sabendo disso, Beto, como é que se expõe ao risco de fazê a sua própria infelicidade e a infelicidade de Márcia? Bota a cabeça no lugar, rapáiz. Não é só pela minha irmã que eu tô falando. É por você também. Afinal, que diábo, nós sempre fomos bons camarada. Amigo não digo, mas camaradas fomos.

BETO - Bicho, eu te agradeço todo esse teu palavrorio aí; sei que tu é um garoto legal, que tu tá fazendo isso de coração, mas a verdade que eu tenho que te dizê é uma só. Pidi pra eu desisti de casá com a Márcia, é a mesma coisa que arrancá o meu coração do peito e querê que ôle siga batendo. Eu gosto da tua irmã paes, Nadinho. Vô fazê tudo pra ela sê feliz comigo. Não pensa que eu tô com olho no dinheiro dela, não, porque eu vô te revglá um segredo só pra ti: eu tenho dinheiro de pamparra. Sô capáiz de te dizê que tenho muito mais dinheiro que o teu pai. Ninguém sabe onde ó que tá êsse dinheiro, mas eu sei e basta. Nadinho, tú vai sê meu padrinho de casamento e si a gente não tivé filho o nosso herdeiro vai sê tu.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Quer dizer que você está com o seu casamento marcado ~~pra~~ para dentro de um mês? E o seu pai, sabe disso?

MÁRCIA - Não sabe e nem deve saber, Reginaldo. Aliás, aqui em casa, só pretendo avisar a você e Heloisa que serão os meus padrinhos. Mais ninguém.

REGINALDO - Quer dizer que seu pai e sua mãe só vão saber do fato depois dele consumado?

MÁRCIA - Sim, Reginaldo. Eles procurariam impedir que eu cumprisse a minha palavra e isso eu não quero de forma alguma, tanto mais que, si acontecesse, Beto poderia se revoltar contra nós e tornar a envolver Nadinho.

REGINALDO - E Fernando? Como é que você vai explicar tudo isso a ôle?

MÁRCIA - Inda não sei. Não pensei. Tenho ainda um mês à minha frente e, neste tempo poderei estudar a maneira menos dolorosa de dizer-lhe a verdade.

REGINALDO - De qualquer forma ele vai sofrer muito, coitado. Ele ama você com todo o coração. Nunca irá se conformar de perdê-la, justamente quando já começava a acreditar num futuro ao seu lado, Márcia. Já pensou no que vão ser, para ele, os dias que se seguirem ao conhecimento da verdade? A fé, a esperança, a luz, a força, o estímulo, a certeza da felicidade, tudo desaparecerá, para ele, desde o instante em que tome conhecimento da terrível tragédia que se abaterá sobre a sua vida. Se apagará, aos seus olhos, a única réstoa de luz no longo caminho escuro que foi a sua vida de jovem transviado que acreditava na salvação, e que, certamente, voltará à cegueira e ao desvario. Nas longas horas das noites insones, quando a saudade lhe esmagar o peito, você...

MÁRCIA - (GORTA, DESESPERADA, CHORANDO) Cale-se, por favor Reginaldo!... Não me torture mais com as suas palavras!... Será que você não compreende que eu não posso fazer outra coisa? Que, desgraçadamente, não me resta nenhuma outra alternativa? Eu também vou sofrer muito, Reginaldo. Já estou sofrendo, mas por mais que alongue meus olhos pelos caminhos da esperança, não avisto um recanto onde possa me refugiar e deixar passar a avalanche da desgraça e da descerença, sem que me levem de roldão. Tenha pena de mim, Reginaldo! Tenha pena de mim!...

REGINALDO - (VOZ EMBARGADA DE PRANTO) Tenho tanta pena de você, minha pobre Márcia, tanta pena de você, que, justamente por isto, estou querendo salvá-la. Minha palavra é pobre... meu gesto sem melhor expressão... mas se eu pudesse mostrar o que vai de desespero dentro deste meu velho peito... você veria, você saberia que eu não poderia deixar de sentir pena, muita pena de você, minha querida. Você nasceu para ser feliz, ao lado do homem que ama, ser o anjo tutelar de uma família bem formada, nas bases de um amor sincero e sadio e em vez disso o que acontece? Vai caminhando, vergada ao peso de uma cruz enorme, para entregar-se em holocausto pela paz e pela vida dos seres que ama. Mas poderão eles, depois disto, ter

paiz e ter vida? Não, minha filha, não poderão. Sofrerão, pelo resto de seus dias, o desespero de terem sido os causadores da sua desgraça. Pense bem no que estou lhe dizendo, antes de fazer a loucura enorme de casar-se com Beto.

MÁRCIA - Cale-se Reginaldo, por favor. Não fale mais. Não me tire a coragem de que me tenho revestido para enfrentar uma decisão que tem sido a mais dolorosa de toda a minha vida. Si Deus quizer afastar do meu caminho esse fardo pesado que carrego em meus ombros, Ele tem, ainda, quasi trinta dias na sua frente para modificar as pedras no taboleiro e mudar o jogo. Só Ele poderá fazer isto e... se não fizer... é porque entendo de que eu devo pagar esse alto tributo. E então nada mais me restará fazer, sinão cumprir a vontade de Deus!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Dinah, eu trago para você a maior das novidades. É uma novidade de casamento; vamos ver se você adivinha quem é.

DINAH - Sei lá. Você está tão admirada que só pode ser uma pessoa que não esperasse mais casar. A Ritinha Damoss? A Cordélia Bordalo? A Mimosa Monteiro?

LINDAURA - (FORTE) Puxa vida! Também você juntou tudo que era múmia que havia na cidade pra botar num lista de casamento? Nada disto. Não é velha, não é feia, nem anda correndo atrás de homem.

DINAH - A Lindinha Cáceres? A Ângela Carriconde? A Beatriz? A Laura? A Heloisa?

LINDAURA - Esquentou.

DINAH - A Márcia?

LINDAURA - A Márcia. O Reginaldo me contou hoje, pedindo o maior dos segredos que parece que ela vai casar dentro de trinta dias.

DINAH - Mas segredo por que? Há alguma coisa de errado no casamento dela?

LINDAURA - Parece que o rapaz não presta e a família não quer nem ouvir falar no nome dele. Disse que estão desesperados.

DINAH - Que pena, não é mesmo? Uma menina tão bossinha, tão delicada, tão fina de maneiras... Como será que foi gostar de um homem que a família não gosta?

LINDAURA - Histórias de vida que a gente nunca terá capacidade para desvendar. Até o Reginaldo está engasgado com esse tal casamento.

DINAH - Bem, mas o Reginaldo pode-se considerar como um segundo pai para aquelas meninas. É natural que tome parte ativa na vida delas. Ele já deve estar na família há quasi quinze anos.

LINDAURA - Ele disse que não deveria falar isto para ninguém, mas que estava tão abafado, tão abafado, que se não desabafasse com alguém, era capaz até de ter um derrame ou qualquer outra coisa desse tipo. Eu apareci lá... ele despejou. Depois, pediu por mil Santos que eu não comentasse o fato com ninguém.

DINAH - E você saiu de lá e veio comentar comigo. Você é um pouco, hein Lindaura? Quem quiser espalhar um segredo que conte para você.

LINDAURA - Ora vai, Dinah. Não me emola. Conte pra você porque sei que você não conta pra mais ninguém. Só isto. Mas também é uma boga teira esse segredo, porque de qualquer maneira daqui a um mês todo o mundo vai ter que saber mesmo? Mais um mês, menos um mês, muita pouca diferença faz.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DIANA - Heloisa eu nem sei o que dizer da sua família. Que gente encantadora. Eu cheguei a me emocionar com as atenções de todos.

HELOISA - Que bom, Diana! Eu fico bem contente que tenha sido assim. Eu queria exatamente isto: que você se sentisse tão bem em nossa casa a ponto de poder ter a certeza de que estava entre amigos.

DIANA - Foi exatamente o que eu senti. E tanto assim, Heloisa, que tenho a impressão de que já encontrei a solução para o desesperado casamento de Márcia. Eu vou livrá-la desse compromisso.

HELOISA - De que modo, Diana? Confesso-lhe que não consigo atinar.

DIANA - Pois eu lhe digo: um tiro a menos de dois metros de distância, dificilmente deixa de acertar o alvo!

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

Locutor - ENCERRA COMO DE HÁBITO.

OPERADOR - ENCERRAMENTO MUSICAL.

*Heloisa*  
*Luadi*

- Novela de ERICO CRAMER -

09.11.2011

52º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo primeiro capítulo desta novela, deixamos Diana e Heloisa, após o jantar na casa desta, conversando numa salita sobre um assunto de enorme importância para ambas as moças. E o diálogo entre elas foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - ~~XXXXXXXX~~ SOBRE A CARACTERÍSTICA - BAIXA E SOME

DIANA - Heloisa, eu não sei o que dizer da sua família. Que gente encantadora! Eu cheguei a me emocionar com as atenções de todos.

HELOISA - Que bom, Diana! Eu fico bem contente que tenha sido assim. Eu queria exatamente isto: que você se sentisse tão bem em nossa casa a ponto de poder ter a certeza de que estava entre amigos.

DIANA - Foi exatamente o que eu senti. E tanto assim, Heloisa, que tenho a impressão de que já encontrei a solução para o desespero do casamento de Márcia. Eu vou livrá-la desse compromisso.

HELOISA - De que modo, Diana? Confesso que não consigo atinar.

DIANA - Pois eu lhe digo: um tiro a menos de dois metros de distância, dificilmente deixa de acertar o alvo.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO.

HELOISA - Um tiro, você disse? Mas... como assim? Quem daria esse tiro?

DIANA - Eu, Heloisa.

OPERADOR - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

DIANA - Eu darei o tiro bem de perto para não errar. E sabe onde? Na Igreja. Antes do casamento se realizar.

HELOISA - Diana, você está louca? Você não pode fazer isto. Então não vê que vai estragar toda a sua vida?

DIANA - Não. Vou salvar a vida de Márcia. A minha vida já está estragada e não conte. Pense quantos benefícios serão feitos a um só tempo.

HELOISA - Não, não, Diana, não. Tire essa ideia da cabeça. A não ser que

você ponha, acima de tudo o seu desejo de vingança contra ele.

DIANA - Não. Juro-lhe que não. Acima de tudo, pode crer, está o meu desejo de fazer voltar a paz ao seio da sua família. Gente maravilhosa que não merecia arrastar uma cruz tão pesada, imposta por um canalha sem escrúpulos.

HELOISA - Mas lembre-se que ele, quer você queira, quer não, é o pai do seu filho que vai nascer. Amanhã ele cresce e, fatalmente, como acontece a todos, vai querer saber de seu pai e não faltará quem lhe diga que você o matou. Você poderá prever a reação que ele poderá ter contra você? Não, não, Diana, não pense nisto, por favor. Nós estamos estudando uma outra maneira de poder livrar Márcia daquele homem, mesmo contra a vontade dela.

DIANA - Que admirável noção de dever tem essa menina, francamente! É difícil ver-se alguém assim. Acho que qualquer uma, na sua idade e na sua situação, esqueceria palavra empenhada, esqueceria tudo mais e correria para os braços do seu amor.

HELOISA - Ela tem, realmente, uma noção admirável de dever, mas, no caso, o que pesa ainda mais, é o seu desejo de salvaguardar a família de uma vingança mesquinha. Ela está firme em sacrificar-se para garantir a paz de todos nós. E por isso que todos nós, sem que ela saiba, estamos procurando a melhor maneira de livrá-la, mesmo que tenhamos que sofrer represálias do Beto.

DIANA - E sofrerão, isto pode estar certa. Não conheço um homem mais vingativo do que ele. A menor coisa que lhe tenham feito, jamais ficou sem trôco. Foi isso que me assustou e fez com que eu cedesse às suas imposições. Embora eu já fosse maior de idade, era, ainda, uma criatura ingênua. Vendo as coisas que ele fazia aos outros, fiquei apavorada. Ele sentiu isto e começou a usar o nome de meu pai e de meus irmãos como refens, caso eu resistisse às suas propostas. Tal foi o pavor que me invadiu que eu fiz, naquela ocasião - em outras circunstâncias, é claro - o que Márcia está teimando em fazer agora. Hoje estou convencida que o melhor teria sido resistir. Por muito que viesse a sofrer, não sofreria tanto como ~~hoje~~ estou sofrendo hoje.

HELOISA - É, mas desgraçadamente a gente só se apercebe do erro quando não tem mais jeito de corrigi-lo. Quer um cigarro?

DIANA - Obrigada.

COREGRA - ACENDER FÓSFOROS. BAFORADA DEPOIS DA PAUSA NATURAL PARA ACENDER.

DIANA - Esta é a primeira coisa boa que me acontece, depois que me li-guei àquele sujeito. A gente às vezes não sabe o porque das coisas que nos acontecem. Você sabe que eu achei a razão do porque do meu encontro com Beto? Era a maneira de conhecer vocês. De chegar até vocês. De receber a solidariedade de vocês. De encontrar em vocês as muletas que me ajudariam a andar, depois das minhas pernas decepadas. Pena foi que isto não tivesse acontecido antes do dia fatal. (MUCHUCHO) Mas não sei se adiantaria, não. Eu estava tão embriagada de modernismo e de liberdade, tão cheia de ideias do direito de igualdade para a mulher, que fatalmente acabaria dando a mancada que dei. Se não fôsse com ele, seria com outro.

HELOISA - Você agora definiu a causa de tudo muito bem. Embriaguez de modernismo e de liberdade. Igualdade de direitos e outras bobagens semelhantes que nada resolvem e que, ao fim, nos fazem sentir uma tremenda frustração. O grande mal é teimarmos em fechar os nossos ouvidos à voz dos que possuem experiência. Como são mais velhos e viveram numa outra época em que os códigos eram mais rigorosos, não acreditamos que eles possam aceitar o meu termo, e esperamos, sempre, uma reação violenta às nossas ideias. E então nos negamos a ~~mesmamente~~ atender aos seus conselhos que consideramos, antecipadamente, arcaicos, inexpressivos, inadequáveis à época em que vivemos, quadrados, em suma. E é esse o mal; o grande mal. A experiência é sempre útil e cada vez ~~ta~~ ~~nhe~~ mais presente aquele ditado: "Não parar... não recuar... mas não precipitar."

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Doutor Hermes eu quero dizer ao senhor que, atendendo ao seu apelo, há quasi um mês venho doutrinando a Mércia para desistir da tolice que vai fazer, mas infelizmente devo confessar-lhe

que fracassasse na minha missão. Não houve argumento meu que a convencesse.

HERMES - É o diabo, Reginaldo, é o diabo!... Si ela concordasse, embarcariamos todos para uma longa viagem pela Europa, Fernando poderia ir ao nosso encontro e, passados dois anos, eu não acredito que o ódio desse rapaz não tivesse arrefecido.

REGINALDO - Não sei, doutor Hermes, não sei. E é isto, precisamente, que ela pobresinha teme. Aquele sujeito me parece do tipo de homem que traça e amamenta uma vingança durante uma vida inteira, até conseguir realizá-la.

HERMES - Reginaldo, eu também há quasi um mês que venho <sup>estudando</sup> ~~analisando~~ não propriamente uma vingança, mas uma maneira de libertar minha filha e acho que não vou poder fugir ao plano desesperado que tracei.

REGINALDO - Dona Eugênia me falou sobre ele e se o senhor me permite dar uma opinião sobre o assunto, eu devo lhe dizer que o seu plano, si concerta as coisas de um lado, desconcerta várias outras coisas de outros lados e então, no fim, vai deixar um saldo negativo. Pense bem no que estou lhe dizendo e há de ver que eu estou com a razão.

HERMES - Não há razão que um pai possa considerar, vendo a filha ameaçada de dar a sua vida, a sua mocidade, a sua felicidade, em suma, a um sujeito que ela detesta, para salvar seus irmãos e seus pais da sanha de um débil mental inconsequente. Sim Reginaldo, porque eu hoje estou convencido que aquele rapaz não passa de um enormal excitado pela beleza de uma moça que ele quer possuir a qualquer custo. Si eu o matar, tu achas que haverá algum júri que me condene? Sinceramente, não acredito. Tanto mais que, si entre os jurados, houver alguns deles que sejam pais. Eles compreenderão, mais do que ninguém, o desespero do meu gesto. Que farias tu no meu lugar, Reginaldo? Diz.

REGINALDO - Não sei. Acredito que fizesse o mesmo que o senhor está querendo fazer. (SÚBITO) Mas espere... tive uma ideia! Por que o senhor e não eu?

HERMES - Que queres dizer com isto? Não cheguei a entender bem o que pretendeste insinuar.

REGINALDO - Sim, porque o senhor é um chefe de família que não deve nem pode ser afastado da sua esposa e de seus filhos, ainda que a separação seja temporária e que o jury reconheça uma razão forte e lhe conceda, posteriormente a liberdade. É um director de um banco, o fato pode causar abalo na directoria e o senhor ser afastado do seu cargo por causa disto. Eu não tenho muito a perder. Sou um simples mordomo da casa.

HERMES - Mas há um detalhe a considerar, Reginaldo: o jury estaria disposto a proceder com você da mesma maneira que procederia comigo? Eu sou o pai que correu em defesa da filha. Isto pesa no julgamento. Você o mordomo que a viu pequena e acostumou-se a amá-la. Conovente, também, mas a essência já não é a mesma. Seria muito cômodo para mim passar-lhe a incumbência, mas os efeitos de uma mesma causa poderiam ser completamente diversos e eu não teria, por isto, o direito de aceitar o que você se propõe a fazer.

REGINALDO - Juro-lhe que, fossem quais fossem as consequências, eu me sentiria feliz se pudesse prestar-lhe este serviço, doutor Hermes.

HERMES - Eu sei perfeitamente, Reginaldo, porque conheço muito bem a tua dedicação a mim e à minha família, por isso agradeço-te do fundo de minh'alma mas não aceito o seu sacrifício. É a mim que cabe salvar minha filha e eu não terei a menor dúvida em fazê-lo, sejam quais forem as consequências que advenham do meu desesperado gesto. E agora um pedido que te faço com o maior empenho: nem uma palavra do que conversamos agora, a quem quer que seja; entendido?

REGINALDO - Pode ficar descansado, doutor Hermes. Faça questão de continuar merecendo a sua inteira e absoluta confiança. (TOM) Quer que lhe faça um café?

HERMES - Aceito sim, mas... em vez de uma, traz duas chécaras.

REGINALDO - Duas? Por que duas?

HERMES - Porque quero tomá-lo na tua companhia.

OPERADOR - CORTINA POSICIONADA

NADINHO - Carta de Fernando para você, Márcia.

MÁRCIA - (ALVOROCADA) Ah, Nadinho, obrigada. Muito obrigada. Eu estava precisamente pensando nele agora.

NADINHO - Milagre! Quando é que você não está pensando nele? Tchou.

MÁRCIA - Tchou. Obrigada, maninha.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFASTAM E SE PERDEM. RUIDO DE RASGAR ENVELOPE, TIRAR CARTA E ABRIR.

MÁRCIA - (LENDO) Minha sempre adorada Márcia. Recebi, hoje pela manhã, (AFASTANDO) sua última cartinha.

FERNANDO - (LENDO JUNTO E APROXIMANDO) ...sua última cartinha. Não sei porque, apesar das coisas todas que você me conta, senti, nas suas frases, em cada palavra, na carta toda, em suma, um gosto amargo de tristeza que você procura abafar, mas que a todo momento vem à tona, traíndo o seu grande desejo de ocultá-la. Desejo, do íntimo do meu coração, que isto seja, apenas, um momento de desânimo como tantos que eu tenho tido aqui, sózinho e tão longe de todos. Queridinha, é preciso que você seja animosa e forte para transmitir-me a força que tanto necessito para enfrentar os meus momentos amargos de solidão. Vamos pensar que as névoas negras passam e que o céu volta a ficar azul. Que lindo estará no dia em que voltarmos e nos encontrar, meu amor! Continuo trabalhando firme e ganhando um pouco mais do que o ordenado combinado, com as horas extraordinárias que tenho feito. Este mês tive uma renda extraordinária de tres mil e duzentos pêsos que já coloquei no Banco, aumentando assim o nosso pé de meia. Digo nosso porque este dinheiro é que vai servir para a nossa viagem de lua de mel e para as despesas do casamento. Diga ao Nadinho que gostaria muito que êle me escrevesse e mandasse contar em que pé está o problema dele. Tenho pensado muito e desejado, de coração, que as coisas não se compliquem. Devo voltar, dentro de poucos momentos, ao trabalho, já que vim escrever esta carta no intervalo de vinte minutos que me dão à tarde para fazer o meu lanche. Desejo que a sua que virá em resposta a este não venha tão marcada pelas lágrimas e pelo

desânimo. Você precisa ser forte por você e por mim; não se esqueça disto. É de você que me vem a coragem para viver e lutar pela conquista da nossa felicidade. (ABRACANDO-SE) Um abraço amigo a todos os seus e para você o meu beijo melhor.

MÁRCIA - (LENDO JUNTO COM FERNANDO E SE APROXIMANDO) Um abraço amigo a todos os seus e para você o meu beijo melhor. Do seu, sempre seu, Fernando. (PAUSA E TOM) Ele percebeu o meu desânimo. Será que de agora em diante, com a aproximação do dia aziago, eu vou poder parecer diferente? Deus me ajude que eu possa fazê-lo até ao fim.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Tô aqui, né Chefe? O sinhô disse que ora pra mim vim de vez em quando pra trazê nutiça, eu tô aqui pra isso.

VOZ - E que notícias é que você traz?

DOQUINHA - Bão, qué dizê... nutiça, nutiça, memo, eu num tenho. Só pra dizê os movimento que anda pur lá.

VOZ - E quais são êsses movimentos?

DOQUINHA - O home tá se perparando pra se casá-se, parece que no fim do mês. Pulo meno foi o que eu uvi êle dizê pra um ruano que de vêis em quando vai lá batê um papo e tomê café com êle. O cara num é cumpanhero, não; é cunhido dele. Êle disse enssim que intê o fim do mês êle ia passá a sê home importante, home de famia e ia tomá um rumo deferente na vida dele.

VOZ - Rumo diferente, é? Êle disse isso?

DOQUINHA - Pur Deus Nosso Sinhô que disse. Eu quero que um raio te parta em dois pedaço como é verdade. Eu tava servindo o café e tava só cumendo aqui na oreia, ó.

VOZ - Tu disseste que sabes quem é a moça? E sabes, tambem, onde ela mora?

DOQUINHA - Sei, sim sinhô, já fui lá de velssas vêis e intê já falei com ela. É pessoa de bão sentimento, o sinhô sabe?

VOZ - E ela conhece bem êle? Sabe do que êle se ocupa?

DOQUINHA - Sabe, sim sinhô. O ernão dela é cumpanhero, pur isso que ela sabe. Eu ia lá levá os recado do Beto pra ela e às vêis era ela que atindia. Os vôio, pai dela, é que num sabe.

VOZ - Escuta. É o dinheiro, tu sabes onde é que êle esconde?

DOQUINHA - Bão... (PAUSA) O dinheiro... o dinheiro eu num sei. Sei que êle tem de montão praquê uvi êle dizê uma vêiz, mas adonde que êle insconde, isso eu ainda não adiscubri. Mas deixe que mais dia, menos dia, eu adiscubro, num tem pirigo. E aí eu venho digero contá pro sinhô.

VOZ - Olha, se tu descobrires o dinheiro e conseguires botar a mão nele, a metade do que está lá vai ficar pra ti.

DOQUINHA - Oba!... Aí eu saio da maloca e compro uma casa dereita pra eu morá. Aí eu vou alugá duas nêga pra cusinhá pra mim e arrumá a minha casa. Só vô andá de artomove que nem as gromfina anda. Éi Doquinha!... As otras nêga vai ficá com uma inveja que Deus me livre!

VOZ - Pois é, trata de descobrir onde está o dinheiro e vem me dizer. Deixa o resto por minha conta. Outra coisa: o dia do casamento e a igreja, eu quero saber direitinho, ouviste bem?

DOQUINHA - Uvi, sim sinhô. Eu vou sabê. Num peçciso nem priguntá pre êle. Prigunto pre ela dereto. Ela me diz, ela é nunto boasinha. O sinhô sabe que ela inté tinha falado que ia me arrumá um serviço pr, mim trabalhá? Agora, di certo, êle num vai deixá. O Beto num presta, o sinhô sabe? Êle atraí inté as pessoa que tão ajudando êle. Tá se rindo pra elas na frente e tá cravando o punhá nelas pelas coste. É juda, aquilo é juda. Num vê cumigo o que êle fêiz? Si eu num venho aqui me defendê, hoje eu tava no ôio da rua, sem trabais e sem tê o que cumê. É que eu num sô boba, não e sei me defendê.

VOZ - Bom, vai embora agora e trata de descobrir o que eu te recomen-dei. Quando souberes do dinheiro e do dia do casamento, vem.

DOQUINHA - Sim, sinhô pode deixá. Acho que inté o fim da semana eu já tô de novo aqui otra veiz. Vô tratá de adiscubri o que o sinhô qué o mais digero pussive e dispois o sinhô já sabe! eu tô aí memo pre lhe ajudá, se o sinhô peçcisá de mim. Tá bão então eu vô indo que eu peçciso chegá em casa mais ante dele.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

- EUGÊNIA - Meu filho, eu tenho notado que você anda esbaixado, pensativo, aéreo. A gente fala com você, você parece que está ausente, não ouve o que a gente diz... Que se passa? Diga. Conte pra mãe.
- NADINHO - Não sei, mãe, eu realmente não ando lá muito bem dentro da moldura. Parece que tem alguma coisa que tá me incomodando, mas dizê que é isso ou aquilo eu não posso, porque não tenho certeza. Ando sem apetite... com falta de sono...
- EUGÊNIA - Você quer que eu peça ao doutor Barros para vir aqui examiná-lo? Você talvez esteja um pouco exgotado dos nervos. Foi tanta coisa... tanta complicação... tanto aborrecimento...
- NADINHO - Não, mãe, isso não. Eu penso, até, que isso já passou. Já me acostumei a não sair de casa, não sinto falta nenhuma de andar na rua e para falar a verdade tudo que aconteceu já não me tira mais o sono. A senhora sabe quando foi que eu comecei a ficar assim? Desde aquela noite que a Diana veio jantar aqui em casa.
- EUGÊNIA - A Diana? Mas por que, meu filho?
- NADINHO - Sei lá, mãe... Só sei que fiquei com uma pena dela que de noite queria dormir e não conseguia. A toa a hora eu tinha a imagem dela na frente dos meus olhos com aquele sorriso triste que deixava a gente ainda mais triste. Depois, a muito custo dormi mas foi pra sonhar com ela, embebelando o filho nos braços e chorando. Acordei tão cansado... tão emocionado... e fui até de madrugada sem poder voltar a dormir. Acho que dormi, de manhã, debruçado pelo cansaço. E daí pra cá, sempre a imagem de Diana à frente dos meus olhos, sofrendo e me fazendo sofrer.
- EUGÊNIA - Será, meu filho, que você está gostando dessa moça? Uma impressão assim tão funda, só pode acontecer quando a moça toca o coração do rapaz. Examine bem e veja se você não está gostando dela? Ou se tudo isto é apenas consequência do pesar que lhe causou o infatúnio de Diana.
- NADINHO - Não sei, mãe. Para ser muito franco eu tô sem sabê a verdade, entende? Só o que sei é que não consigo desprender meu pensamento da figura dela. Mas também eu não tô pensando em abraçá, beijá, nada disso. E quando a gente gosta a gente pensa; não é?

EUGÊNIA - É, a gente pensa, sim. Vamos ver, então, vamos observar. A mãe ajuda você e se de fato ficar constatado que você está sentindo amor por ela, vamos procurar aproximar vocês maior número de vezes. Quem sabe se um encontro definitivo não vai ser benéfico para os dois?

NADINHO - E a senhora aprovaria? Acha que papai também não seria contra?

EUGÊNIA - Meu filho, se isto acontecesse antes, quando vocês ainda não tinham tomado o caminho errado que tomarem na vida, talvez nós não concordássemos. Talvez nós desejássemos para vocês - você e sua irmã - uma moça e um rapaz que estivessem bem à altura de posição e de representação de seu pai, com o mesmo nível social, a mesma educação, a mesma estrutura de família, e etc., etc. Hoje é diferente. Hoje qualquer moça ou rapaz que possa levá-los para um outro caminho, diferente daquele que vocês escolheram, só pode ter a nossa total aprovação. Queremos vocês longe de tudo aquilo e mais do que tudo, felizes dentro dos seus próprios lares. Portanto, meu filho, você pode ter certeza de que tanto eu como seu pai aprovaremos o seu amor por Diana.

NADINHO - Obrigado, mãe. Seja como for, a senhora já me ajudou.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Ela falou alguma coisa a você sobre o dia que pretende casar-se?

HELOISA - Não, papai, não falou. Até agora Márcia não adiantou uma só palavra a respeito do seu casamento. Únicamente se limita a dizer que não poderá faltar à sua palavra, mas fora disto não se conseguiu arrancar qualquer palavra que nos pudesse elucidar a respeito.

HERMES - É que ela sente que vocês vão fazer tudo que puderem para evitar essa desastrosa união e então para que as complicações se limitem às já existentes ela se fecha num silêncio total. Mas uma coisa eu vou garantir a você minha filha.

HELOISA - O que, papai?

HERMES - Que esse casamento só se realizará se ele conseguir iludir-nos, do contrário ele será interrompido até na igreja, se for necessário. E você, minha filha, que resolveu a propósito do seu casamento?

HELOISA - Papai, em princípio eu já acertei meu casamento para breve, mas a verdade é que não desejo realizá-lo antes que a paz tenha voltado definitivamente à nossa casa.

HERMES - Entendo, minha filha. Entendo e louvo a sua atitude. Isto prova que você não pensa apenas em você, mas igualmente em todos os seus. E eu gostaria também que essa pesada névoa cor de chumbo que tolda a paz do nosso lar tivesse passado para que pudéssemos fazer uma festa que traduzisse, em verdade, a nossa grande alegria pelo seu enlace.

HELOISA - Não, papai, grande festa eu não quero. Quero apenas uma cerimônia simples com a presença exclusiva da família e dos amigos mais íntimos. Creia que isto me satisfará muito mais.

HERMES - Está bem, minha filha. Há de ser como você quiser.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Márcia eu hoje não saio daqui sem que você marque a data do nosso casamento; entendido? Não aceito mais protelações.

MÁRCIA - Está bem, Beto. Você sairá hoje daqui com a data marcada de acordo com o que eu vou lhe pedir.

BETO - O que é? Peça.

MÁRCIA - Eu quero que você me traga uma carta onde decrete que Fernando fez o que fez contra a própria vontade e coagido pela organização a que pertencia e até onde foi levado pela sua inexperiência e ingenuidade. Que ele não passou de um inocente útil nas garras dos senhores da organização.

BETO - E quem você quer que assine essa carta? Eu? Mas isso vale por uma confissão que pode me comprometer.

MÁRCIA - Não me interessa, Beto. Arranje quem assine a carta, traga e na mesma hora eu marcarei o dia do nosso casamento.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - ENCERRA COM AS PALAVRAS DE PRAXE.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL, BOBE, CAI E SOME. ENCERRAMENTO.

.....

- Novela de ERICO CRAMER -

EP07

53

53º CAPÍTULO

PERSONAGEM Suzinha  
Luza

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo segundo capítulo desta novela, deixamos Beto e Márcia, no jardim da casa desta, à noite, em mais um dos seus encontros escondidos, já que o doutor Hermes havia proibido a presença do rapaz em sua casa. Fa-  
levam os dois sobre o casamento apressado entre eles e que Márcia, a cada encontro acontecido, tentava em protelar. E o diálogo foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

09.11.  
2011

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BALKA E SOME

BETO - Não aceito mais protelações.

MÁRCIA - Está bem, Beto. Você hoje sairá daqui com a data marcada, de-  
de que concorde com o que eu vou lhe pedir.

BETO - O que é? Peça.

MÁRCIA - Eu quero que você me traga uma carta, onde declare que Fer-  
nando fez o que fez contra a própria vontade e coagido pela  
organização a que pertencía e até onde foi levado pela sua  
inexperiência e ingenuidade. Que ele não passou de um inocen-  
te útil nas garras dos senhores da organização.

BETO - E quem que você quer que assine essa carta? Eu? Mas isso va-  
le por uma confissão que pode me comprometer.

MÁRCIA - Não me interessa, Beto. Aranje quem assine a carta, traga e,  
na mesma hora, eu marcarei o dia do nosso casamento.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL

BETO - Márcia, pense bem no que você está me pedindo. Com um docu-  
mento dessa natureza, você pode libertar Fernando e me botar  
~~XX~~  
na cadeia. E afinal você tem um compromisso anterior comigo  
que ainda não cumpriu. Está fugindo dele agora?

MÁRCIA - Não. Eu não estou fugindo e vou cumpri-lo. Aconteça, simples-  
mente, que quando assinar o compromisso com você, eu não estipu-  
lei o prazo para o casamento, portanto posso casar amanhã, se

\* quizer, ou daqui a um ano, ou dois anos e não estarei em falta. Você é que deseja apressar o casamento, dando-me prazos tão exíguos que não me permitem nem mesmo fazer o essencial do enxoval de uma noiva. Pois bem, a maneira que você terá de me fazer concordar com a sua pressa, será dando-me a carta que lhe pedi. Estude a minha proposta, veja si ela é conveniente para você e na sua próxima vinda, daqui a dois dias, comunique-me o que resolveu. Certo?

BETO - Márcia, sabe ~~qual~~ qual é a impressão que você está me dando com essa exigência? Que você está querendo fazer chantagem comigo.

MÁRCIA - Chantagem?! Oh, Beto, francamente! Como é que você pode pensar semelhante coisa de mim? Eu simplesmente quero assegurar a Fernando o direito de poder voltar, de conviver novamente com os seus e não ficar lá fora, sózinho, sofrendo a tremenda desilusão da única pessoa em quem ele confiou. Aqui, rodeado da família, dos amigos, dos patrícios, vivendo no seu meio, com gente sua, a desilusão e o desencanto, por muito fundo que o firam, serão mais fáceis de combater, ou de suportar. É só por isso que lhe peço um documento que o inocente, assinado por um chefe do movimento, conhecido da polícia e com o carimbo da organização.

BETO - O que eu acho estranho é que você prefira pedir essa prova pra ele, em vez de pedir pra Nedinho que é seu irmão e que corre o mesmo risco.

MÁRCIA - A situação de Nedinho é muito mais fácil de ser comprovada e ele tem a todos nós para ampará-lo, se for preciso. Fernando está completamente sózinho, sem uma só pessoa que se interesse por ele e procure ajudá-lo. Eu não tenho coragem de o deixar assim, entendó?

BETO - Entendo é que você já deveria ter se esquecido desse cara há muito tempo.

MÁRCIA - Eu pedi a você um prazo para esquecê-lo e esse prazo, ao que me parece, não foi de dois meses, nem três. Está bem lembrado que tempo foi?

BETO - Não interessa.

MÁRCIA - Como não interessa? Pode não interessar a você, mas a mim me interessa e muito. Eu prometi me esforçar para gostar de você. A condição principal para isto será esquecer, antes, o amor primeiro. Sem isto, seria inútil todo o meu esforço, portanto, deveria interessar a você também, Beto. A não ser que você não esteja interessado que eu goste, mas simplesmente que me case com você, mesmo sem gostar.

BETO - Não, não... eu, naturalmente, desejo que você goste de mim.

MÁRCIA - Não entendo. Deseja que eu goste e se nega a me dar tempo para esquecer o passado e me habituar ao que acontecerá?

BETO - É simples. É que eu tenho certeza que depois de casado conquistarei você mais facilmente com a minha dedicação. É por isto que insisto em abreviar o casamento.

MÁRCIA - É um ponto de vista que eu sou obrigado a aceitar, mas agora está tudo nas suas mãos, Beto. Traga-me a carta que lhe pedi e eu, na mesma hora, mercarei com você a data do casamento.

BETO - Não é fácil o que você me pede; nada fácil, mas eu não sou daqueles homens que desistem das tarefas só por parecerem difíceis à primeira vista. Vou tentar, vou trabalhar e vou me esforçar para conseguir o que você pretende. Preciso, antes de tudo, estudar uma maneira de cozinhar o chefe no bafó e o chefe não é fácil de se deixar cozinhar. Possui uma argúcia e uma inteligência que muito poucas pessoas possuem e um homem assim dificilmente embarca em canôas furadas. Vai ser precisa uma habilidade que eu não sei se conseguirei ter. Mas como já disse a você... eu vou tentar.

MÁRCIA - Se você conseguir, como eu já disse, poderemos casar dentro de dez ou quinze dias, no máximo; se não conseguir, não fale em marcar casamento antes de um ano ou ano e meio.

BETO - Não, não, Márcia, não... é muito tempo. Eu vou conseguir, sim. Tenho que conseguir. Não resistirei a uma espera tão longa.

MÁRCIA - Muito bem, então vamos aguardar os acontecimentos. E agora, se me permite, eu vou entrar. Está com frio, a noite está muito húmida e eu receio apertar um resfriado. Boa noite, Beto.

BEITO - Boa noite, Márcia. Eu já vou sair daqui pensando no que devo fazer. Ou melhor, eu já estou pensando no que preciso fazer.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DIANA - Você nem pode imaginar, Heloisa, a significação que está tendo para a minha vida a amizade de vocês. Passei a semana inteira esperando, ansiosa, pelo dia de hoje, para voltar a me reunir com vocês. Parecia uma colegial que não gosta de estudar, esperando o primeiro dia de férias. Sabe que fui até ao cabeleireiro arrumar meu cabelo para vir? Coisa que eu já não fazia há mais de um ano.

HELOISA - Pois é, mas que você precise continuar a fazer porque o seu aspecto hoje está infinitamente melhor que o da semana passada. Não vou exagerar se disser que você nem parece a mesma.

DIANA - De fato, eu mesma me senti melhor. Isto revela que a amizade de vocês me fez sentir um novo interesse pela vida. E tanto isto é verdade, que na hora em que fui me vestir para vir pra cá, achei o meu vestido tremendamente demodê e lamentei não possuir outro mais à altura ~~da altura~~ de vocês. E pensei comigo: amanhã vou procurar uns vestidos para comprar. Não posso continuar indo assim desse jeito à casa de pessoas como eles são.

HELOISA - Não, poder você pode, mas é bom que tenha pensado assim, porque prova que você já não está, como antes, despreocupada de impressão que poderá causar. Eu só quero ver a cara do Nadinho hoje.

DIANA - Por que?

HELOISA - Porque si ele ficou tão impressionado com você antes, quando o seu aspecto era todo desolação e tristeza, vendo-a hoje, assim pintada, com os cabelos arrumados e esse ar de animação na fisionomia, é capaz até de se apaixonar por você.

DIANA - Qual o que, Heloisa, eu lá sou gente de apaixonar alguém? Uma criatura apagada, sem maior inteligência, sem nenhum fulgor... uma criatura naturalmente triste, desanimada, lá pode ser capaz de apaixonar alguém?

HELOISA - E si eu lhe disser que Nadinho está profundamente impressionado com você, mesmo apagada, mesmo sem fulgor, mesmo com todos os dia

feitos que você fez questão de reunir para a sua personalidade?

DIANA - Eu diria que seu irmão é um menino de coração admirável e que simplesmente por bondade mostrou interesse não por mim, mas pelos meus problemas que ele conhece e que acreditou que a sua solidariedade poderia ajudar a resolver.

HELOISA - Não, não, nada disto. Conversamos os dois longamente sobre você e, ao fim da noite, ele próprio se mostrou convencido de que o seu interesse por você ~~era~~ <sup>estava além do</sup> natural e - por que não dizer? - era quasi alarmante.

DIANA - Nadinho se deixou influir pela minha situação, pode estar certa. Não posso acreditar que por mim mesma ele pudesse se interessar tanto, ao ponto de acreditar que estivesse apaixonado. Enfim... como esta vida é tão cheia de coisas contraditórias, e tudo pode acontecer debaixo do ~~meu~~ céu que nos cobre...

HELOISA - Contraditórias por que? Você acha que não poderia vir a gostar de Nadinho, um dia?

DIANA - Eu? Poderia, sim, por que não? Ele é um rapaz simpático, muito bem posto, um rapaz de família de projeção... ~~mas~~ não só eu, mas qualquer garota que passasse a conviver com ele, poderia. A contradição que eu digo e encontro é que havendo tantas meninas interessantes, bonitas, graciosas e com tantos outros predicados, ele viesse a se interessar justamente por mim que não tenho absolutamente nada para oferecer-lhe.

HELOISA - Bem, mas você precisa considerar, Diana, que os gostos variam. O que para uns é o máximo, para outros nem chega a ser o mínimo. Portanto é como sempre se disse: questão de gosto não se discute.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Hermes - O que foi que você conseguiu apurar, Reginaldo?

REGINALDO - Por enquanto, nada. Ele parece que sentiu que todos nós, nesta casa, nos juntamos para fazer frente à sua ideia de sacrificar-se nesse casamento absurdo e então resolveu precaver-se, com receio de que procuremos impedi-la.

HERMES - E não haverá um meio de arrancar-se, por intermédio dele, a data exata desse sacrifício? Nós precisamos saber isto de qualquer maneira.

REGINALDO - Não sei se por intermédio dele poderemos apurar alguma coisa. Sinceramente não acredito. Talvez Nadinho conseguisse, não sei... Mas de qualquer maneira, eu não acredito que Márcia chegue ao extremo de casar-se sem avisar ao senhor. Acredito que o faça talvez na véspera, ou até mesmo na hora, mas que deixe de o fazer, não acredito.

HERMES - Si eu pudesse ter certeza disto, não estaria tão preocupado, mas as coisas que tem acontecido e das quais só muito depois vim a tomar conhecimento, me levam a crer, ou melhor, a temer que só depois do fato consumado é que âle chegue até mim.

REGINALDO - Bem, mas a verdade é que os fatos que foram escondidos de vocês, não tinham, sem dúvida alguma, a importância que terá o casamento, então eu quero crer que num fato assim, de tanta relevância, Márcia não vá esconder do senhor. Ao contrário, acho que ela vai comunicar ao senhor, pelo menos na véspera. Isto, naturalmente, se não acontecer alguma coisa, antes, que impeça a realização dessa loucura.

HERMES - É exatamente para que aconteça essa coisa que eu preciso saber com certa antecedência. Não precisa ser muita, não. Uma hora ou duas já é suficiente.

REGINALDO - Isto quer dizer que o senhor permanece firme no seu propósito inicial? Insiste em não querer passar para mim o que está pensando fazer? Se imaginasse com que prazer eu o farias, não teria dúvidas em ceder-me o seu lugar.

HERMES - É a mim que cabe a obrigação de zelar e defender minha filha. E se chegar ao extremo de meter por sua defesa, não haverá juiz que me condene. Ao passo que você é diferente.

REGINALDO - O senhor já me disse isto, mas eu lhe afirmo que não teria medo de enfrentar um jury por êsse crime.

HERMES - Acredito, Reginaldo. Pela sua dedicação a todos os meus filhos, acredito, mas eu não lhe cederei os meus direitos, neste caso. E vou pedir, aqui, que você me faça um juramento sagrado.

REGINALDO - Juramento? Que juramento o senhor quer que eu faça?

HERMES - Que não deixará de me avisar seja o que for que você venha a descobrir sobre êste caso. Jura?

REGINALDO - Mas por que haveria eu de esconder qualquer coisa do senhor?

HERMES - Por que? Eu sei porque. Vamos, jure que não me esconderá nada.

REGINALDO - Bem, se o senhor exige... eu juro.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM MÚSICA MODERNA, MALUCA QUE FICA EM BG.

DOQUINHA - Que será que deu no seu Beto hoje, que êle passô a tarde interinha escrevendo papé e rasgando, iscrevendo papé e rasgando, iscrevendo papé e rasgando! Tá uma muntuera de papé rasgado lá que num tem tamanho/e o marçado inda acuntinua a iscrevê e rasga! Eu tô em dizê que êle qué iscrevê uma coisa e num acerta.

BETO - (AFASTADO, GRITANDO) Doquinha, chega aqui que eu quero te mostrá uma coisa, vem.

DOQUINHA - Hum... que será que tá pre acuntacê! Nunca mais êle falou dorei to comigo, hoje tá me chamando pre me amostrá uma coisa?

BETO - (AFASTADO, GRITANDO) Doquinha, vem cá Doquinha, tu não tá ovindo eu te chamá?

DOQUINHA - (PROJETANDO) Tô ovindo, sim, seu Beto! Qué fazê o favô de inspra rá um micado? Num é sempre que as pessoa chama a gente que a gente pode i digero! As vêiz a pessoa tá acupede e num pode i do jeito que tá, num é? (PARA SI MESMA) (Tava acostumado a gritá e eu sei vundo, agora ele vai tá que gramá na espera que quem num vai corrê mais sô eu!

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA, SEMPRE À MESMA ALTURA DO MICROFONE, DEPOIS DE UM CERTO TEMPO, PARA.

DOQUINHA - Pronto, seu Beto, tô aqui. O que é que o sinhô qué?

BETO - Eu queria te mostrá estes dois papéis e te perguntá se tu acha que foi a mam pessoa que escreveu estes nomes.

DOQUINHA - Num intindi a prigunte! Será que o sinhô pode arrepeti ela otra vêiz de novo?

BETO - Estás vendo esta assinatura nêste papel aqui, não estás?

DOQUINHA - Tô, sim sinhô! É uma letra safada, vôte!

BETO - Agora eu te mostro êste outro papel com uma assinatura igual. Repare bem nas duas e vê se notas alguma diferença entre uma e outra?

DOQUINHA - (DEPOIS DE PAUSA) Deferença, o sinhô qué sabê? (PAUSA) Óia seu Beto eu vê lo dizê que num vejo deferença nenhuma.

BETO - Tu achas que foi a mesma pessoa que fez as duas assinaturas?

DOQUINHA - Acho que deve de tê sido pra tê anssim tão inguáli.

BETO - Pois não foi. Esta foi o dono da assinatura mesmo que fez. E esta fui eu. Tê perfeita, não tá?

DOQUINHA - Nossa! Inté a pessoa memo é capáiz de oiá e dizê que foi ela.

BETO - Doquinha, eu vou te dizê uma coisa que eu acho que tu não sabes: o amor é capaz de fazê milagre.

DOQUINHA - Ora, seu Beto, que grande coisa que tu me disse! Quem é que não sabe disso?

BETO - Faz até um cara como eu virá desenhista. Esse papel que tu tá vendo aqui, vai resolvê a minha vida amanhã mesmo. Tu tá com cara de quem não entendeu o que eu disse, Doquinha.

DOQUINHA - Enté e não intindi memo! Fala dum jeito que inté parece telegrama chifrado e qué que a gente intênda? Num pode.

BETO - Pois é, mas o negócio é pra não entendê mesmo. Deixa assim como tá que é pra vê como fica.

DOQUINHA - Nossa! Óia a xugera que êsse home fêiz! Agora eu vô tê que ajun tá toda essa muntuêra de papé e botá no disco.

BETO - Botá no cisco, não. Esse papel todo, tu leva lá pra o páteo e ta ca fogo nele.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Como eu fui informada de que Heloisa deve casar até o fim do êno, vim oferecer para você êstes lençóis americanos que têm a grande vantágem de não precisar passar a ferro. Lava-se, estende-se e pronto. Secou, está em ordem para usar outra vez.

EUGÊNIA - Eu sei, eu conheço. Uma amiga minha comprou para o enxoval da filha e me mostrou. É você mesm que recebe, Dinah?

DINAH - Não, não, é uma vizinha minha. Eu sou, apenas, revendedora. Ve ja êste com cravos amarelos e ramos de glicínias roxas. É lindissimo; não lhe parece?

EUGÊNIA - Realmente. É lindissimo, mas eu não gosto de roxo para noiva. Sou capaz de ficar com êle pra mim. Para Heloisa gosto mais deste aqui com rosas ou então aquele outro em fundo gêlo decp rado com miguês. A questão é que o gôsto de Heloisa é tão di

ferente do meu que ela é capaz de gostar exatamente dos que eu não gosto.

DINAH - Mas Eugênia, você não precisa me dar a resposta agora. Eu posso deixar os lençóis aí, você mostra pra ela e resolve amanhã.

EUGÊNIA - Você não vai precisar deles amanhã até mais ou menos às duas horas da tarde?

DINAH - Acredito que não e se aparecer alguém querendo comprá-los eu vou buscar. Não moramos tão longe uma da outra.

EUGÊNIA - Bem, então se você não se importa de deixar, eu prefiro. Costaria, também, que a Márcia visse. Talvez ela se interessasse por algum.

DINAH - E por falar na Márcia, Eugênia, você me desculpe uma pergunta indiscreta que eu vou lhe fazer: é verdade que ela também está noiva?

EUGÊNIA - Noiva?! Não, absolutamente. Eu não duvido que ela tenha namorado, mas daí a dizer-se que está noiva vai, uma diferença muito grande. Quem é que lhe disse isto?

DINAH - Eu não quero mentir, mas parece que quem me falou neste assunto foi a Lindaura.

EUGÊNIA - Logo vi. Eu adoro a Lindaura, mas cá pra nós... é a rainha da fofoca; não é mesmo?

DINAH - Bem... a Lindaura gosta, realmente, de comentar as coisas que sabe ou que vê, mas inventar ela não inventa.

EUGÊNIA - Mas eu não estou dizendo que ela inventa. Estou dizendo que ela gosta de comentar, tal como você disse. Mas voltando aos lençóis, você deixa aqui estes cinco e amanhã você pode passar aqui, à tarde, para saber a resposta. E o preço? Você ainda não me disse o preço.

DINAH - Bem, primeiro vamos ver com quantos você vai ficar. Se ficar com todos, gozará de um bom desconto, se ficar com três, terá desconto também, mas já menor e assim sucessivamente. E agora você vai me dar licença que eu tenho que passar, antes das seis, no escritório do marido de uma fregueza para receber um dinheiro que ele me prometeu para hoje. Até amanhã, então, Eugênia e obrigada, sim?

EUGÊNIA - Óra essa! Obrigada por que? Eu que lhe agradeço, Dinah.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Eu convidei você para virmos aqui até ao jardim, para podermos conversar mais à vontade. Não sei se você daria preferência a ficar lá com todos...

DIANA - Acho todos os seus criaturas extraordinárias, Nadinho, mas se você sente necessidade de ficar a sós comigo, porque deseje dizer-me alguma coisa, eu não faço nenhuma objeção.

NADINHO - Sabe o que é? Eu... eu não tenho muito jeito pra falar de certas coisas... Não fui habituado, entende? Então... tenho vontade de dizer as coisas e as palavras me fôgem. Diante dos outros, eu talvez não chegasse a dizer nem metade do que pretendo.

DIANA - Eu sei. Eu entendo perfeitamente. Mas procure ter calma, dizer tudo que você quer dizer para eu poder também dizer a você tudo que eu acho.

NADINHO - Sabe o que acontece, Diana? É que eu fiquei muito impressionado com você, entende?

DIANA - Comigo, ou com o drama que eu estou vivendo? É preciso não confundir uma coisa com a outra.

NADINHO - Não, não, eu acho que é com você mesma. Eu nunca fui muito dado a esse negócio de namoros e de garotas... A mulher, pra mim, só tinha uma função que era a de mulher, propriamente dita e eu nunca perdi uma hora que fosse, das minhas noites, pensando nesta ou naquela garota, por muito bacana que ela pudesse ser. De repente, não sei porque cargas d'agua, desandei a pensar em você, a ver você nos meus sonhos e a querer resolver todos os seus problemas, como se você fosse uma pessoa minha, muito minha a quem eu não desejasse ver metida em complicações. E não sei, também, porque cargas d'agua, comecei a ficar pensativo e triste. Minha mãe percebeu a jogada e me falou. Contei-lhe o que vinha sentindo e ela chegou à conclusão de que eu estava me apaixonando por você.

DIANA - Diga-me uma coisa que eu vou lhe perguntar: admitindo que você estivesse realmente apaixonado por mim e que eu retribuísse o seu

amor, como você acha que seu pai e sua mãe olhariam a nossa aproximação?

NADINHO - Meu pai não sei, porque ainda não conversei com ele sobre o assunto, mas minha mãe já me manifestou a sua satisfação. Acha voce uma garota formidável e quanto ao que aconteceu com você ela diz que não leva em conta porque você foi, simplesmente, uma vitima do abandono em que a deixaram.

DIANA - Você está vendo por que eu não me canço de dizer que a sua turma é admirável? Somente uma pessoa com profunda compreensão das coisas da vida, poderia manifestar-se desse modo a meu respeito. Isso é tão significativo para mim, Nadinho... tão importante... que eu chego a me sentir outra vez gente, capaz de angariar estima e merecer consideração.

NADINHO - Que bom que você sinta isto e justamente inspirado pela minha gente. E para mim, particularmente, o que é que você tem a dizer?

DIANA - Em princípio, que fico muito lisonjeada por sentir o seu interesse e que espero poder retribuir, em breve, o afeto especial que você me dedica.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

DOQUINHA - Bão, eu num sei se é importante o que eu vim aqui lhe contar, mas como foi o sinhô memo que disse que querque coisa deferente eu viesse logo e lhe dissesse / o caso é esse: ele passô a tarde interinha escrevendo esse nome num papé e rasgando e butando fora! M eu ajuntei um que ele num chegô e rasgô todo e trouxe ele pra mostrá pro sinhô! Tá aqui, ó.

C/REGRA - RUIDO DE DESAMASSAR PAPEL.

VOZ - Ah, cachorro! A minha assinatura. Pra que? Não sabes?

DOQUINHA - Num sei! Só sei que depois que ele me priguntô se tava direita e iscrita dele comparada ca outra, ele me disse anssim! Doquinha, eu vô te dizê uma coisa que tu num sabe! O amo é capaz de fazê milagre.

VOZ - É, mas uma coisa que ele <sup>fam buma</sup> não sabe ele vai ficar sabendo: que o amor também é capaz de perder muita gente.

OPERADOR - EXPLOSTÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- NOVELA DE ERICO CRAMER -

51º CAPÍTULO

PERSONAGEM: *Diana*  
 INTERPRETE: *Elizabeth*

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo terceiro capítulo desta novela, deixamos Doquinha em conversa com o Chefe, no esconderijo de gente, contando-lhe os movimentos todos praticados por Beto durante a semana, exigência que o Chefe fizera à pretinha, na última vez em que ele fora procurá-lo. E a interrupção do capítulo aconteceu, mais ou menos, a esta altura do diálogo entre eles:

10. 11.  
20 11

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

DOQUINHA - Bão, eu num sei se é importante o que eu vim aqui lhe contá, mas como foi o sinhô memo que disse que qualquer cousa deferente eu viesse logo e lhe dissesse, o caso é esse: ela passô a tarde interinha escrevendo esse nome num papé e resgando e buntando fora. Ai eu ajuntei um que ele num chegô a resgá todo e truxe ele pra mostra pro sinhô. Tá aqui, ó.

C/REGRA - RUIDO DE DESAMASSAR PAPEL.

VOZ - Ah, cachorro! A minha assinatura! Pra que? Não sabes?

DOQUINHA - Num sei. Só sei que depois que ele me priguntô se tavava direita a iscrita dele cumpurada ce outro, ele me disse anssim: Doquinha, eu vô te dizê uma coisa que tu num sabe. O amor é ca paiz de fazê milagre.

VOZ - É, mas uma coisa que ele tambem não sabe, ele vai ficar sabendo: que o amor tambem é capaz de perder muita gente.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR

DOQUINHA - Isso aí foi bão eu dizê pro sinhô, ou foi mancada minha, chefe?

VOZ - Não, não, foi bom. Foi muito bom, até. Tú precisas, agora, é de descobrir onde é que ele vai usar a minha assinatura. Porque isto aqui é a minha assinatura que ele aprendeu a falsificar, entendes?

DOQUINHA - Nossa!... O seu Beto num é desse mundo! Será que ó pra mexê no dinheiro do sinhô?

VOZ - Não. No dinheiro, ele não pode mexer porque ele não sabe onde é que está.

DOQUINHA - Então pra que será que o danado fez isso?

VOZ - É o que você tem que descobrir e vir aqui me dizer. Entendeu bem?

DOQUINHA - Intindi, sim sinhô, mas o caso é que eu num sei como é que eu vou pudê adiscubri. Seu Beto num é fôrci de enganô, anssim no mais, não. Si eu priguntá pra êle, êle num vai me dizê que êle num é trouxa. Vô tê que ficá ispiando êle e butando sinti do nas coisa que êle fáiz.

VOZ - Exato. Fazendo isto, você vai acabar descobrinô.

DOQUINHA - É, num vai sê fôrci mas eu tenho que adiscubri.

VOZ - E veja se descobre, também, a respeito do dinheiro; não se esqueça. Isso é muito importante.

DOQUINHA - Eu sei que é. Inde mais que o sinhô me prometeu que eu fico ca metade em e eu já tô contendo com ele. Já tô inté oiando as na ge que eu cunheço, pra iscoiê uma ou duas delas pra me servi. Já sei que vou me incomodê um mucado, praquê num é por tá na por ca de minha cara, mas eu vô dizê uma coisa pra sinhô: empregada dá um trebeio danado pras patrôs. Si dá. Em todo caso, sempre é miô tê elas do que fazê o serviço. Conforme fô as coisa, eu sou inté capelz de butê três empregada. Uma cusinhere, uma ex rumadera e uma mocama só pra me visti.

VOZ - Doquinho, acorde. Deixa pra sonhar de noite, quando estiveres dormindo. E vai embora que eu tenho que sair.

DOQUINHA - Sim sinhô, Chefe, eu vô agora memo e anssim que tivê nuvidade eu venho otre vez de novo pra contá. Tchau, Chefe.

VOZ - Tchau.

G/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA SE AFASTANDO. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SE- GUNDO PLANO.

VOZ - Esta negrinha me prestou um serviço. É viva este danada! Mas a- quele cachorro vai me pagá bom cara esta traição. Oh, se vai!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

HERMES - Você acredite que Nadinho esteja sinceramente impressionado por essa noçe que tem vindo jentar aqui em casa?

EUGÊNIA - Acredito porque êle próprio me falou sôbre ela. E não é o fato

do ter falado, é a maneira como falou. Ele está tão impressionado que só a ideia de que Diana possa recusar o seu amor, está sendo motivo de tortura para o seu coração. Eu notei Nedinho triste, preocupado, com falta de apetite - coisa rara nele - e sobretudo muito sério nas respostas que dava, quando se perguntava qualquer coisa a ele. Resolvi saber o motivo daquilo tudo e fui conversar com ele. No princípio ele se esquivou às minhas respostas, mas eu fui chegando de mansinho, forçando daqui... forçando dali... e finalmente arranquei-lhe a confissão.

HERMES - E você acha bom que ele sinta essa impressão, ou - digamos - esse amor, por uma moça que deve ser mais velha do que ele, uma moça desencantada com a vida e com os homens, uma moça que, inclusive, foi mal sucedida na sua primeira experiência amorosa?

EUGÊNIA - Acho, Hermes e vou lhe dizer porque: Nedinho não é um rapaz que se determine sozinho. Ele precisa, sempre, de alguém, ao seu lado, para lhe dizer "faça isto, ou aquilo", faça deste jeito, ou daquele, ~~então~~ faça agora, ou não faça". Nedinho é um rapaz muito pouco interessado em garotas e é um rapaz que nunca soube escolher muito bem as suas companhias.

HERMES - Nada bom. Suas companhias sempre foram as piores possíveis.

EUGÊNIA - Pois bem, Diana é uma moça que me parece ser muito segura daquilo ~~que~~ quer e daquilo que faz.

HERMES - Não é essa a minha impressão. Veja o que lhe aconteceu.

EUGÊNIA - Mas eu acho que ela adquiriu essa segurança, precisamente pelo que lhe aconteceu. A meu ver, serviu-lhe a lição, entende? Ela hoje é uma garota completamente desiludida dos homens do quilate desse que a perdeu, e de todos os que, como ele, se dedicam a atividades, excusas. Ora, uma mulher como ela, serviria muito ao nosso filho porque, antes de tudo, o conservaria sempre afastado dos elementos perniciosos que poderiam prejudicá-lo. Sofrida e descrente, encontrando um rapaz que a amasse com sinceridade, se daria inteira a ele, procurando compensá-lo pelo bem que dele recebeu. Amadurecida por forças de vicissitudes, ela teria o ~~maior~~ cuidado especial de escolher muito bem o caminho por onde deve-

ria lava-lo. Não seria, por tudo <sup>isto</sup> uma garantia para êle?

HERMES - É, talvez... mas não são essas as únicas coisas a considerar-se. É preciso saber-se a família da menina, o temperamento, os hábitos, si não há choque entre os gênios de ambos... uma série de pequenas coisas que isoladas não representam muito, mas que no conjunto formam um todo importantissimo.

EUGÊNIA - Hermes, você ainda está usando os moldes dos casamentos antigos. Hoje em dia ninguém mais considera coisa nenhuma. O rapaz gosta da moça, a moça gosta do rapaz, tudo o mais fica de lado e êles vão em frente.

HERMES - Pois é, mas é exatamente por isto que existem tantos casais desajustados por si. Porque foram em frente ligeiro de mais, sem cogitar de saber se estariam em condições de enfrentar o que lhes viesse ao encontro. A união não foi perfeita, tanto quanto deveria ser e o primeiro obstáculo surgido separou-os com a mesma rapidez com que se uniram. E lá se foi cada um para o seu lado.

EUGÊNIA - Com Diana e Nadinho não acontecerá nada disto e eu lhe digo por que. Ambos tiveram obstáculos e tombaram diante deles. Estão, justamente por isto, ávidos de paz e de amor sereno. Cansaram de agitação, de incerteza, de luta sem alvo certo, das vigílias inquietas e das caminhadas sem destino. Querem segurança, querem ~~certeza~~ certeza, tranquilidade, querem trabalhar, prosperar, querem viver. Eles se juntarão, se completarão e um ajudará o outro a crer no futuro e esquecer o passado.

HERMES - Deus permita que seja realmente assim, mas... e quanto à criança? Nadinho se conformará em ter à sua frente uma lembrança constante daquele que tem sido o grande fantasma de sua vida?

EUGÊNIA - Não conversamos ainda sobre isto, mas eu já pensei numa solução.

HERMES - Garanto que advinho qual é. Você vai pedir à Diana que lhe entregue a criança para você criar; não é isto?

EUGÊNIA - (RINDO) Querido, como você me conhece! Foi exatamente isto que pensei. Você permitiria que eu fizesse isto?

HERMES - Desde que você me convencesse de que eu acabaria querendo bem à criança...

EUGÊNIA - Mas não tenho a menor dúvida de que isto aconteceria logo nos primeiros dias. Com a loucura que você tem por crianças e o coração do tamanho que você possui...

HERMES - É, foi muito bom que tivéssemos falado sobre este assunto porque eu já tinha percebido qualquer coisa da parte dele e me sentia muito intranquilo, acreditando que seria mais uma loucura de Nadinho. Depois desta conversa eu saio daqui convencido de que meu filho, agora, está no caminho certo. Que Deus o ajude e que ele não seja mais uma vez enganado.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

VOZ I - (HESPAÑHOLE) (PROJETANDO) Fernando! (PAUSA) Ôla, Fernando!

FERNANDO - (AFASTADO) Um momento. Já vou em seguida, Pancho.

VOZ I - (PROJETANDO) Hay una carta para usted, llegada recién. Es de Brasil. Es la misma persona que le escribe siempre.

(C/REGRA - PASSOS DE FERNANDO. APROXIMANDO-SE. RÁPIDAMENTE)

FERNANDO - (CHEGANDO) Carta pra mim? Onde é que está?

VOZ I - Acá. Pero me vas a pagar un café esta tarde, han?

FERNANDO - Ah, quer dizer que si eu não pagasse o café, tu não me entregavas a carta, é? Vai castelhano, vai andá, vai. Pagá café mas custa. Tu nunca me pagas nada, porque que eu vou te pagar?

VOZ I - Pucha que sós un ingrato. No te pago café, yo, casi todos los días, caramba?

FERNANDO - Eu acho que sim, mas durante a tua sesta, depois do almoço. Deixas a sesta e sonhas que me pagas café.

VOZ I - Dejá no más. Otre que venga yo la escondo, sí este.

FERNANDO - Mas tu nom é louco, castelhano. Estas cartas são as coisas mais preciosas que eu tenho aqui, tão longe da minha terra e da minha gente.

C/REGRA - RASGAR ENVELOPE. TIRAR CARTA DE DENTRO E ABRIR.

FERNANDO - (LENDO) Fernando, meu grande amor distante. Recebi sua carta, na qual (AFASTANDO) você reclama o acento de grande tristeza que a caracteriza...

MÁRCIA - (APROXIMANDO, LENDO JUNTO COM FERNANDO) ;;; VOCÊ reclama o acento de grande tristeza que a caracteriza. Que quer você que eu faça,

se tenho a alma constantemente envolta em crepe, chorando, de  
desesperada, a sua ausência? Você diz que no momento em que se  
comunica comigo, alegra-se porque se sente mais próximo de mim.  
É muito bom para você que seja assim, comigo, no entanto, já  
é tudo diferente. O papel da carta parece que me dá um noção  
mais nítida da distancia em que vivemos, inundando-me de tris-  
teza, precisamente na hora em que passo a me comunicar com vo-  
cê. E então o que acontece? A minh'alma derrama sobre a folha  
em branco os seus soluços de tristeza e de saudade. Perdõe, que-  
rido, si as minhas cartas não o satisfazem. Si elas devessem  
ser alegres para encorajá-lo e não angustiadas e oprimidas pa-  
ra lhe causar êsse sentimento de tristeza com que você sempre  
as responde. Eu bem quizera ser mais valorosa do que sou, meu  
amor querido. Valorosa e otimista. Mas quem pode comandar o que  
o coração deve sentir? Seria tão bom se pudesse ser assim...  
Ganhei, hoje, de minha madrastra, um bonito lençol americano para  
o meu enxoval. ~~Supra~~ Isto, em outros tempos, teria sido motivo  
de uma alegria desmedida. Hoje, entretanto, ocasionou-me um de-  
s alento tão grande que tive que fazer um esforço enorme para  
fingir uma alegria e um sorriso de agradecimento. É que eu vejo  
o tempo passar e isso me causa um enorme desespero. Você talvez  
não compreenda agora, mas um dia, no futuro, você vai compreen-  
der. Estou projetando, para o próximo mês, uma temporada no cam-  
po para refazer meus nervos em contato mais direto com a natureza.  
O médico aprovou minha ideia e você será avisado quando isto a-  
contecer porque, inclusive, as minhas cartas vão custar, certa-  
mente, muito a chegar, e assim, você estando avisado, já não irá  
extranhar tanto. Nadinho pede-me que o recomende a você. Parece  
que, em breve, você receberá uma carta dele com grandes novida-  
des. É o que também me pede para dizer-lhe. As novidades não de-  
vem ser sobre o assunto do Banco pois a impressão que se tem é  
tudo aquilo permanece em ponto morto. Negligência ou estratage-  
ma? Não se sabe. Bem, querido, espero, muito em breve receber  
novas notícias de você, o que é, sempre, um motivo de alegria

muito grande para mim. (AFASTANDO-SE) Receba, com o meu mais amoroso beijo, toda a minha pungente saudade. Sua, sempre sua Márcia.

FERNANDO - (APROXIMANDO-SE, LENDO JUNTO COM MÁRCIA) Receba, com o meu mais amoroso beijo, toda a minha pungente saudade. Sua, sempre sua, Márcia. (PAUSA) Ela continua cada vez mais triste! Meu Deus, que será que está acontecendo com Márcia? Que será?! Por que esta ida repentina para fora? Por que esse desânimo? Por que esse pessimismo? Alguma coisa deve estar acontecendo que Márcia oculta de mim. Si eu pudesse saber o que é! Si eu pudesse!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Você prometeu pensar nas coisas todas que eu lhe disse e depois me dizer a impressão que elas tivessem deixado em você. Faz quasi uma hora que estamos os dois sósinhos aqui no jardim e até agora você não fez nenhuma referência ao assunto. Por que?

DIANA - Porque estava à espera de que você me perguntasse. | Você não falou nada ao chegar, | eu fiquei sem saber se você ainda estava interessado ou não. | Podia ter se arrependido do seu primeiro ímpeto e não desejar mais falar no assunto. |

NADINHO - Não sei como você pode pensar assim. Há alguma razão que a permita julgar-me assim tão inconstante ou leviano?

DIANA - Óra, vamos, | pelo amor de Deus, Nadinho! | Que é isso?! | (Por favor, eu não pensei nem uma coisa, | nem outra.) | É tão natural a gente ter um impulso, | dizer uma determinada coisa e depois se arrependar... | Isso independe, | completamente, | (da pessoa ser inconstante ou leviana. |

NADINHO - Bem, então agora que você já sabe que eu não me arrependi, nem voltei atrás, faça-me o favor de me transmitir as suas impressões sobre o que eu lhe disse.

DIANA - Bem, | Nadinho, | eu não vou dizer que você não me interesse. | Você é o tipo do rapaz que pode interessar a qualquer garôta. | É bonito, | é simpático, | é agradável, | pertence a uma família maravilhosa na extensão da palavra | e tem capacidade para vir a ser um *hamam*

~~um homem~~ de destaque e de respeito na sociedade. Eu... sou uma mulher marcada, uma mulher ferida, uma mulher que precisa refazer-se do golpe profundo que sofreu, para poder voltar a acreditar no amor. Acho que você pode me interessar e pode me conquistar, mas para que isto aconteça, será necessário darmos tempo ao tempo; entende? Eu quero ser muito honesta com você, Nadinho. Eu não o aceitarei com o sentimento apenas, de que você resolverá o meu problema, face à minha família. Seria uma desonestidade da qual eu nunca me perdoaria. Eu só o aceitarei se chegar a gostar verdadeiramente de você e tiver a certeza de que poderei fazer da sua uma vida digna de ser vivida. Acho, bem francamente, que isto não será difícil de acontecer, mas não quero assumir nenhum compromisso com você sem estar certa de que possuo, para lhe dar, o amor que você deseja e merece.

NADINHO - Que sugere que eu faça, então?

DIANA - Que continuemos, como até aqui, a nos encontrar, a conviver, a conhecer melhor um ao outro, até que tenhamos chegado ao ponto de podermos resolver, com conhecimento de causa, aquilo que desejamos. Você concorda comigo?

NADINHO - Se não há outra alternativa... Eu preferia ter certeza, agora, de que você está tão interessada em mim como eu em você, mas uma vez que isto não é possível, pelas razões que já foram expostas, só me resta aguardar pacientemente o momento da sua decisão.

DIANA - Não fique aborrecido, Nadinho. Pense que a fórmula que eu propuz é a que melhor salvaguarda os seus interesses. Já pensou como seria horrível que eu lhe dissesse sim agora e amanhã ou depois retrocedesse?

NADINHO - É, você talvez tenha razão. Já que vamos tentar um passo tão sério na vida, é preciso que ambos estejamos absolutamente certos daquilo que queremos. Você não se opõe a que eu continue a sonhar com você; se opõe?

**DIANA** - Ora essa, por que? / O sonho é livre, Nadinho; / quando se sonha acordado, está visto. / Você vai sonhar o quanto quiser / e eu vou tentar / acompanhar o seu sonho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

**HELOISA** - Márcia, eu gostaria que você fôsse sincera comigo e me dissesse em que pé está o seu compromisso com Beto. Você sabe porque eu quero saber, não sabe?

**MÁRCIA** - Claro que sei, Heloisa. É o seu interesse de irmã e de amiga. Mas você também sabe a razão porque eu não tenho falado a vocês sobre o assunto; não sabe?

**HELOISA** - Sei que é para nos poupar, mas não concordo com o que você está fazendo. Você chegou a se colocar em posição de perigo, quando procurou nos defender; lembra-se? E agora quer nos deixar à margem de um problema gravíssimo seu? Não pode, Márcia. Nós temos que participar. Nós queremos estar solidários com você. Queremos ajudar a resolver seu problema. Queremos que você discuta conosco o que você pretende fazer, entende? Queremos debater, queremos aconselhar, queremos encontrar uma solução que não seja a do sacrifício máximo, porque quem renuncia ao seu amor, nunca mais encontra felicidade ao lado de quem quer que seja. E em resumo é a sua felicidade que nós queremos defender.

**MÁRCIA** - A minha felicidade ficou condenada à morte desde o dia em que Fernando foi obrigado a fugir daqui, considerado culpado de um crime que pretendia evitar.

**HELOISA** - Mas Fernando não morreu, nem você. Podem ainda vir e encontrar-se na vida e serem muito felizes. E a felicidade conquistada com luta, como seria o caso de vocês, é muito mais completa, muito maior, muito mais viva. Você ainda não marcou casamento com esse peste do Beto; marcou?

**MÁRCIA** - Não. Tenho protelado a data, sempre que ele me pede para marcá-la. Ora por um motivo, ora por outro, sempre por uma desculpa e assim eu o tenho levado, na esperança de que aconteça alguma coisa que me impeça de cumprir a minha palavra, mas parece que Deus está contra mim e não acontece nada.

HELOISA - Mas pode acontecer, ainda. Não desespere. Pode acontecer Márcia. Eu só queria que você me promettesse uma coisa.

MÁRCIA - O que é?

HELOISA - Que você dissesse, ao menos a mim, o dia <sup>que</sup> você marcasse o seu casamento. Você promete?

MÁRCIA - Se você me fizer a promessa de que não procurará desviar-me do cumprimento do meu dever, eu lhe prometo que direi.

HELOISA - Está prometido. Eu não procurarei desviá-la, mas você fica, a partir deste momento, com o compromisso de me avisar a data.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

REGINALDO - Dona Eugênia virá dentro de alguns momentos. Pediu que a senhora tenha a bondade de esperar um pouquinho.

LINDAURA - Pois não, Reginaldo, eu não tenho pressa. Vim cedo demais, parece. Não me lembrei que Eugênia, agora, dorme a sêste, depois do almoço. Antes ela não fazia isto. Cuidava-se muito para não engordar.

REGINALDO - É verdade, sim, mas desde que o doutor Hermes adoeceu que dona Eugênia virou do avêssô. Nem parece mais a mesma criatura.

LINDAURA - É mesmo. Eu não pensei que ela fôsse capaz de uma mudança assim em tempo nenhum da sua vida, mas hoje estou mesmo convencida de que Deus escreve direito por linhas tortas. Fez acontecer tudo que aconteceu para que esta gente aqui despertasse para a realidade da vida que era completamente ~~total~~ diferente daquela que eles imaginavam. Quando digo eles, é lógico que não inclui Hermes que, a emu ver, só teve um grande pecado que foi não ter sabido conter os desatinos da família toda. Mas em fim, tudo passou, tudo é diferente agora, a gente tem que levantar as mãos para o céu e ainda dar graças a Deus do que houve.

REGINALDO - É verdade, sim senhora. Bem, dona Lindaura a senhora vai me dar licença, mas eu deixei o serviço em meio e preciso voltar lá para dentro. Já vou aproveitar e preparar um cafésinho por que sei que dona Eugênia vai pedir.

LINDAURA - Ah vai pedir, sim, que ela sabe que eu gosto muito do cafésinho que você faz.

C/REGRA - PASSOS DE EUGÊNIA QUE SE APROXIMA.

REGINALDO - Com licença. Já vem aí dona Eugênia.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE AFASTA.

EUGÊNIA - Oh, Lindaure, você desculpe a minha demora, sim? (BEIJOS)

LINDAURA - Ora, Eugênia, desculpar o que? Eu é que devo pedir desculpas de ter vindo tão cedo. Vim trazer as camisolas americanas de ban-lon que você me pediu.

EUGÊNIA - Ah, chegaram, é? Que bom!

LINDAURA - Estão aqui nesta maleta. Eu vou deixar com você e logo à tarde, ou amanhã, de manhã passo aqui para saber se você gostou e se quer ficar com alguma.

EUGÊNIA - Os preços estão marcados?

LINDAURA - Na mesma papelota onde está assinalado o tamanho de cada uma. Trouxe, como você pediu, o seu número, o de Heloisa e o de Márcia. E por falar em Márcia? Ela vai casar ou não vai?

EUGÊNIA - Até agora não descobri nada, Lindaure.

LINDAURA - Ah, mas tem que descobrir. A gente não pode ficar assim nesta agonia.

EUGÊNIA - É uma agonia mesmo, mas descanse que assim que eu descobrir, direi a você.

LINDAURA - Quero ver, hein? Eu vou cobrar a promessa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Eu estava ansioso que chegasse a hora de encontrá-la. O relógio parecia que não andava. Você sabe o que é isto aqui?

MÁRCIA - Como posso saber? Si eu tivesse o privilégio de adivinhar...

BETO - É a carta que você me pediu, absolvendo Fernando.

OPERADOR - EXPLOSIÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o quinquagésimo quarto capítulo desta novela de Erico Cramer que a Rádio Gaúcha está apresentando diariamente neste horário, por determinação da Censura Federal. Tomarem parte no capítulo de hoje os seguintes elementos (LÊ A RELACÃO) sob a direção eficiente de PÉPÊ HORNES. Ouça amanhã, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO.